



Dragões<sup>de</sup>  
um  
Alvorecer  
<sup>de</sup>Primavera





## SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *Dragões de um Alvorecer de Primavera / nº 212 da Coleção Bang!*

AUTORIA: *Margaret Weis & Tracy Hickman*

EDITOR: *Luís Corte Real*

*Esta edição © 2013 Edições Saída de Emergência*

*Título original Dragonlance Chronicles – Volume three – Dragons of Spring Dawning © 1985 TSR, Inc. Publicado originalmente nos E.U.A. por TSR, Inc., 1985*

TRADUÇÃO: *Jorge Candeias*

REVISÃO: *Saída de Emergência*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Matthew Stawicki*

ILUSTRAÇÕES DO INTERIOR: *Denis Beauvais*



*Printing in France by CPI Bussière*

1ª EDIÇÃO: *Setembro, 2013*

ISBN: 978-989-637-553-9

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

*R. Adelino Mendes nº 152, Quinta do Choupal 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal*

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

©2000 Wizards of the Coast, Inc.

All rights reserved

*All characters in this book are fictitious. Any resemblance to actual persons, living or dead, is purely coincidental.*

*Any reproduction or unauthorized use of the material or artwork contained herein is prohibited without the express written permission of Wizards of the Coast, Inc.*

*DRAGONLANCE and the Wizards Of The Coast logos are registered trademarks of Wizard of the Coast, Inc.*

*All Wizards of the Coast characters, character names, and the distinctive likenesses thereof are trademarks owned by Wizards of the Coast, Inc.*

U.S., CANADA,  
ASIA, PACIFIC, & LATIN AMERICA  
Wizards of the Coast, Inc.  
P.O. Box 707  
Renton, WA 98057-0707  
+1-800-324-6496



EUROPEAN HEADQUARTERS  
Hasbro UK Ltd  
Caswell Way  
Newport, Gwent NP9 0YH  
GREAT BRITAIN

Visit our web site a [www.wizards.com](http://www.wizards.com)

---

AS CRÓNICAS DE DRAGONLANCE

Dragões<sup>de</sup>  
de um  
Alvorecer  
de Primavera  
VOL. 3

MARGARET WEIS  
& TRACY HICKMAN

*Tradução de Jorge Candeias*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina

---



*A Angel e Curtis, meus filhos, minha esperança e minha vida*

— TRACY RAYE HICKMAN

*Ao Commons Bridge Group, da Universidade de Missouri, 1966-70:  
Nancy Olson, Bill Fisher, Nancy Burnett, Ken Randolph, Ed Bristol, Herb, o  
cozinheiro das batatas fritas,*

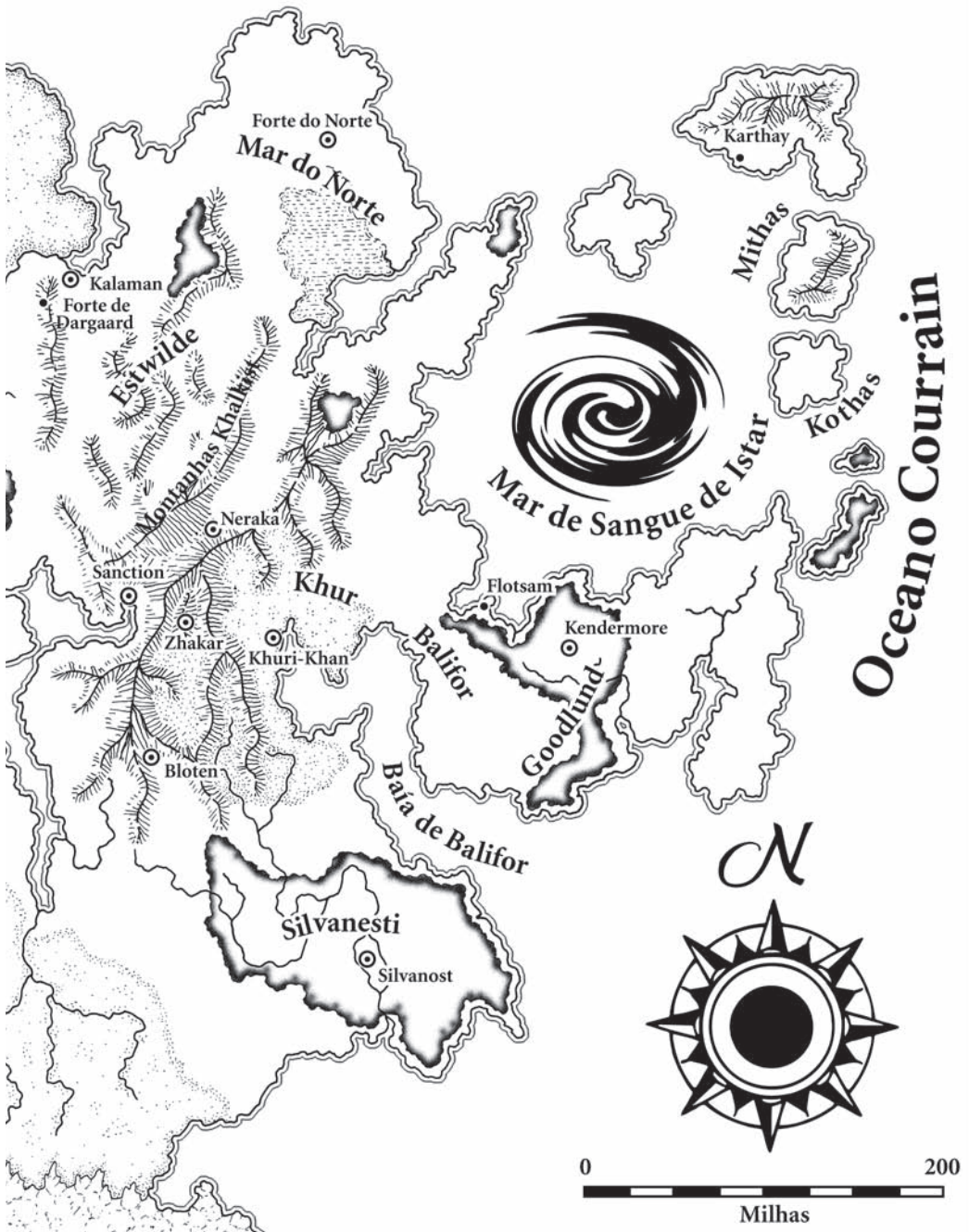
*E à memória de Bob Campbell e John Steele, que morreram no Vietname,  
E ao resto desse maravilhoso grupo de díspares amigos... dedico com carinho  
este livro sobre amigos*

— MARGARET WEIS

# СОПІПЕПТЕ



# APSALON



Oceano Courrain







*Kitiara, de todos os dias, estes dias  
são abalados por escuridão e espera, por arrependimento.  
As nuvens obscurecem a cidade enquanto escrevo isto,  
atrasando o pensamento e a luz do Sol, enquanto as ruas  
pendem entre o dia e as trevas. Eu esperei  
até depois de toda a decisão, até após o coração das sombras  
para te dizer isto.*

*Cresceste em ausências  
mais bela, mais venenosa, foste  
uma essência de orquídeas na noite trémula,  
em que a paixão, como coração atraído por um ribeiro de san-  
gue,  
assassina quatro sentidos, preservando apenas o sabor,  
cedendo a si próprio, achando o sangue seu,  
primeiro uma pequena ferida, mas à medida que o tubarão des-  
fia  
a barriga esfarrapa-se no longo túnel da garganta.  
E sabendo disto, a noite ainda parece uma riqueza,  
um desafio de desejos, terminando em paz,  
ainda quero participar nesses encantos,  
e em meus braços desejo tomá-los nas trevas,  
abençoado e rebatizado pelo prazer;*

*mas a luz,  
a luz, minha Kitiara, quando o sol  
enche de lantejoulas os passeios saciados de chuva, e o azeite  
das lâmpadas apagadas vem à superfície da água ensolarada,  
estilhaçando a luz em arcos-íris! Eu ergo-me,  
e embora a tempestade se instale de novo na cidade,  
penso em Sturm, em Laurana e nos outros,  
mas principalmente em Sturm, ele que consegue ver o Sol  
através do nevoeiro e do dossel de nuvens. Como  
poderia abandoná-los?*

*E assim é para as sombras,  
e não para a tua sombra, mas para o cinzento ávido  
que espera a luz, que eu conduzo a tempestade.*

## O HOMEM ETERNO

— Olha, olha, Berem. Está aqui um caminho... Que estranho. Tantas vezes que viemos caçar para estes bosques e nunca o tínhamos visto.

— Não é assim tão estranho. O incêndio queimou parte da vegetação rasteira, foi só isso. É provável que não passe de um trilho de animais.

— Sigamo-lo. Se for um trilho de animais, talvez encontremos um veado. Passámos o dia inteiro à caça e não apanhámos nada. Detesto ir para casa de mãos vazias.

Sem esperar pela minha resposta, ela vira para o trilho. Encolhendo os ombros, sigo-a. É agradável estar hoje no exterior, o primeiro dia quente depois do amargo frio do inverno. Sinto o sol quente no pescoço e nos ombros. Caminhar pela floresta devastada pelo fogo é fácil. Não há trepadeiras a prender-nos. Não há vegetação rasteira a agarrar-se-nos à roupa. Um relâmpago, provavelmente naquela trovoada que houve no fim do outono.

Mas caminhamos durante muito tempo e eu finalmente começo a cansar-me. Ela está enganada — isto não é nenhum trilho de animais. É um caminho feito pelo homem, e antigo. Não é provável que encontremos caça. A mesma coisa que aconteceu o dia inteiro. O incêndio, depois o inverno duro: os animais ou morreram ou se foram embora. Não vai haver carne fresca esta noite.

Mais caminhada. O Sol está alto no céu. Estou cansado, com fome. Não houve qualquer sinal de nenhuma criatura viva.

— Voltemos para trás, irmã. Não há nada aqui...

Ela para, suspirando. Apercebo-me de que tem calor, está cansada e de-

sencorajada. E está demasiado magra. Trabalha de mais, fazendo o trabalho das mulheres e também o dos homens. Está numa caçada quando devia estar em casa, a receber promessas de pretendentes. É bonita, acho eu. As pessoas dizem que somos parecidos, mas eu sei que se enganam. É só por sermos tão chegados — mais chegados do que outros irmãos e irmãs. Mas tivemos de o ser. A nossa vida foi tão dura...

— Suponho que tens razão, Berem. Não vi nenhum sinal... Espera, irmão... Olha ali em frente. O que é aquilo?

Vejo uma refulgência brilhante e cintilante, uma miríade de cores a dançar à luz do Sol — como se todas as joias de Krynn estivessem empilhadas num cesto.

Os olhos dela esbugalham-se.

— Talvez sejam as portas do arco-íris!

Ah! Estúpida ideia de menina. Rio-me, mas dou por mim a correr em frente. É difícil apanhá-la. Embora eu seja maior e mais forte, ela é célere como uma corça.

Chegamos a uma clareira na floresta. Se o relâmpago atingiu esta floresta, este deve ter sido o local onde o fez. A terra em volta está chamuscada e rebentada. Reparo que em tempos houve aqui um edifício. Colunas arruinadas e quebradas projetam-se do solo enegrecido como ossos quebrados a erguer-se de áspera carne em putrefação. Uma sensação opressiva paira sobre o lugar. Nada ali cresce, e há muitas primaveras que nada ali cresce. Quero ir-me embora, mas não consigo...

À minha frente está a visão mais bela, mais maravilhosa que eu tive na vida, nos sonhos... Um bocado de uma coluna de pedra, cravejada de joias! Nada sei sobre pedras preciosas, mas consigo ver que aquelas são inacreditavelmente valiosas! O meu corpo começa a tremer. Correndo em frente, ajoelho-me ao lado da pedra rebentada pelo incêndio e sacudo o pó e a sujidade.

Ela ajoelha a meu lado.

— Berem! Que maravilha! Alguma vez viste algo parecido? Que joias tão lindas num lugar tão horrível. — Olha em volta e sinto-a tremer. — Pergunto a mim própria o que isto era. Dá uma sensação tão solene, uma sensação sagrada. Mas também maligna. Deve ter sido um templo antes do Cataclismo. Um templo aos deuses do mal... Berem! Que estás a fazer?

Puxei pela faca de caça e começo a lascar a pedra que rodeia uma das joias — uma radiante pedra verde. É tão grande como o meu punho e cintila mais brilhantemente do que o Sol a brilhar em folhas verdes. A pedra à sua volta cede facilmente sob a lâmina da minha faca.

— Para com isso, Berem! — A voz dela é esganiçada. — É... é uma profanação! Este lugar é sagrado para algum deus! Eu sei que é!

*Sinto o cristal frio da pedra preciosa, mas ele arde com um fogo interior verde! Ignoro os protestos dela.*

*— Bah! Há bocado dizias que isto eram as portas do arco-íris! Tinhas razão! Encontrámos a nossa fortuna, como diz a velha história. Se este lugar foi sagrado para os deuses, eles devem tê-lo abandonado há anos. Olha em volta, isto não passa de entulho! Se o quisessem, deviam ter cuidado dele. Os deuses não se vão importar se eu levar algumas destas joias...*

*— Berem!*

*Uma orla de medo na voz dela! Está mesmo assustada! Tola rapariga. Está a começar a irritar-me. A pedra preciosa está quase livre. Consigo abaná-la.*

*— Olha, Jasla. — Estou a tremer de entusiasmo. Mal consigo falar. — Agora não temos nada de que viver... com o incêndio e o inverno duro. Estas joias vão dar-nos dinheiro suficiente no mercado de Gargath para nos mudarmos para fora deste sítio desgraçado. Vamos para uma cidade, talvez Palanthalas! Sabes que querias ver as maravilhas de lá...*

*— Não! Berem, proíbo-o! Estás a cometer sacrilégio!*

*A voz dela é severa. Nunca a vi assim. Por um momento, hesito. Recuo, afastando-me da coluna quebrada de pedra com o seu arco-íris de joias. Também eu estou a começar a sentir algo de assustador e maligno naquele lugar. Mas as joias são tão belas! Enquanto as fito, reluzem e cintilam à luz do Sol. Não está ali deus algum. Nenhum deus se preocupa com elas. Nenhum deus lhes sentirá a falta. Embutidas numa velha coluna que está a ruir e quebrada.*

*Estendo a mão para arrancar a joia da pedra com a faca. É de um verde tão rico, brilha tão vivamente como o sol de primavera através das folhas novas das árvores...*

*— Berem! Para!*

*A mão dela agarra o meu braço, as suas unhas enterram-se na minha carne. Magoa... Zango-me e, como por vezes acontece quando me zango, uma névoa obscurece-me a visão e sinto algo de sufocante a crescer dentro de mim. A minha cabeça lateja até que parece que os meus olhos têm de saltar das órbitas.*

*— Deixa-me em paz! — Ouço uma voz a rugir... a minha!*

*Empurro-a...*

*Ela cai...*

*Acontece tudo tão lentamente. Ela está eternamente a cair. Não queria... quero apanhá-la... Mas não me consigo mexer.*

*Ela cai contra a coluna quebrada.*

*Sangue... sangue...*

*— Jas! — sussurro, erguendo-a nos meus braços.*

*Mas ela não responde. Sangue cobre as joias. Estas já não cintilam. Tal como os olhos dela. A luz desapareceu...*

*E então o chão abre-se! Colunas erguem-se do solo enegrecido e rebentado, espiralando para o ar! Uma grande escuridão aparece e eu sinto uma dor horrível e ardente no peito...*

— Berem!

Maquesta estava em pé na coberta de proa, fitando furiosa o timoneiro.

— Berem, já te disse. Prepara-se um vendaval. Quero o navio reforçado. Que estás a fazer? Aqui em pé, a ver o mar. Estás a treinar para seres o quê? Um monumento? Põe-te a mexer, marinheiro de água doce! Não pago bons salários a estátuas!

Berem sobressaltou-se. O seu rosto empalideceu e, perante a irritação de Maquesta, ele encolheu-se de uma maneira tão digna de dó que a capitã do *Perechon* sentiu que estava a atirar a fúria contra uma criança impotente.

*É isso que ele é, fez ela lembrar fatigadamente a si própria.* Embora devesse ter uns cinquenta ou sessenta anos, embora fosse um dos melhores timoneiros com que já velejara, mentalmente era ainda uma criança.

— Desculpa, Berem — disse Maq, suspirando. — Não queria gritar contigo. É só que a tempestade... deixa-me nervosa. Pronto, pronto. Não me olhes assim. Como gostava que conseguisses falar! Gostava de saber o que se passa nessa tua cabeça... se é que há lá alguma coisa! Bem, deixa lá. Cuida dos teus deveres e depois vai para baixo. É melhor habituares-te a ficar deitado no beliche durante alguns dias até que o vendaval se esgote.

Berem sorriu-lhe — o sorriso simples e sem maldade de uma criança.

Maquesta respondeu ao sorriso, abanando a cabeça. Depois apressou-se a ir embora, com os pensamentos ocupados com deixar o seu amado navio preparado para ultrapassar o vendaval. Pelo canto do olho, viu Berem a mexer-se e depois prontamente o esqueceu quando o imediato subiu a bordo e relatou que encontrara a maior parte da tripulação, e que só cerca de um terço dos seus membros estavam tão bêbados que não tinham préstimo...

Berem deitou-se na cama de rede pendurada no alojamento da tripulação do *Perechon*. A rede oscilou violentamente de um lado para o outro quando os primeiros ventos do vendaval atingiram o *Perechon*, ancorado no porto de Flotsam, no Mar de Sangue de Istar. Pondo as mãos — as mãos que pareciam demasiado jovens para o corpo de um humano de cinquenta anos — sob a cabeça, Berem fitou a lâmpada que oscilava, pendurada das tábuas de madeira por cima dele.

...

— Olha, olha, Berem. Está aqui um caminho... Que estranho. Tantas vezes que viemos caçar para estes bosques e nunca o tínhamos visto.

— Não é assim tão estranho. O incêndio queimou parte da vegetação rasteira, foi só isso. É provável que não passe de um trilho de animais.

— Sigamo-lo. Se for um trilho de animais, talvez encontremos um veado. Passámos o dia inteiro à caça e não apanhámos nada. Detesto ir para casa de mãos vazias.

Sem esperar pela minha resposta, ela vira para o trilho. Encolhendo os ombros, sigo-a. É agradável estar hoje no exterior, o primeiro dia quente depois do amargo frio do inverno. Sinto o sol quente no pescoço e nos ombros. Caminhar pela floresta devastada pelo fogo é fácil. Não há trepadeiras a prender-nos. Não há vegetação rasteira a agarrar-se-nos à roupa. Um relâmpago, provavelmente naquela trovoada que houve no fim do outono...





# LIVRO I



**FUGA DAS TREVAS PARA AS TREVAS.**

O oficial do exército dos dragões desceu lentamente a escada do segundo andar da Estalagem da Brisa Salgada. Passava da meia-noite. A maior parte dos fregueses da estalagem já tinha ido há muito para a cama. O único som que o oficial conseguia ouvir era o bater das ondas da Baía de Sangue nas rochas, lá em baixo.

O oficial fez um momento de pausa no patamar, deitando um rápido olhar penetrante à sala comum que se estendia abaixo de si. Estava vazia, à exceção de um draconiano estendido numa mesa, a ressonar ruidosamente numa inconsciência ébria. As asas do homem-dragão estremeciam a cada ronco. A mesa de madeira rangia e oscilava por baixo dele.

O oficial fez um sorriso amargo, após o que continuou a descer a escada. Estava vestido com a armadura de escamas de dragão em aço copiada da verdadeira armadura de escamas de dragão dos Senhores dos Dragões. O elmo cobria-lhe a cabeça e a face, tornando difícil ver-lhe as feições. Tudo o que estava visível sob a sombra que o elmo deitava era uma barba de um castanho-avermelhado que o identificava — racialmente — como humano.

Ao fundo das escadas, o oficial parou de súbito, aparentemente embaraçado por ver o estalajadeiro, ainda acordado e a bocejar em volta dos seus livros de contas. Após um ligeiro aceno, o oficial dos dragões pareceu preparar-se para sair da estalagem sem falar, mas o estalajadeiro fê-lo parar com uma pergunta.

— Esperais o Senhor esta noite?

O oficial parou e virou-se parcialmente. Mantendo a face desviada, pegou num par de luvas e começou a calçá-las. O tempo estava amargamente gélido. A cidade marítima de Flotsam estava nas garras de uma tempestade de inverno como nunca experimentara nos seus trezentos anos de existência na costa da Baía de Sangue.

— Com este tempo? — O oficial do exército dos dragões soltou uma fungadela. — Pouco provável! Nem mesmo os dragões conseguem ultrapassar estes ventos de vendaval!

— É verdade. Não está boa noite lá fora nem para homens, nem para animais — concordou o estalajadeiro. Mirou o oficial dos dragões com astúcia. — Nesse caso, que afazer tendes vós que vos leva a sair para uma tempestade destas?

O oficial do exército dos dragões olhou friamente para o estalajadeiro.

— Não me parece que seja da tua conta onde eu vou ou o que faço.

— Sem ofensa — disse rapidamente o estalajadeiro, erguendo as mãos como quem se protege de algum golpe. — É só que se o Senhor regressar e calhar sentir-vos a falta, ficarei feliz por lhe dizer onde poderá encontrar-vos.

— Isso não será necessário — resmungou o oficial. — Eu... deixei-lhe um... uma nota... explicando a minha ausência. Além do mais, estarei de regresso antes da manhã. Eu... só preciso de respirar um pouco de ar. Nada mais.

— Não duvido disso! — disse o estalajadeiro com um risinho. — Não saís do quarto dela há três dias! Ou será que devo dizer três noites? Vá, não vos irriteis — isto ao ver o oficial corar furiosamente sob o elmo — eu admiro o homem que a consegue manter satisfeita durante tanto tempo! Para onde foi ela?

— Foi chamada para lidar com um problema a oeste, algures nas imediações de Solamnia — respondeu o oficial, franzindo o sobrolho. — E se fosse a ti, não faria mais perguntas sobre os seus assuntos.

— Não, não — respondeu apressadamente o estalajadeiro. — Certamente que não. Bem, desejo-vos uma boa noite. Como vos chamais? Ela apresentou-nos, mas eu não apanhei o nome.

— Tanis — disse o oficial, com a voz abafada. — Tanis Meio Elfo. E uma boa noite para ti também.

Acenando friamente, o oficial deu às luvas um último puxão com força e depois, enrolando-se no manto, abriu a porta da estalagem e saiu para a tempestade. O vento violento penetrou na sala, apagando velas e espalhando os papéis do estalajadeiro. Por um momento, o oficial lutou com a pesada porta enquanto o estalajadeiro praguejava com fluência e tentava apanhar as contas que o vento dispersara. Por fim, o oficial obteve sucesso

em fechar com estrondo a porta atrás de si, voltando a deixar a estalagem pacífica, sossegada e quente.

Olhando para o sítio por onde ele saíra, o estalajadeiro viu o oficial passar pela janela da frente, com a cabeça dobrada contra o vento e o manto a esvoaçar atrás de si.

Uma outra figura também observou o oficial. No instante em que a porta se fechou, o draconiano bêbado levantou a cabeça, com os olhos negros e reptilianos a reluzir. Furtivamente, levantou-se da mesa, com passos rápidos e seguros. Avançando com ligeireza sobre pés providos de garras, deslizou até à janela e espreitou para fora. Durante alguns momentos, o draconiano aguardou, após o que também ele abriu a porta e desapareceu na tempestade.

Pela janela, o estalajadeiro viu o draconiano dirigir-se na mesma direção do oficial do exército dos dragões. Indo até à janela, o estalajadeiro espreitou pelo vidro. A rua estava violenta e escura, os altos braseiros de ferro que continham piche em chamas crepitavam e tremeluziam ao vento e à chuva torrencial. Mas o estalajadeiro julgou ver o oficial do exército dos dragões virar para uma rua que levava à parte principal da cidade. Esgueirando-se atrás dele, mantendo-se nas sombras, ia o draconiano.

Abanando a cabeça, o estalajadeiro acordou o empregado do turno da noite, que dormitava numa cadeira atrás do balcão.

— Tenho a sensação de que o Senhor chegará esta noite, com tempestade ou sem ela — disse o estalajadeiro ao ensonado empregado. — Acorda-me se assim for.

Estremecendo, voltou uma vez mais a deitar um relance à noite lá fora, vendo com o olho da mente o oficial do exército dos dragões a percorrer as ruas vazias de Flotsam, enquanto a figura sombria do draconiano se esgueirava atrás dele.

— Pensando melhor — murmurou o estalajadeiro — deixa-me dormir.

A tempestade fechara Flotsam naquela noite. Os bares que normalmente ficavam abertos até a alvorada se introduzir, perdida, pelas suas janelas fuliginosas estavam trancados e com as portadas corridas contra o vendaval. As ruas estavam desertas, e ninguém se aventurava a sair para ventos capazes de derrubar um homem e de trespassar até a roupa mais quente com um frio mordente.

Tanis caminhou em passo rápido, com a cabeça baixa, mantendo-se próximo dos edifícios enegrecidos que quebravam a força do vendaval. A sua barba depressa ficou orlada de gelo. Chuva gelada picava-lhe dolorosamente a face. O meio elfo tremia de frio, amaldiçoando o frio metal

da armadura de dragão encostado à sua pele. Olhando ocasionalmente para trás, procurava ver se alguém mostrara algum interesse incomum pela sua saída da estalagem. Mas a visibilidade estava reduzida a quase nada. Chuva e gelo húmido rodopiavam à sua volta de tal maneira que mal conseguia ver os edifícios altos que se erguiam nas trevas, quanto mais outras coisas. Passado algum tempo, apercebeu-se de que era melhor concentrar-se em descobrir o caminho pela cidade. Depressa ficou tão entorpecido de frio que lhe deixou de importar particularmente se alguém o seguia ou não.

Não estava há muito tempo na cidade de Flotsam — havia só quatro dias, para ser preciso. E a maior parte desses dias tinham sido passados com ela.

Tanis afastou essa ideia da mente enquanto olhava através da chuva em busca de placas toponímicas. Sabia só vagamente para onde se dirigia. Os amigos estavam numa estalagem situada algures no limite da cidade, longe do cais, longe dos bares e bordéis. Por um momento perguntou a si próprio, em desespero, o que faria se se perdesse. Não se atreveria a perguntar por eles...

E então encontrou-a. Tropeçando ao longo das ruas desertas, escorregando no gelo, quase soluçou de alívio quando viu a tabuleta a oscilar violentamente ao vento. Não fora capaz de se lembrar do nome, mas agora reconhecia-o — Os Pontões.

Um nome estúpido para uma estalagem, pensou, tremendo tanto com o frio que mal conseguiu agarrar a maçaneta. Abrindo a porta, foi soprado para dentro pela força do vento, e foi com esforço que conseguiu fechar a porta atrás de si.

Não havia empregado de serviço à noite, num sítio miserável como aquele isso era algo que se desconhecia. À luz de um fogo que fumegava na grelha sujíssima, Tanis viu um toco de vela em cima da mesa, aparentemente para uso de hóspedes que aparecessem a desoras. As mãos tremiam-lhe tanto que mal conseguiu usar a pederneira. Passado um momento, forçou os dedos entorpecidos pelo frio a funcionar, acendeu a vela e subiu ao primeiro andar à débil luz que ela deitava.

Se se tivesse virado e olhado pela janela, teria visto uma figura sombria a comprimir-se numa porta do outro lado da rua. Mas Tanis não olhou pela janela atrás de si, os seus olhos estavam postos na escada.

— Caramon!

O grande guerreiro sentou-se repentinamente na cama, com a mão a estender-se por reflexo para a espada mesmo antes de se virar para o irmão, interrogando-o com o olhar.

— Ouvi um ruído lá fora — sussurrou Raistlin. — O som de uma baí-  
nha a tinir de encontro a uma armadura.

Caramon sacudiu a cabeça, tentando afastar o sono, e saiu da cama de  
espada na mão. Deslizou na direção da porta até também ele ouvir o baru-  
lho que interrompera o sono leve do irmão. Um homem vestido de arma-  
dura estaria a caminhar furtivamente pelo corredor que levava aos quartos  
deles. De seguida, Caramon viu o ténue brilho da luz de uma vela por baixo  
da porta. O som de armadura a tinir parou, mesmo à porta do quarto.

Agarrando na espada, Caramon fez sinal ao irmão. Raistlin concordou  
com a cabeça e fundiu-se com as sombras. Tinha os olhos abstratos. Cha-  
mava à memória um feitiço. Os gémeos operavam bem juntos, combinan-  
do com eficácia a magia e o aço para derrotar os inimigos.

A luz da vela sob a porta oscilou. O homem devia estar a transferir a  
vela para a outra mão, libertando a da espada. Estendendo a sua, Caramon  
destrancou a porta em silêncio e lentamente. Esperou um momento. Nada  
aconteceu. O homem hesitava, talvez perguntando a si próprio se aquele se-  
ria o quarto certo. Descobriria bem depressa, pensou Caramon de si para si.

Caramon abriu a porta com um puxão repentino. Contornando-a de  
um salto, agarrou a figura escura e arrastou-a para dentro. Com toda a força  
dos seus braços musculosos, o guerreiro atirou ao chão o homem vestido  
de armadura. A vela caiu, a sua chama extinguindo-se em cera derretida.  
Raistlin começou a entoar um feitiço que encurralaria a vítima numa subs-  
tância pegajosa semelhante a uma teia.

— Espera! Raistlin, para! — gritou o homem. Reconhecendo a voz,  
Caramon agarrou o irmão, sacudindo-o para quebrar a concentração do  
feitiço.

— Raist! É o Tanis!

Estremecendo, Raistlin saiu do transe, deixando cair os braços sem for-  
ça aos lados do corpo. Depois desatou a tossir, agarrando-se ao peito.

Caramon deitou um olhar ansioso ao gémeo, mas Raistlin afastou-o  
com um gesto de mão. Virando-se, Caramon baixou a mão para ajudar o  
meio elfo a pôr-se em pé.

— Tanis! — gritou, quase sufocando o amigo com um abraço entu-  
siástico. — Onde estiveste? Estávamos doentes de cuidados. Por todos os  
deuses, estás gelado! Vem cá, eu avivo-te o fogo. Raist — Caramon virou-se  
para o irmão — tens a certeza que estás bem?

— Não te preocupes comigo! — sussurrou Raistlin. O mago voltou  
a cair na cama, arquejante. Os seus olhos brilharam dourados à luz mais  
intensa do fogo quando fitou o meio elfo, o qual se encolhia, grato, junto às  
chamas. — É melhor ires buscar os outros.

— Certo. — Caramon começou a sair porta fora.

— Eu vestia qualquer coisa primeiro — comentou Raistlin num tom cáustico.

Corando, Caramon correu para a cama e agarrou num par de bragas de couro. Vestindo-as, enfiou uma camisa pela cabeça e depois saiu para o corredor, fechando suavemente a porta atrás de si. Tanis e Raistlin ouviram-no a bater com cuidado à porta dos amigos das planícies. Ouviram a severa resposta de Vento do Rio e a explicação apressada e excitada de Caramon.

Tanis olhou para Raistlin de relance, viu os estranhos olhos em forma de ampulheta do mago focados nele com um olhar penetrante e virou-se desconfortavelmente para fitar o fogo.

— Onde estiveste tu, Meio Elfo? — perguntou Raistlin com a sua voz baixa e sussurrante.

Tanis engoliu em seco, nervoso.

— Fui capturado por um Senhor dos Dragões — disse, recitando a resposta que preparara. — O Senhor julgou que eu era um dos seus oficiais, naturalmente, e pediu-me para o escoltar até junto das suas tropas, que estão estacionadas fora da cidade. Claro que tive de fazer o que ele pediu para não o deixar desconfiado. Finalmente, esta noite, consegui afastar-me.

— Interessante. — Raistlin tossiu a palavra.

Tanis deitou-lhe um relance cortante.

— O que é que é interessante?

— Nunca te tinha ouvido mentir, Meio Elfo — disse Raistlin em voz baixa. — É... bastante... fascinante.

Tanis abriu a boca mas, antes de ter tempo de responder, Caramon regressou, seguido por Vento do Rio, Lua Dourada e Tika, que bocejavam, sonolentos.

Correndo para ele, Lua Dourada deu um rápido abraço a Tanis.

— Meu amigo! — disse com uma voz entrecortada, apertando-se com força contra ele. — Temos estado tão preocupados...

Vento do Rio agarrou Tanis pela mão, com o rosto habitualmente severo descontraído num sorriso. Pegou na mulher com gentileza e afastou-a do abraço de Tanis, mas foi só para lhe tomar o lugar.

— Irmão! — disse Vento do Rio em que-shu, o dialeto do povo das planícies, abraçando o meio elfo com força. — Temíamos que tivesses sido capturado! Morto! Não sabíamos...

— Que aconteceu? Onde estiveste? — perguntou Tika ansiosamente, avançando para abraçar Tanis.

Tanis olhou para Raistlin, mas este estava deitado sobre a almofada dura, com os estranhos olhos fixos no teto, aparentemente desinteressado de tudo o que era dito.

Pigarreando, embaraçado, intensamente consciente de que Raistlin o



escutava, Tanis repetiu a história. Os outros seguiram-na com expressões de interesse e simpatia. Ocasionalmente, faziam perguntas. Quem era esse Senhor? De que tamanho era o exército? Onde se localizava? Que estavam os draconianos a fazer em Flotsam? Andavam mesmo à procura deles? Como tinha Tanis fugido?

Tanis respondeu sem hesitação. No que tocava ao Senhor, não o vira muito. Não sabia quem era. O exército não era grande. Estava posicionado nos arredores da cidade. Os draconianos andavam em busca de alguém, mas não deles. Andavam à procura de um humano chamado Berem, ou algo estranho do género.

Ao dizer aquilo, Tanis deitou um rápido olhar a Caramon, mas a cara do grandalhão não revelou qualquer sinal de reconhecimento. Tanis respirou mais facilmente. Ótimo, Caramon não se lembrava do homem que tinham visto a remendar a vela no *Perechon*. Ou não se lembrava ou não ouvira o nome do homem. De uma forma ou de outra, estava bem.

Os outros acenaram com as cabeças, absorvidos na sua história. Tanis suspirou de alívio. E quanto a Raistlin... bem, na verdade não importava o que o mago pensasse ou dissesse. Os outros acreditariam mais em Tanis do que em Raistlin mesmo se o meio elfo afirmasse que o dia era noite. Sem dúvida que Raistlin o sabia, e por isso não lançara dúvidas sobre a história de Tanis. Sentindo-se infeliz, esperando que ninguém lhe fizesse mais perguntas, forçando-o a atolar-se mais profundamente em mentiras, Tanis bocejou e gemeu como se estivesse irresistivelmente exausto.

Lua Dourada pôs-se imediatamente em pé, com o rosto suavizado pela preocupação.

— Desculpa, Tanis — disse, com gentileza. — Fomos egoístas. Tens frio e estás cansado, e nós mantivemos-te a falar. E temos de estar a pé amanhã cedo para embarcarmos no navio.

— Raios te partam, Lua Dourada! Não sejas parva! Não vamos embarcar em navio nenhum com este vendaval! — rosnou Tanis.

Toda a gente o fitou, atónita, e até Raistlin se sentou. Os olhos de Lua Dourada estavam escuros de dor, o seu rosto mostrava uma expressão rígida, fazendo lembrar ao meio elfo que ninguém lhe falava naquele tom. Vento do Rio pôs-se a seu lado, com uma expressão perturbada na cara.

O silêncio tornou-se desconfortável. Por fim, Caramon limpou a garganta com um ruído surdo.

— Se não pudermos partir amanhã, tentaremos no dia seguinte — disse, desconfortável. — Não te preocupes com isso, Tanis. Os draconianos não sairão com este tempo. Estamos em segurança...

— Eu sei. Desculpem — murmurou o meio elfo. — Não queria falar-te mal, Lua Dourada. Estes últimos dias foram... deram-me cabo dos nervos.

Estou tão cansado que não consigo pensar como deve ser. Vou para o meu quarto.

— O estalajadeiro deu-o a outra pessoa — disse Caramon, após o que acrescentou à pressa: — Mas podes dormir aqui, Tanis. Fica com a minha cama...

— Não, vou simplesmente deitar-me no chão. — Evitando o olhar de Lua Dourada, Tanis começou a desafivelar a armadura dos dragões, com os olhos firmemente fixos nos dedos trémulos.

— Dorme bem, amigo — disse Lua Dourada em voz baixa.

Ouvindo a preocupação na voz dela, Tanis imaginou-a a trocar olhares cheios de compaixão com Vento do Rio. A mão do homem das planícies surgiu no seu ombro, dando-lhe uma palmadinha compreensiva. Depois foram-se embora. Tika também saiu, fechando a porta atrás de si depois de murmurar boa-noite.

— Vem cá, deixa-me ajudar-te — ofereceu-se Caramon, sabendo que Tanis, pouco habituado a usar armadura de aço, achava difícil lidar com as intrincadas fivelas e correias. — Queres que te arranje qualquer coisa para comer? Para beber? Um pouco de vinho temperado?

— Não — disse fatigadamente Tanis, despojando-se da armadura com alívio, tentando não se lembrar de que dentro de poucas horas teria de voltar a envergá-la. — Só preciso de dormir.

— Toma... pelo menos aceita a minha manta — insistiu Caramon, vendo que o meio elfo estava a tremer de frio.

Tanis aceitou a manta com gratidão, embora não soubesse bem se estava a tremer de frio ou da violência das suas emoções turbulentas. Deitando-se, envolveu-se tanto na manta como no seu manto. Depois fechou os olhos e concentrou-se em tornar a respiração firme e regular, sabendo que a mãe galinha, Caramon, nunca adormeceria até se certificar de que Tanis estava a descansar confortavelmente. Depressa ouviu Caramon meter-se na cama. O fogo perdeu intensidade, a escuridão caiu. Após um momento, ouviu o ressonar trovejante de Caramon. Na outra cama, ouvia os ataques de tosse de Raistlin.

Quando ganhou a certeza de que ambos os gémeos estavam adormecidos, Tanis esticou-se, pondo as mãos debaixo da cabeça. Ficou deitado, acordado, a fitar as trevas.

Era perto da manhã quando o Senhor dos Dragões chegou à Estalagem da Brisa Salgada. O empregado do turno da noite viu imediatamente que o Senhor vinha de mau humor. Abrindo a porta com mais força do que os ventos de vendaval, olhou furiosa para o interior da estalagem, como se o calor e o conforto fossem ofensivos. Na verdade, ela parecia combinar com

a tempestade lá fora. Foi ela, não o vento uivante, que fez as velas tremeluzir. Foi ela quem trouxe a escuridão para o interior. O empregado pôs-se aos tropeções em pé, temeroso, mas os olhos do Senhor não estavam postos nele. Kitiara estava a fitar um draconiano, que se encontrava sentado a uma mesa, e que assinalou, através de um pestanejo quase impercetível dos escuros olhos reptilianos, que havia algo de errado.

Por trás da hedionda máscara de dragão, os olhos do Senhor estreitaram-se de forma alarmante, e a sua expressão arrefeceu. Ficou um momento parada à porta, ignorando o vento gelado que soprava pela estalagem, sacudindo o manto à sua volta.

— Sobe — acabou por dizer, sem delicadeza, ao draconiano.

A criatura acenou com a cabeça e seguiu-a, fazendo o soalho de madeira estalar com os pés providos de garras.

— Há alguma coisa... — começou o empregado, encolhendo-se quando a porta se fechou com um estrondo ensurdecedor.

— Não! — rosnou Kitiara. Com a mão no cabo da espada, passou a passos largos pelo homem trémulo sem lhe deitar um olhar e subiu a escada para os seus aposentos, deixando o homem voltar a sentar-se, abalado, na cadeira.

Atrapalhando-se com a chave, Kitiara abriu a porta com violência. Varreu o quarto com um olhar rápido.

Estava vazio.

O draconiano aguardava a seu lado, num silêncio paciente.

Furiosa, Kitiara puxou violentamente pelas dobradiças da máscara de dragão e arrancou-a. Atirando-a para cima da cama, falou por cima do ombro.

— Entra e fecha a porta!

O draconiano fez o que lhe foi ordenado, fechando suavemente a porta.

Kitiara não se virou para encarar a criatura. De mãos nas ancas, fitou com amargura a cama desfeita.

— Quer dizer que ele se foi embora. — Era uma afirmação, não uma pergunta.

— Sim, Senhor — ciciou o draconiano na sua voz sibilante.

— Seguiste-o, como eu ordenei?

— Claro, Senhor. — O draconiano fez uma vénia.

— Para onde foi ele?

Kitiara passou uma mão pelo cabelo escuro e encaracolado. Ainda não se virara. O draconiano não lhe conseguia ver o rosto, e não fazia a menor ideia que emoções, se é que alguma havia, ela estava a manter ocultas.

— Uma estalagem, Senhor. Perto do limite da cidade. Chamada Os Pontões.

— Outra mulher? — A voz do Senhor estava tensa.

— Julgo que não, Senhor. — O draconiano ocultou um sorriso. — Creio que tem lá amigos. Houve relatórios de forasteiros alojados na estalagem, mas como não correspondiam à descrição do Homem da Pedra Verde, não os investigámos.

— Está lá alguém agora, de vigia?

— Com certeza, Senhor. Sereis imediatamente informada se ele... ou qualquer outro... abandonar o edifício.

O Senhor ficou em silêncio por um momento, após o que deu meia-volta. Tinha o rosto frio e calmo, embora extremamente pálido. *Mas há vários fatores que podem explicar a palidez*, pensou o draconiano. O voo desde a Torre do Alto Clerista era longo, dizia-se que os exércitos dela tinham aí sofrido uma dura derrota, a lendária Lança de Dragão tinha reaparecido, bem como as orbes de dragão. E depois havia o falhanço em encontrar o Homem da Pedra Verde, tão desesperadamente procurado pela Rainha das Trevas, e que se dizia ter sido avistado em Flotsam. *O Senhor tem muitas coisas com que se preocupar*, pensou o draconiano com divertimento. Porquê preocupar-se com um homem? Possuía fartura de amantes, a maioria muito mais encantadores, muito mais ansiosos por agradar do que aquele meio elfo mal-humorado. Bakaris, por exemplo...

— Agiste bem — disse Kitiara por fim, interrompendo as reflexões do draconiano. Despindo a armadura com uma descuidada falta de modéstia, fez um aceno negligente com a mão. Quase parecia de novo ela mesma. — Serás recompensado. Agora deixa-me só.

O draconiano fez outra vénia e saiu, de olhos fitos no chão. A criatura não se deixou enganar. Ao sair, o homem-dragão viu o olhar do Senhor cair sobre um bocado de pergaminho pousado na mesa. O draconiano vira esse pergaminho ao entrar. A criatura reparara que estava coberto com palavras escritas numa delicada letra élfica. Quando o draconiano fechou a porta, ouviu-se um estrondo, o som de um bocado de armadura a ser atirado com toda a força contra uma parede.

**PERSEGUIÇÃO.**

O vendaval esgotou-se durante a madrugada. O som da água a pingar monotonamente das caleiras ressoava na cabeça dorida de Tanis, levando-o quase a desejar o regresso do vento uivante. O céu estava cinzento e baixo. O seu peso de chumbo sobrecarregava o meio elfo.

— O mar deve estar alteroso — disse Caramon com ar sábio. Tendo escutado com entusiasmo as histórias marítimas que lhes tinham sido contadas por William, o estalajadeiro do Porco e Assobio em Port Balifor, Caramon considerava-se em certa medida especialista em assuntos náuticos. Nenhum dos outros o contestou, visto que nada sabiam sobre o mar. Só Raistlin olhou para Caramon com um sorriso trocista quando o irmão, que estivera apenas algumas vezes na vida em barcos pequenos, começou a falar como um velho lobo do mar.

— Talvez não nos devamos arriscar a partir... — começou Tika.

— Vamos. Hoje — disse Tanis num tom sombrio. — Vamos abandonar Flotsam, nem que tenhamos de nadar.

Os outros entreolharam-se, após o que voltaram a olhar para Tanis. Em pé, a olhar pela janela, ele não viu as sobranceiras erguidas ou os ombros encolhidos dos amigos, embora estivesse mesmo assim consciente deles.

Os companheiros estavam reunidos no quarto dos irmãos. Só seria aurora dentro de uma hora, mas Tanis acordara-os assim que ouvira o vento cessar o seu violento uivo.

Respirou fundo, após o que se virou para os encarar.

— Desculpem. Sei que pareço arbitrário — disse — mas há perigos

que conheço que não posso explicar neste momento. Não há tempo. Só vos posso dizer o seguinte: nunca nas nossas vidas estivemos num perigo mais terrível do que aquele em que estamos neste momento nesta cidade. Temos de partir e temos de partir agora mesmo! — Ouviu uma nota histérica introduzir-se na sua voz e interrompeu-se.

Houve silêncio, e depois:

— Com certeza, Tanis — disse Caramon, desconfortável.

— Temos todas as malas feitas — acrescentou Lua Dourada. — Podemos partir assim que estejas pronto.

— Então vamos — disse Tanis.

— Tenho de ir buscar as minhas coisas — balbuciou Tika.

— Vai lá. Despacha-te — disse-lhe Tanis.

— Eu... eu ajudo-a — voluntariou-se Caramon em voz baixa.

O grandalhão, vestido como Tanis, com a armadura roubada de um oficial do exército dos dragões, saiu rapidamente com Tika, desejando provavelmente roubar tempo suficiente para uns minutos sozinhos, pensou Tanis, fervendo de impaciência. Lua Dourada e Vento do Rio saíram também para ir buscar as suas coisas. Raistlin permaneceu no quarto, sem se mexer. Tinha consigo tudo aquilo que precisava levar — as suas bolsas com os preciosos componentes de feitiços, o Cajado de Magius, e o precioso berlinde da orbe de dragão, enfiado no respetivo e discreto saco.

Tanis sentia os estranhos olhos de Raistlin a perfurá-lo. Era como se Raistlin fosse capaz de penetrar a escuridão da alma do meio elfo com a reluzente luz daqueles olhos dourados. Mas o mago continuava a não dizer nada. Porquê?, pensou Tanis, zangado. Quase teria agradecido o interrogatório de Raistlin, as suas acusações. Quase teria agradecido uma oportunidade de sacudir o fardo e dizer a verdade, apesar de saber que consequências disso resultariam.

Mas Raistlin estava em silêncio, à exceção da sua tosse incessante.

Poucos minutos mais tarde, os outros regressaram ao quarto.

— Estamos prontos, Tanis — disse Lua Dourada com uma voz sumida.

Por um momento, Tanis não conseguiu falar. *Vou dizer-lhes*, decidiu. Inspirando profundamente, virou-se. Viu as caras deles, viu confiança, fé em si. Eles seguiam-no sem questionar. Não podia desiludi-los. Não podia abalar aquela fé. Era tudo a que se podiam agarrar. Suspirando, engoliu as palavras que estivera prestes a proferir.

— Certo — disse bruscamente e dirigiu-se para a porta.

Maqueta Kar-Thon foi despertada de um sono reparador por batidas na porta da sua cabina. Habituada a ter o sono interrompido a qualquer hora, ficou quase imediatamente desperta e estendeu as mãos para as botas.

— Que é? — gritou.

Antes de a resposta chegar, já estava a sentir o navio, avaliando a situação. Um olhar pela vigia mostrou-lhe que os ventos de vendaval tinham desaparecido, mas os movimentos do próprio navio informaram-na de que o mar estava alteroso.

— Os passageiros estão aqui — gritou uma voz em que reconheceu o imediato.

*Marinheiros de água doce*, pensou com amargura, suspirando e deixando cair a bota que estivera a calçar.

— Manda-os de volta — ordenou, voltando a deitar-se. — Não vamos zarpar hoje.

Pareceu decorrer uma altercação qualquer lá fora, pois ouviu a voz do imediato a levantar-se com ira e outra voz a gritar-lhe de volta. Fatigadamente, Maquesta lutou por se pôr em pé. O imediato, Bas Ohn-Koraf, era um minotauro, uma raça que não era notória pelo seu temperamento bonacheirão. Era excecionalmente forte e sabia-se que já matara sem provocação — um dos motivos por que se dedicara ao mar. Num navio como o *Perechon*, ninguém fazia perguntas sobre o passado.

Abrindo de repente a porta da cabina, Maq apressou-se a sair para o convés.

— Que se passa? — perguntou com a sua voz mais severa enquanto os olhos saltavam da cabeça animalesca do imediato para a cara barbuda do que parecia ser um oficial do exército dos dragões. Mas reconheceu os olhos castanhos ligeiramente oblíquos do barbudo e fitou-o com um olhar frio. — Eu disse que não íamos zarpar hoje, Meio Elfo, e falava a...

— Maquesta — disse rapidamente Tanis. — Tenho de falar contigo! — Começou a empurrar o minotauro para chegar até ela, mas Koraf agarrou-o e atirou-o ao chão. Por trás de Tanis, um oficial mais corpulento do exército dos dragões rosnou e deu um passo em frente. Os olhos do minotauro reluziram avidamente enquanto retirava com destreza uma adaga da larga faixa de cores vivas que usava em volta da cintura.

A tripulação que se encontrava no convés reuniu-se imediatamente em volta deles, esperando uma luta.

— Caramon... — avisou Tanis, estendendo a mão para o reter.

— Koraf...! — exclamou Maquesta com um olhar zangado que se destinava a fazer lembrar ao imediato que aqueles eram clientes que pagavam e que não se devia lidar rudemente com eles, pelo menos enquanto se encontrassem à vista de terra.

O minotauro franziu o sobrolho, mas a adaga desapareceu tão depressa como reluzira na sua mão. Koraf virou-se e afastou-se com ar desdenho-

so, a tripulação resmungou, desapontada, mas ainda alegre. A viagem já prometia ser interessante.

Maquesta ajudou Tanis a pôr-se em pé, estudando o meio elfo com a mesma atenção com que fitaria um homem que quisesse ser contratado para a tripulação. Viu de imediato que o meio elfo mudara drasticamente desde que o vira quatro dias antes, quando ele e o grandalhão atrás dele tinham fechado o acordo para obter passagem a bordo do *Perechon*.

*Ele parece ter feito uma viagem de ida e volta ao Abismo. Provavelmente está metido nalguma espécie de sarilho*, decidiu com tristeza. *Bem, não vou livrá-lo de sarilho nenhum! Se puser o navio em risco, não.* Ainda assim, ele e os amigos tinham pago por metade da passagem. E ela precisava do dinheiro. Era difícil, nos dias que corriam, a um pirata competir com os Senhores dos Dragões...

— Vem à minha cabina — disse Maq de uma forma pouco delicada, seguindo à frente para baixo.

— Fica com os outros, Caramon — disse o meio elfo ao companheiro. O homem acenou com a cabeça. Deitando um relance sombrio ao minotauro, Caramon regressou para junto do resto dos companheiros, que se mantinham em silêncio, aglomerados em torno das suas magras posses.

Tanis seguiu Maq para a cabina e espremeu-se para dentro. Na pequena cabina, até duas pessoas ficavam apertadas. O *Perechon* era uma embarcação bem equilibrada, concebida para navegação veloz e manobras rápidas. Ideal para o ofício de Maquesta, para o qual era necessário entrar e sair rapidamente de portos, carregar ou descarregar carga que não era necessariamente sua para recolher ou entregar. Em certas ocasiões, podia aumentar os seus proventos apanhando um gordo navio mercante vindo de Palanthas ou Tarsis e esgueirar-se até ao outro navio antes de este perceber o que estava a acontecer. Depois, abordá-lo rapidamente, saqueá-lo e fugir.

Também era hábil em escapar-se aos maciços navios dos Senhores dos Dragões, embora fizesse questão de os deixar estritamente em paz. Agora, porém, era demasiado frequente ver-se os navios dos Senhores a “escoltar” os navios mercantes. Maquesta perdera dinheiro nas duas últimas viagens, um dos motivos por que se dignara a transportar passageiros — algo que nunca faria em circunstâncias normais.

Tirando o elmo, o meio elfo sentou-se à mesa, ou melhor, caiu, uma vez que não estava habituado ao movimento oscilante do navio. Maquesta permaneceu em pé, balançando com facilidade.

— Bem, que queres? — perguntou, bocejando. — Já te disse que não podemos zarpar. O mar está...

— Temos de zarpar — disse Tanis de repente.

— Olha — disse Maquesta com uma voz paciente (fazendo lembrar a



si própria que ele era um cliente que pagava) — se estás nalguma espécie de sarilho, o problema não é meu! Não vou pôr em risco nem o navio nem a tripulação...

— Não sou eu — interrompeu Tanis, olhando intensamente para Maquesta — és tu.

— Eu? — disse Maquesta, recuando, espantada.

Tanis dobrou as mãos sobre a mesa e fitou-as. Os balanços e sacudidelas do navio ancorado, combinados com a exaustão dos últimos dias, estavam a deixá-lo enjoado. Vendo o ténue matiz verde que a pele dele tomara por baixo da barba e as sombras escuras sob os olhos, Maquesta pensou que já vira cadáveres com melhor aspeto do que aquele meio elfo.

— Que queres dizer? — perguntou, tensa.

— Eu fui... fui capturado por um Senhor dos Dragões... há três dias — começou Tanis, falando em voz baixa, fitando as mãos. — Não, suponho que “capturado” é a palavra errada. El... ele viu-me vestido assim e supôs que eu era um dos seus homens. Tive de a... de o acompanhar de regresso ao acampamento. Passei lá, no acampamento, os últimos dias, e... e descobri uma coisa. Sei porque é que o Senhor e os draconianos andam a fazer buscas em Flotsam. Sei o que... quem... é que procuram.

— Sim? — incentivou-o Maquesta, sentindo o medo dele a cobri-la como uma doença contagiosa. — Não é o *Perechon*...

— É o teu timoneiro. — Tanis finalmente ergueu o olhar para ela. — Berem.

— Berem! — repetiu Maquesta, atónita. — Porquê? O homem é mudo! Atrasado mental! Será talvez um bom timoneiro, mas não passa disso. Que poderá ter feito para os Senhores dos Dragões andarem à procura dele?

— Não sei — disse Tanis com um ar fatigado, combatendo as náuseas. — Não consegui descobrir. Nem tenho a certeza que eles saibam! Mas têm ordens para o encontrarem a qualquer custo e para o levarem vivo à... — fechou os olhos para se isolar das lâmpadas oscilantes — à Rainha das Trevas...

A luz do rebentar da aurora projetava raios inclinados e vermelhos sobre a superfície encrespada do mar. Por um instante, brilhou na reluzente pele negra de Maq, um clarão como fogo vindo dos seus brincos dourados que lhe caíam quase até aos ombros. Nervosamente, ela passou os dedos pelo cabelo negro cortado curto.

Maquesta sentiu a garganta fechar-se.

— Vamos livrar-nos dele! — resmungou, numa voz tensa, afastando-se da mesa. — Pomo-lo em terra. Posso arranjar outro timoneiro...

— Escuta! — Pegando no braço de Maquesta, Tanis agarrou-a com força, obrigando-a a parar. — Eles podem já saber que ele está aqui! Mesmo

que não saibam e o apanhem, não vai fazer diferença. Depois de descobrir que ele esteve aqui, nesta embarcação, e *vão* descobrir, acredita; há sempre maneiras de fazer até um mudo falar, vão prender-te e a todos os que estiverem neste navio. Prender-te ou ver-se livres de ti.

Deixou cair a mão que lhe prendia o braço, apercebendo-se de que não tinha força para a segurar.

— Foi o que fizeram no passado. Eu sei. O Senhor disse-me. Aldeias inteiras destruídas. Pessoas torturadas, assassinadas. Qualquer pessoa com quem este homem entre em contacto está perdida. Temem que um segredo mortífero qualquer que ele conhece seja transmitido, e não podem permiti-lo.

Maquesta sentou-se.

— O Berem? — murmurou numa voz suave, incrédula.

— Não conseguiram fazer nada por causa da tempestade — disse Tanis com uma voz fatigada — e o Senhor foi chamado a Solamnia, uma batalha qualquer por lá. Mas el... o Senhor vai estar hoje de regresso. E depois... — Não conseguiu prosseguir. A cabeça afundou-se-lhe nas mãos, enquanto um estremecimento lhe percorria o corpo.

Maquesta olhou-o com prudência. Poderia aquilo ser verdade? Ou estaria ele a inventar tudo para a forçar a levá-lo para longe de algum perigo? Vendo-o cair lastimosamente em cima da mesa, Maquesta soltou uma praga em voz baixa. A capitã do navio era uma astuta avaliadora de homens. Precisava de o ser, para controlar a sua tripulação de gente grosseira. E soube que o meio elfo não estava a mentir. Pelo menos não muito. Suspeitou de que havia coisas que ele não estava a dizer, mas aquela história sobre Berem, por estranha que parecesse, ressoava a verdade.

Tudo fazia sentido, pensou, incomodada, amaldiçoando-se a si própria. Orgulhava-se do seu discernimento, do seu bom senso. Mas fechara os olhos à estranheza de Berem. Porquê? O lábio encurvou-se-lhe com ironia. Gostava dele — tinha de admitir. Ele era como uma criança, alegre, sem maldade. Por isso ignorara a sua falta de vontade de ir a terra, o seu medo de estranhos, a ânsia por trabalhar para uma pirata quando se recusava a aceitar a sua parte nos saques que obtinham. Maquesta ficou um momento sentada, sentindo o navio. Olhando para fora, viu o Sol dourado reluzir nas cristas brancas das ondas, após o que o Sol desapareceu, engolido pelas nuvens baixas e cinzentas. Seria perigoso fazer o navio sair do porto, mas se o vento fosse bom...

— Prefiro estar em mar aberto — murmurou, mais de si para si do que para Tanis — do que encurralada em terra como uma ratazana.

Decidindo-se, Maq levantou-se depressa e dirigiu-se à porta. Depois ouviu Tanis gemer. Virando-se, olhou-o com piedade.

— Vem daí, Meio Elfo — disse Maquesta, não sem amabilidade. Pôs os braços à volta dele e ajudou-o a pôr-se em pé. — Vais sentir-te melhor no convés, ao ar fresco. E além disso, tens de dizer aos teus amigos que isto não vai ser aquilo a que se podia chamar uma “viagem marítima repousante.” Conheces os riscos que estás a correr?

Tanis confirmou com a cabeça. Apoiando-se pesadamente em Maquesta, atravessou a cobertura oscilante.

— Não me estás a dizer tudo, isso é certo — disse Maquesta em surdina ao mesmo tempo que abria com um pontapé a porta da cabina e ajudava Tanis a lutar para subir as escadas até ao convés principal. — Aposto que Berem não é o único que o Senhor procura. Mas tenho a sensação de que este não é o primeiro tempo mau que tu e a tua tripulação atravessam. Só espero que a tua sorte se mantenha!

O *Perechon* baloiçava no mar alteroso. Velejando a pano reduzido, o navio parecia avançar pouco, lutando por cada centímetro que ganhava. Felizmente, o vento era favorável. Soprando com firmeza de sudoeste, levava-os diretamente para o Mar de Sangue de Istar. Uma vez que se dirigiam a Kalamán, a noroeste de Flotsam, para lá do cabo de Nordmaar, isso fazia-os desviar-se um pouco. Mas Maquesta não se importava. Queria evitar terra o máximo possível.

Havia até a possibilidade, disse ela a Tanis, de poderem velejar para nordeste e chegar a Mithras, terra natal dos minotauros. Embora alguns combatessem no exército dos Senhores dos Dragões, os minotauros em geral ainda não tinham jurado fidelidade à Rainha das Trevas. Segundo Koraf, os minotauros queriam o controlo de Ansalon oriental em troca dos seus serviços. E o controlo do leste tinha acabado de ser entregue a um novo Senhor dos Dragões, um duende chamado Toede. Os minotauros não tinham qualquer simpatia por humanos ou por elfos mas, naquele momento, também não encontravam nenhuma utilidade nos Senhores. Maq e a tripulação já antes se haviam abrigado em Mithras. Voltariam a estar lá em segurança, pelo menos por algum tempo.

Tanis não se sentia contente com aquele atraso, mas já não tinha o destino nas mãos. Com aquele pensamento, o meio elfo deitou um relance ao homem que estava sozinho no centro de um remoinho de sangue e chamas. Berem estava ao leme, guiando a roda com mãos firmes e seguras, sem preocupações nem cuidados no rosto vago.

Tanis, fitando esforçadamente o peito da camisa do timoneiro, achou que talvez conseguisse detetar um ténue vislumbre de verde. Que negro segredo bateria no peito onde, meses antes, em Pax Tharkas, vira a brilhante joia verde embutida na carne do homem? Porque andariam centenas de

draconianos a perder tempo em busca daquele homem, enquanto a guerra ainda se mantinha por decidir? Porque estaria Kitiara tão desesperada por encontrar Berem a ponto de ter abdicado do comando das suas forças em Solamnia, a fim de supervisionar a busca em Flotsam com base num simples rumor de que ele lá fora visto?

— Ele é a chave! — Tanis recordou as palavras de Kitiara. — Se o capturarmos, Krynn cairá perante o poderio da Rainha das Trevas. Não haverá então qualquer força na terra capaz de nos derrotar!

Estremecendo, com o estômago a dar voltas, Tanis fitou o homem, assombrado. Berem parecia tão, tão afastado de tudo, tão para lá de tudo, como se os problemas do mundo não o afetassem de todo. Seria atrasado mental, como Maquesta dissera? Tanis tinha dúvidas. Lembrava-se de Berem como o vira durante aqueles breves segundos no meio do horror de Pax Tharkas. Lembrava-se da expressão na cara do homem enquanto deixava que o traidor, Eben, o levasse numa desesperada tentativa de escapar. A expressão no seu rosto não fora temerosa, obtusa ou indiferente. Fora... o quê? Resignada! Era isso! Como se conhecesse o destino que o aguardava e avançasse na mesma. E realmente, no momento em que Berem e Eben haviam chegado à porta, centenas de toneladas de rocha tinham caído em cascata do mecanismo de bloqueio da porta, enterrando-os debaixo de pedregulhos que seria necessário um dragão para levantar. Ambos os corpos se perderam, claro.

Ou pelo menos o corpo de Eben perdera-se. Fora apenas semanas mais tarde, durante a festa de casamento de Lua Dourada e Vento do Rio, que Tanis e Sturm voltaram a ver Berem — vivo! Antes de conseguirem apanhá-lo, o homem desaparecera na multidão. E não o tinham voltado a ver. Até Tanis o encontrar havia três, não, quatro dias, remendando calmamente uma vela naquele navio.

Berem mantinha o navio na rota, com o rosto cheio de paz. Tanis debruçou-se sobre a amurada e vomitou.

Maquesta não disse nada sobre Berem à tripulação. Para explicar a súbita partida, disse apenas que recebera a notícia de que o Senhor dos Dragões estava um pouco interessado em demasia no navio, e que seria sensato dirigirem-se para mar aberto. Nenhum dos tripulantes a questionou. Não sentiam nenhuma amizade pelos Senhores e, fosse como fosse, a maioria estivera em Flotsam tempo suficiente para perder todo o dinheiro.

Tanis também não revelou aos amigos o motivo da pressa. Todos os companheiros tinham ouvido a história do homem da pedra verde e, embora fossem demasiado educados para o dizer (à exceção de Caramon), Tanis sabia que achavam que ele e Sturm tinham bebido demasiados brindes

durante o casamento. Não pediram motivos para estarem a arriscar as vidas no mar alteroso. A fé que nele depositavam era completa.

Sofrendo de ataques de enjoo e dilacerado por um insistente sentimento de culpa, Tanis enrolou-se sobre si próprio no convés, sentindo-se pessimamente, fitando o mar. Os poderes curativos de Lua Dourada tinham-no ajudado a recuperar até certo ponto, embora parecesse haver pouco que até clérigos pudessem fazer pela agitação no seu estômago. A agitação na sua alma, contudo, estava fora do alcance dela.

Sentou-se no convés, fitando o mar, temendo sempre ver as velas de um navio no horizonte. Os outros, talvez por estarem mais repousados, eram pouco afetados pelos movimentos erráticos do navio, que ia mergulhando na água encrespada, à parte estarem todos encharcados devido às grandes ondas que por vezes saltavam as amuradas.

Até Raistlin, para espanto de Caramon, parecia bastante confortável. O mago sentava-se afastado dos outros, enrolado debaixo de uma vela que um dos marinheiros tinha montado para ajudar a manter os passageiros tão secos quanto possível. O mago não estava enjoado. Nem sequer tossia muito. Parecia apenas perdido em pensamentos, com os olhos dourados a reluzir mais brilhantemente do que o Sol da manhã que ora surgia, ora desaparecia por trás das rápidas nuvens de tempestade.

Maquesta encolheu os ombros quando Tanis mencionou o seu receio de perseguidores. O *Perechon* era mais rápido do que os maciços navios dos Senhores. Tinham conseguido escapulir-se do porto em segurança, e os únicos navios que haviam tomado consciência da sua partida eram navios piratas, como o deles. Nessa irmandade, ninguém fazia perguntas.

O mar ficou mais calmo, alisando-se sob a brisa constante. Ao longo de todo o dia, as nuvens de tempestade pairaram ameaçadoramente, mas limitaram-se a ser feitas em pedaços pelo vento cada vez mais fresco. A noite foi limpa e iluminada pelas estrelas. Maquesta pôde içar mais pano. O navio voou por sobre as águas. De manhã, os companheiros despertaram para uma das mais terríveis visões em todo o Krynn.

Estavam no limite exterior do Mar de Sangue de Istar.

O Sol era uma enorme bola dourada equilibrada sobre o horizonte oriental quando o *Perechon* penetrou nas águas que eram tão vermelhas como a veste do mago, vermelhas como o sangue que lhe salpicava os lábios quando ele tossia.

— O nome é apropriado — disse Tanis a Vento do Rio, a seu lado, no convés, fitando a água vermelha e turva. Não conseguiam ver muito para a frente. Uma tempestade perpétua pairava no céu, envolvendo a água numa cortina de um cinzento-plúmbeo.

— Eu não acreditava — disse Vento do Rio com solenidade, abanando

a cabeça. — Ouvi William falar dele, e foi como se escutasse as suas histórias sobre dragões marinhos que engolem navios e mulheres com caudas de peixe em vez de pernas. Mas isto... — O bárbaro das planícies sacudiu a mão, olhando inquieto para a água cor de sangue.

— Supões que seja verdade que isto é o sangue de todos os que morreram em Istar quando a montanha de fogo atingiu o Templo do Rei-Sacerdote? — perguntou Lua Dourada em voz baixa, vindo pôr-se ao lado do marido.

— Que disparate! — Maquesta soltou uma fungadela. Atravessando o convés para se lhes ir juntar, os seus olhos saltitavam em volta para se assegurar de que estava a obter o máximo do navio e da tripulação.

— Andaram outra vez a ouvir as histórias do William Cara-de-Porco! — Ela riu-se. — Ele adora assustar marinheiros de água doce. A água obtém a cor do solo que é trazido do fundo. Lembrai-vos de que não estamos a navegar por cima de areia, como a que há no fundo do oceano. Isto costumava ser terra seca, a capital de Istar e os terrenos férteis à sua volta. Quando a montanha de fogo caiu, rachou a terra. As águas do oceano escorreram lá para dentro, criando um novo mar. Agora, a riqueza de Istar está muito abaixo das ondas.

Maquesta olhou por cima da amurada com olhos sonhadores, como se conseguisse penetrar na água picada e ver a riqueza que os rumores atribuíam à reluzente cidade perdida lá em baixo. Soltou um suspiro de desejo. Lua Dourada deitou um olhar de desagrado à trigueira capitã, com os olhos cheios de tristeza e horror ao pensar na terrível destruição e perda de vidas.

— Que mantém o solo agitado? — perguntou Vento do Rio, olhando de cenho franzido para a água vermelha como sangue. — Mesmo com o movimento das ondas e das marés, o solo pesado devia assentar mais do que parece ter assentado.

— Bem dito, bárbaro. — Maquesta olhou para o alto e bem-parecido homem das planícies com admiração. — Mas a vossa gente é agricultora, pelo menos foi o que ouvi dizer, e sabe muito sobre solos. Se puseres a mão na água, consegues sentir a aspereza da terra. Segundo consta, existe no centro do Mar de Sangue um sorvedouro que rodopia com uma tal força que arranca o solo ao fundo. Mas não sei dizer se isso é verdade ou se não passa de mais uma das histórias do Cara de Porco. *Eu* nunca o vi, nem nenhum dos que navegam comigo, e já navego por estas águas desde criança, aprendendo o ofício com o meu pai. Ninguém que eu tenha conhecido foi suficientemente tolo para entrar na tempestade que paira sobre o centro do mar.

— Então como chegamos a Mithras? — rosou Tanis. — Fica do outro lado do Mar de Sangue, se os teus mapas estão corretos.

— Podemos chegar a Mithras navegando para sul, se formos perseguidos. Se não, podemos contornar o limite ocidental do mar e navegar ao longo da costa até Nordmaar. Não te preocupes, Meio Elfo. — Maq fez um gesto imponente com a mão. — Pelo menos podes dizer que viste o Mar de Sangue. Uma das maravilhas de Krynn.

Virando-se para se dirigir à ré, Maquesta foi parada pelo cesto de gávea.

— Ó do convés! Vela a oeste! — gritou o vigia.

No mesmo instante, tanto Maquesta como Koraf puxaram de óculos e apontaram-nos para o horizonte ocidental. Os companheiros trocaram relances preocupados e juntaram-se-lhes. Até Raistlin abandonou o seu lugar sob a vela que o protegia e atravessou o convés, espreitando para ocidente com os seus olhos dourados.

— Um navio? — murmurou Maquesta, dirigindo-se a Koraf.

— Não — grunhiu o minotauro na sua forma corrompida de comum. — Uma nuvem, se calhá. Mas vai depressa, munto depressa. Mai depressa que cólquer nuvem que vi na vida.

Agora já todos distinguiam os pontos de escuridão no horizonte, pontos que iam crescendo enquanto os observavam.

Então Tanis sentiu uma dor dilacerante dentro de si, como se tivesse sido trespassado por uma espada. A dor foi tão rápida e real que arquejou, agarrando-se a Caramon para não cair. Os outros olharam-no, preocupados, e Caramon envolveu o amigo no seu grande braço para o apoiar.

Tanis sabia o que voava na direção do navio.

E sabia quem os dirigia.

## A ESCURIDÃO AUMENTA.



— Um bando de dragões — disse Raistlin, indo colocar-se ao lado do irmão. — Cinco, creio eu.

— Dragões! — sussurrou Maquesta. Por um momento, agarrou-se à amurada com mãos trémulas, depois girou sobre si própria. — A todo o pano! — ordenou.

A tripulação continuou a olhar para oeste, com os olhos e as mentes presos no terror que se aproximava. Maquesta levantou a voz e voltou a gritar a ordem, pensando apenas no seu amado navio. A força e a calma na sua voz penetraram nas primeiras e ténues sensações de terror dos dragões que iam invadindo a tripulação. Por instinto, alguns saltaram para irem executar as ordens dela, e mais seguiram-nos depois. Koraf também ajudou com o seu chicote, atacando energicamente qualquer homem que não se mexesse suficientemente depressa para lhe agradar. Momentos depois, as grandes velas enfunaram-se. Cabos rangeram agoirentamente, o cordame cantou uma melodia lamentosa.

— Fica perto do limite da tempestade! — gritou Maq a Berem. O homem anuiu lentamente, mas era difícil perceber, pela expressão vazia no seu rosto, se ele ouvira ou não.

Aparentemente ouviu, pois o *Perechon* manteve-se por perto da perpétua tempestade que envolvia o Mar de Sangue, deslizando sobre a superfície das ondas, propulsionado pelo vento cinzento de névoa da tempestade.

Era navegação temerária, e Maq sabia-o. Se uma verga fosse levada



pelo vento, se uma vela se rasgasse, se um cabo se partisse, ficariam impotentes. Mas ela tinha de correr o risco.

— É inútil — comentou friamente Raistlin. — Não é possível navegar mais depressa do que dragões. Olha, vê a velocidade com que se aproximam de nós. Foste seguido, Meio Elfo. — Virou-se para Tanis. — Foste seguido quando saíste do acampamento... isso ou — a voz do mago silvou — trouxeste-os até nós.

— Não! Juro... — Tanis parou.

O draconiano bêbado! Tanis fechou os olhos, amaldiçoando-se. Claro, Kit tê-lo-ia mandado vigiar! Não confiava mais nele do que nos outros homens com quem partilhava a cama. Que maldito idiota arrogante ele era! Julgando que era algo especial para ela, julgando que ela o amava! Ela não amava ninguém. Era incapaz de amar...

— Fui seguido! — disse Tanis por entre dentes cerrados. — Têm de acreditar em mim. Eu... posso ter sido um idiota. Julguei que não me seguiriam naquela tempestade. Mas não vos traí, juro!

— Nós acreditamos em ti, Tanis — disse Lua Dourada colocando-se a seu lado e deitando olhares zangados a Raistlin pelo canto do olho.

Raistlin nada disse, mas o seu lábio encurvou-se num sorriso escarinho. Tanis evitou o olhar dele, virando-se para observar os dragões. Já conseguiam ver claramente as criaturas. Viam as enormes envergaduras de asa, as longas caudas que serpenteavam atrás, as cruéis patas providas de garras que pendiam dos enormes corpos azuis.

— Um tem condutor — informou sombriamente Maquesta, com o óculo encostado ao olho. — Um condutor com uma máscara chifruda.

— Um Senhor dos Dragões — afirmou Caramon sem necessidade, pois todos sabiam bastante bem o que aquela descrição significava. O grandalhão virou um olhar sombrio para Tanis. — É melhor que nos digas o que se passa, Tanis. Se este Senhor julgou que eras um soldado sob as suas ordens, porque é que se deu ao trabalho de te mandar seguir e de vir atrás de ti?

Tanis começou a falar, mas as suas palavras hesitantes foram submersas por um rugido agonizante, inarticulado; um rugido de medo, terror e raiva misturados que era tão animalesco que arrancou aos dragões os pensamentos de todos. Veio de junto do leme do navio. Com as mãos nas armas, os companheiros viraram-se. Os tripulantes interromperam o seu frenético trabalho, Koraf estacou de chofre, com o rosto bestial retorcido de espanto, enquanto o rugido se ia tornando mais sonoro e mais assustador.

Só Maq manteve o controlo.

— Berem — gritou, desatando a correr pelo convés, com o medo a dar-lhe um súbito e aterrorizante vislumbre da mente do timoneiro. Atravessou o convés como que de um salto, mas foi tarde de mais.

Com uma expressão de terror ensandecido no rosto, Berem silenciou-se, fitando os dragões que se aproximavam. Depois voltou a rugir, um incompreensível uivo de medo que gelou até o sangue do minotauro. Por cima dele, as velas estavam tensas ao vento, o cordame bem retesado. O navio, a todo o pano que podia usar, parecia saltar sobre as vagas, deixando para trás uma esteira de espuma branca. Mas mesmo assim, os dragões aproximavam-se.

Maq já quase chegara junto dele quando, abanando a cabeça como um animal ferido, Berem fez girar a roda do leme.

— Não! Berem! — guinchou Maquesta.

O súbito movimento de Berem fez virar tão depressa o pequeno navio que quase o afundou. O mastro da mezena partiu-se com a tensão enquanto o navio adernava. Cabos, enxárcias, velas e homens tombaram no convés ou caíram ao Mar de Sangue.

Agarrando Maq, Koraf afastou-a do mastro em queda. Caramon recolheu o irmão nos braços e atirou-o ao convés, cobrindo o débil corpo de Raistlin com o seu enquanto o emaranhado de corda e madeira lascada caía sobre ambos. Marinheiros estatelaram-se no convés ou colidiram com os tabiques. Vindo lá de baixo, ouviram o som da carga a soltar-se. Os companheiros agarraram-se a cordas ou a qualquer coisa que conseguissem apanhar, segurando-se desesperadamente enquanto Berem parecia querer afundar o navio. Velas bateram horrivelmente, como asas de aves mortas, o cordame perdeu a tensão, o navio perdeu velocidade, impotente.

Mas o talentoso timoneiro, apesar de parecer louco de pânico, ainda era um marinheiro. Por instinto, manteve a roda do leme firmemente agarrada, não a deixando girar fora de controlo. Lentamente, foi levando o navio a apanhar de novo o vento com o cuidado de uma mãe em roda de um filho mortalmente doente. Lentamente, o *Perechon* endireitou-se. Velas que tinham estado flácidas e sem vida capturaram o vento e enfunaram-se. O *Perechon* deu a volta e avançou no seu novo rumo.

Foi só então que todos a bordo compreenderam que o naufrágio no mar podia ter sido uma morte mais rápida e mais fácil, quando uma mortalha cinzenta de névoa soprada pelo vento envolveu o navio.

— Ele está doido! Está a levar-nos para a tempestade sobre o Mar de Sangue! — disse Maquesta numa voz quebrada, quase inaudível, enquanto se punha em pé. Koraf avançou para Berem, com o rosto retorcido num esgar e uma cavilha de malagueta na mão.

— Não! Koraf! — arquejou Maquesta, agarrando-o. — Berem talvez tenha razão. Esta pode ser a nossa única hipótese! Os dragões não se atreverão a seguir-nos para dentro da tempestade. Foi Berem a meter-nos nisto,

e ele é o único dos nossos timoneiros que tem alguma possibilidade de nos tirar daqui! Se conseguirmos manter-nos na periferia...

Um relâmpago irregular rasgou a cortina cinzenta. As névoas abriram-se, revelando uma cena arrepiante. Nuvens negras rodopiavam empurradas pelo vento que rugia, relâmpagos verdes estalavam, carregando o ar com o cheiro acre do enxofre. A água vermelha oscilava e ondulava. Pequenas ondas borbulhavam à superfície, como espuma na boca de um moribundo. Por um instante, ninguém se conseguiu mexer. Puderam apenas observar, sentindo-se pequenos e insignificantes contra as assombrosas forças da natureza. Então, o vento atingiu-os. O navio mergulhou e oscilou, arrastado pelo mastro quebrado que rebocava. Uma súbita chuvada caiu, granizo estrepitou no convés de madeira, a cortina cinzenta voltou a fechar-se à volta deles.

Às ordens de Maquesta, homens subiram aos mastros para recolher o resto das velas. Outro grupo atarefou-se desesperadamente a desfazer-se do mastro partido que girava violentamente. Os marinheiros atacaram-no com machados, cortando os cabos, deixando-o cair na água vermelha de sangue. Livre do peso do mastro, o navio endireitou-se devagar. Embora continuasse a ser atirado de um lado para o outro pelo vento, a pano reduzido, o *Perechon* parecia capaz de ultrapassar a tempestade, mesmo com um mastro a menos.

O perigo imediato quase afastara das mentes deles todas as ideias sobre dragões. Agora que parecia que viveriam mais alguns momentos, os companheiros voltaram-se para olhar através da chuva torrencial, cinzenta como chumbo.

— Achas que os despistámos? — perguntou Caramon. O grande guerreiro sangrava de um violento golpe na cabeça. Os seus olhos mostravam a dor. Mas só se preocupava com o irmão. Raistlin cambaleava a seu lado, incólume, mas tossia tanto que mal se mantinha em pé.

Tanis abanou a cabeça com uma expressão sombria. Olhando rapidamente em volta para ver se alguém estava ferido, fez sinal ao grupo para se manter junto. Um por um, os outros atravessaram a chuva aos tropeções, agarrando-se aos cabos até se reunirem em volta do meio elfo. Todos olhavam para trás, por sobre o mar encapelado.

A princípio nada viram; era difícil ver a popa do navio através da chuva e do mar soprado pelo vento. Alguns dos marinheiros até soltaram vivas dispersos, julgando que os tinham despistado.

Mas Tanis, de olhos virados para oeste, sabia que nada além da própria morte pararia a perseguição do Senhor. E, de facto, os vivas dos marinheiros transformaram-se em gritos de choque quando a cabeça de um dragão azul rompeu de súbito as nuvens cinzentas, com os olhos

fogosos a arder vermelhos de ódio e a boca escancarada, repleta de colmilhos.

O dragão aproximou-se ainda mais, com as grandes asas firmes apesar de fustigadas por rajadas de vento, chuva e granizo. Um Senhor dos Dragões vinha sentado no dorso do dragão azul. Tanis viu com amargura que o Senhor não trazia qualquer arma. Não precisava de nenhuma arma. Capturaria Berem, e depois o dragão destruiria os restantes. Tanis baixou a cabeça, doente por saber o que aí vinha, doente por saber que o responsável era *ele*.

Depois ergueu o olhar. Havia uma hipótese, pensou num frenesim. Ela talvez não reconhecesse Berem... e não se atreveria a destruí-los a todos com receio de o magoar. Virando-se para ver o timoneiro, a esperança súbita de Tanis soçobrou à nascença. Parecia que os deuses estavam a conspirar contra eles.

O vento abriu a camisa de Berem. Mesmo através da cortina cinzenta de chuva, Tanis viu a joia verde embutida no peito do homem brilhar mais vivamente do que o relâmpago verde, um terrível farol que brilhava através da tempestade. Berem não reparava. Nem sequer via o dragão. Os seus olhos estavam fitos na tempestade com uma intensidade fixa enquanto ia manobrando o navio cada vez mais para o interior do Mar de Sangue de Istar.

Só duas pessoas viram aquela joia reluzente. Todos os outros estavam subjugados pelo terror dos dragões, incapazes de afastar os olhos da enorme criatura azul que pairava por cima deles. Tanis via a pedra preciosa, como a vira meses antes. E o Senhor dos Dragões também a viu. Os olhos por trás da máscara de metal foram atraídos para a joia reluzente, e depois os olhos do Senhor dos Dragões encontraram-se com os de Tanis, enquanto o meio elfo se mantinha em pé no convés sacudido pela tempestade.

Uma súbita rajada de vento apanhou o dragão azul. A fera afastou-se ligeiramente do rumo, mas o olhar do Senhor não vacilou. Tanis viu o terrível futuro naqueles olhos castanhos. O dragão cairia sobre eles e apanharia Berem nas garras. O Senhor exultaria com a vitória durante um longo momento de agonia, e depois ordenaria ao dragão para os destruir a todos...

Tanis viu isto nos olhos dela com tanta clareza como vira neles a paixão só dias antes, quando a tivera nos braços.

Sem tirar dele o olhar, o Senhor dos Dragões ergueu uma mão enluvada. Podia ser um sinal para o dragão mergulhar sobre eles; podia ter sido um adeus a Tanis. Este não chegou a saber, pois nesse momento uma voz quebrada gritou por sobre o rugido da tempestade com um poder inacreditável.

— Kitiara! — gritou Raistlin.

Afastando Caramon com um empurrão, o mago correu para o dragão.

Escorregando no convés molhado, a sua veste vermelha chicoteava à sua volta, soprada por um vento cuja força aumentava a cada momento. Uma súbita rajada arrancou-lhe o capuz da cabeça. Chuva reluzia na sua pele de coloração metálica e os seus olhos em forma de ampulheta cintilavam dourados na escuridão cada vez maior da tempestade.

O Senhor dos Dragões agarrou a montada pela crina espinhosa que lhe percorria o pescoço azul, puxando o dragão para cima tão violentamente que Skie rugiu em protesto. Ficou hirta de choque, esbugalhando os olhos castanhos por trás do elmo de dragão, enquanto fitava o débil meio-irmão que criara desde bebé. O seu olhar deslocou-se ligeiramente quando Caramon se colocou ao lado do gémeo.

— Kitiara? — sussurrou Caramon numa voz estrangulada, com o rosto pálido de horror ao ver o dragão pairar por cima deles, cavalgando os ventos da tempestade.

O Senhor voltou uma vez mais a virar a cabeça mascarada para fitar Tanis, e depois os seus olhos viraram-se para Berem. Tanis susteve a respiração. Viu o tumulto na alma dela refletido naqueles olhos.

Para apanhar Berem, teria de matar o irmão mais novo que aprendera com ela tudo o que sabia sobre esgrima. Teria de matar o débil gémeo deste. Teria de matar um homem que, em tempos... amara. Depois Tanis viu os olhos dela arrefecerem e abanou a cabeça em desespero. Não importava. Ela mataria os irmãos, matá-lo-ia a si. Tanis recordou as suas palavras: “Se capturarmos Berem, teremos todo o Krynn aos nossos pés. A Rainha das Trevas recompensar-nos-á para lá de tudo o que sonhámos!”

Kitiara apontou para Berem e diminuiu o controlo que mantinha sobre o dragão. Com um guincho cruel, Skie preparou-se para picar. Mas o momento de hesitação de Kitiara mostrou ser desastroso. Ignorando-a resolutamente, Berem manobrou o navio cada vez mais para o interior do coração da tempestade. O vento uivava, fazendo ceder o cordame. Vagas rebentavam sobre a proa. A chuva cortava como facas, e pedras de granizo começaram a empilhar-se no convés, cobrindo-o de gelo.

De súbito, o dragão viu-se em dificuldades. Foi atingido por uma rajada de vento, e depois por outra. As asas de Skie bateram freneticamente, enquanto rajada atrás de rajada o espancavam. O granizo tamborilava na sua cabeça e ameaçava trespassar-lhe as asas coriáceas. Só a suprema vontade da sua dona impedia Skie de fugir daquela perigosa tempestade e de voar para a segurança de céus mais calmos.

Tanis viu Kitiara gesticular furiosamente na direção de Berem. Viu Skie fazer um valente esforço para se aproximar mais do timoneiro.

Mas então, uma rajada de vento atingiu o navio. Uma vaga rebentou por cima deles. Uma cascata de água rodeou-os de espuma branca, derru-

bando homens e fazendo-os escorregar pelo convés. O navio adernou. Todos agarraram o que conseguiram — cabos, redes, qualquer coisa — para evitar serem levados borda fora.

Berem lutou com a roda do leme, que era como uma coisa viva a saltar nas suas mãos. Velas rasgaram-se em duas, homens desapareceram no Mar de Sangue com gritos de aterrorizar. Depois, lentamente, o navio voltou a endireitar-se, com a madeira a ranger de tensão. Tanis olhou rapidamente para cima.

O dragão — e Kitiara — tinham desaparecido.

Libertada do terror dos dragões, Maquesta pôs-se numa atividade frenética, de novo determinada a salvar o seu navio moribundo. Gritando ordens, correu para a frente e tropeçou em Tika.

— Vão para baixo, marinheiros de água doce! — gritou furiosamente Maquesta a Tanis por sobre o vento da tempestade. — Junta os teus amigos e vai para baixo! Estás a atrapalhar-nos! Usa a minha cabina.

Atordoado, Tanis acenou com a cabeça. Agindo por instinto, sentindo-se como se estivesse num sonho sem sentido cheio de uma escuridão uivante, levou toda a gente para baixo.

A expressão assombrada nos olhos de Caramon trespassou-lhe o coração quando o grandalhão passou por ele a cambalear, transportando o irmão. Os olhos de Raistlin passaram por ele como chamas, queimando-lhe a alma. Depois ultrapassaram-no ambos, tropeçando com os outros para dentro da pequena cabina que estremecia e balançava, atirando-os de um lado para o outro como bonecos de trapos.

Tanis esperou até estarem todos em segurança dentro da minúscula cabina, e deixou-se cair contra a porta de madeira, incapaz de se virar, incapaz de os encarar. Vira a expressão assombrada nos olhos de Caramon quando o grandalhão passara por ele, vira o brilho exultante nos de Raistlin. Ouvira Lua Dourada a chorar baixinho e desejou poder morrer naquele local antes de ter de a encarar.

Mas não era esse o seu destino. Virou-se devagar. Vento do Rio estava em pé ao lado de Lua Dourada, com o rosto sombrio e meditativo, tentando equilibrar-se entre o teto e a cobertura. Tika mordida o lábio, com lágrimas a escorrer-lhe pela cara abaixo. Tanis ficou junto da porta, com as costas encostadas a ela, fitando mudo os amigos. Durante longos momentos, ninguém disse uma palavra. Só o que conseguia ouvir era a tempestade, as vagas que rebentavam no convés. Água escorria para cima deles. Estavam molhados e com frio e tremiam de medo, de mágoa e de choque.

— Eu... lamento — começou Tanis, lambendo os lábios cobertos de sal. Doía-lhe a garganta, mal conseguia falar. — Eu... quis dizer-vos...

— Então foi *aí* que tu estiveste os últimos quatro dias — disse Caramon

numa voz baixa e suave. — Com a nossa *irmã*. A nossa irmã, o Senhor dos Dragões!

Tanis baixou a cabeça. O navio adernou sob os seus pés, fazendo-o cambalear contra a mesa de Maquesta, que estava aparafusada ao soalho. Equilibrou-se e empurrou-se para trás devagar, para os encarar. O meio elfo tinha suportado muita dor na vida, dor devida a preconceitos, à perda, a facas, setas, espadas. Mas não lhe parecia que conseguisse aguentar aquela dor. A expressão de traição nos olhos deles trespassou-lhe a alma.

— Por favor, têm de acreditar em mim... — Que coisa estúpida para se dizer!, pensou ele com violência. *Porque haveriam eles de acreditar em mim? Nada fiz além de lhes mentir desde que regresssei.* — Está bem — começou — eu sei que não têm nenhum motivo para acreditar em mim, mas pelo menos escutem-me! Eu estava a caminhar por Flotsam quando um elfo me atacou. Vendo-me com esta roupa — Tanis indicou a armadura do dragão com um gesto — julgou que eu era um oficial dos dragões. Kitiara salvou-me a vida, e depois reconheceu-me. Julgou que eu me tinha juntado ao exército dos dragões! Que poderia eu dizer? Ela... — Tanis engoliu em seco e passou uma mão pela cara. — Ela levou-me de volta para a estalagem e... e... — E a voz prendeu-se-lhe, impedindo-o de continuar.

— E tu passaste quatro dias e quatro noites nos braços amorosos de um Senhor dos Dragões! — disse Caramon, com a fúria a levantar-lhe a voz. Pondo-se em pé de um salto, apontou um dedo acusador a Tanis. — E depois, passados quatro dias, precisaste de um pequeno descanso! Portanto lembraste-te de nós e vieste visitar-nos para te certificares de que ainda estávamos à tua espera! E estávamos! Precisamente como o bando de cabeças de abóbora crédulos que...

— Está bem, estive com Kitiara! — gritou Tanis, de súbito zangado. — Sim, amei-a! Não espero que compreendam, nenhum de vós! Mas nunca vos traí! Juro pelos deuses! Quando ela partiu para Solamnia, foi a primeira oportunidade que tive de escapar e aproveitei-a. Um draconiano seguiu-me, aparentemente seguindo ordens de Kit. Posso ser um palerma. Mas não sou traidor!

— Pah! — Raistlin cuspiu no chão.

— Escuta, mago! — rosnou Tanis. — Se eu vos tivesse traído, porque ficou ela tão chocada por vos ver aos dois, aos irmãos? Se vos tivesse traído, porque não teria simplesmente enviado uns quantos draconianos à estalagem para vos apanhar? Podia tê-lo feito a qualquer altura. Podia tê-los também mandado apanhar Berem. É *ele* quem ela quer. É por *ele* que os draconianos procuram em Flotsam! Eu sabia que ele estava neste navio. Kitiara ofereceu-me o governo de Krynn se lho dissesse. É essa a importân-

cia que ele tem. Ter-me-ia bastado levar Kit até ele e a própria Rainha das Trevas me teria recompensado!

— Não nos digas que não pensaste nisso! — silvou Raistlin.

Tanis abriu a boca, depois silenciou-se. Sabia que a culpa estava tão evidente no seu rosto como a barba que nenhum elfo verdadeiro podia deixar crescer. Sentiu um nó na garganta, após o que cobriu os olhos com uma mão para bloquear as caras dos outros.

— Eu... eu amei-a — disse, com a voz entrecortada. — Todos estes anos. Recusei-me a ver o que ela era. E mesmo quando soube, não consegui controlar-me. Tu amas — os seus olhos caíram sobre Vento do Rio — e tu também — virando-se para Caramon. O barco voltou a inclinar-se. Tanis agarrou-se à mesa quando sentiu a coberta adernar sob os seus pés. — O que teríeis feito? Ela esteve nos meus sonhos durante cinco anos! — Parou. Eles estavam calados. O rosto de Caramon mostrava-se invulgarmente pensativo. Os olhos de Vento do Rio estavam postos em Lua Dourada.

— Quando ela se foi embora — prosseguiu Tanis, com a voz baixa e cheia de dor — deitei-me na cama e *odiei-me*. Agora podeis odiar-me, mas não tanto como eu abomino e desprezo aquilo em que me tornei! Pensei em Laurana e...

Tanis silenciou-se, erguendo a cabeça. Enquanto falava, tomara consciência de uma mudança nos movimentos do navio. Os outros também olharam em volta. Não era necessário ser-se um marinheiro experiente para reparar que já não oscilavam violentamente de um lado para o outro. Agora estavam a avançar num movimento suave, um movimento que de certa forma era mais agoirento por ser tão pouco natural. Antes de alguém poder interrogar-se sobre o que significaria, uma violenta batida quase rachou a porta da cabina.

— Maqueta diz ponham-se lá em cima! — gritou Koraf com uma voz rouca.

Tanis deitou um olhar rápido aos amigos. O rosto de Vento do Rio estava sombrio; o seu olhar cruzou-se com o de Tanis e os seus olhos mantiveram-se presos nos dele, mas não havia neles qualquer luz. O homem das planícies desconfiara durante muito tempo de todos os que não fossem humanos. Só após semanas de perigo enfrentado juntos, acabara por acarinhar e confiar em Tanis como num irmão. Ter-se-ia quebrado tudo isso? Tanis olhou-o com firmeza. Vento do Rio baixou o olhar e, sem uma palavra, começou a passar por Tanis, mas depois parou.

— Tens razão, amigo — disse, deitando um olhar a Lua Dourada, que se estava a pôr em pé. — Eu amei. — Sem mais uma palavra, virou-se de repente e subiu ao convés.

Lua Dourada fitou Tanis, emudecida, ao seguir o marido, e o meio elfo



viu compaixão e compreensão nesse olhar silencioso. Desejou compreender, desejou ser tão clemente.

Caramon hesitou, após o que passou por Tanis sem falar nem olhar para ele. Raistlin seguiu o irmão em silêncio, virando a cabeça, mantendo os olhos dourados postos em Tanis a cada passo do seu caminho. Haveria um sinal de contentamento naqueles olhos dourados? Há muito alvo da desconfiança dos outros, estaria Raistlin satisfeito por ter finalmente companhia na ignomínia? O meio elfo não fazia ideia do que o mago poderia estar a pensar. Depois Tika passou por ele, dando-lhe uma palmadinha gentil no braço. Ela sabia como era amar. . .

Tanis ficou um momento só na cabina, perdido nas suas próprias trevas. Depois, com um suspiro, seguiu os amigos.

Assim que pôs os pés no convés, Tanis compreendeu o que acontecera. Os outros estavam a olhar pelo lado do navio, com rostos pálidos e tensos. Maquesta percorria a coberta de proa, abanando a cabeça e praguejando fluentemente na sua língua.

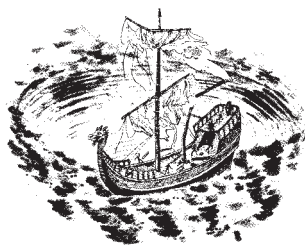
Ouvindo Tanis a aproximar-se, ela ergueu o olhar, com ódio nos seus olhos negros e relampejantes.

— Destruíste-nos — disse, num tom venenoso. — Tu e o maldito timoneiro!

As palavras de Maquesta pareceram-lhe redundantes, uma repetição de palavras que ressoavam na sua própria mente. Tanis começou até a ter dúvidas sobre se ela teria falado ou seria a si próprio que estava a ouvir.

— Estamos presos no sorvedouro.

## “IRMÃO...”



O *Perechon* precipitava-se em frente, deslizando pela superfície da água com a leveza de uma ave. Mas era uma ave com as asas cortadas, cavalgando a maré rodopiante de um ciclone aquático na direção de uma escuridão vermelha de sangue.

A terrível força alisava as águas do mar, até as fazer parecer vidro pintado. Um rugido oco e eterno vinha das negras profundezas. Até as nuvens de tempestade circulavam interminavelmente por cima dele, como se toda a natureza estivesse capturada no sorvedouro, precipitando-se para a sua própria destruição.

Tanis agarrou-se à amurada com mãos que doíam de tensão. Fitando o coração escuro do remoinho, não sentiu qualquer medo, qualquer terror, sentiu apenas uma estranha sensação entorpecida. Já não importava. A morte seria rápida e bem-vinda.

A bordo do navio condenado, todos estavam em silêncio, com os olhos esbugalhados de terror pelo que viam. Ainda estavam a alguma distância do centro; o remoinho tinha quilómetros e quilómetros de diâmetro. A água fluía lisa e rapidamente. Por cima e em redor deles, os ventos ainda uivavam, a chuva ainda lhes batia nas caras. Mas não importava. Já não reparavam nela. Tudo o que viam era que estavam a ser levados inexoravelmente para o centro da escuridão.

Aquela temível cena foi suficiente para despertar Berem da letargia. Após o primeiro choque, Maquesta começou a gritar ordens frenéticas. Entontecidos, os homens executaram-nas, mas os seus esforços foram inúteis.

Velas içadas contra o vento rodopiante foram rasgadas; cabos partiram-se, atirando homens, aos gritos, à água. Por mais que tentasse, Berem não conseguia virar o navio ou libertá-lo do temível abraço da água. Koraf adicionou a sua força ao manuseio da roda do leme, mas era como se estivessem a tentar impedir o mundo de girar.

Então Berem desistiu. Os seus ombros descaíram. Ficou a fitar as profundezas rodopiantes, ignorando Maquesta, ignorando Koraf. Tanis viu que a sua expressão estava calma; a mesma calma que se lembrava de ver na cara de Berem em Pax Tharkas quando pegara na mão de Eben e corraera com ele para o interior daquela mortífera parede de pedregulhos em queda. A joia verde no seu peito brilhava com uma luz fantasmagórica, refletindo o vermelho de sangue da água.

Tanis sentiu uma mão forte a agarrar o seu ombro, despertando-o com um abanão do horror absorto em que se encontrava.

— Tanis! Onde está Raistlin?

Tanis virou-se. Por um momento fitou Caramon sem o reconhecer, depois encolheu os ombros.

— Que importa? — murmurou amargamente. — Ele que morra onde preferir...

— Tanis! — Caramon pegou-lhe nos ombros e sacudiu-o. — Tanis! A orbe de dragão! A magia dele! Talvez possa ajudar...

Tanis despertou.

— Por todos os deuses! Tens razão, Caramon!

O meio elfo olhou rapidamente em volta, mas não viu sinal do mago. Um arrepio gelado percorreu-o. Raistlin era capaz de os ajudar ou de se ajudar a si próprio! De forma ténue, Tanis lembrou-se de a princesa élfica, Alhana, dizer que as orbes de dragão tinham sido imbuídas pelos seus criadores mágicos com um forte sentido de autopreservação.

— Lá em baixo! — gritou Tanis. Saltando para a escotilha, ouviu os passos ressonantes de Caramon logo atrás.

— Que é? — gritou Vento do Rio da amurada.

Tanis gritou por sobre o ombro:

— Raistlin. A orbe de dragão. Não venhas. Deixa-me tratar disto com Caramon. Fica aqui com eles.

— Caramon... — berrou Tika, começando a correr atrás dele até que Vento do Rio a agarrou e a susteve. Deitando ao guerreiro um olhar de angústia, ela silenciou-se, encostando-se sem força à amurada.

Caramon não reparou. Mergulhou à frente de Tanis, fazendo deslocar o corpo enorme notavelmente depressa. Trambolhando pela escada abaixo atrás dele, Tanis viu a porta da cabina de Maquesta aberta, baloiçando nas dobradiças com os movimentos do navio. O meio elfo precipitou-se lá para

dentro e parou de chofre, logo após a porta, como se tivesse corrido de cabeça contra uma parede.

Raistlin estava em pé no centro da pequena cabina. Acendera uma vela numa lâmpada fixa à antepara. A chama fazia o rosto do mago reluzir como uma máscara de metal, e os seus olhos ardiam com fogo dourado. Raistlin tinha nas mãos a orbe de dragão, o prémio que tinham recolhido em Silvanesti. Tanis viu que a orbe crescera. Estava agora do tamanho de uma bola de criança. Uma miríade de cores rodopiava no seu interior. Tanis entonteceu a observá-la, e arrancou dela o olhar.

Em frente de Raistlin estava Caramon, e o grande guerreiro tinha a cara tão branca como Tanis vira no seu cadáver no sonho de Silvanesti quando o guerreiro jazera morto a seus pés.

Raistlin tossiu, agarrando-se ao peito com uma mão. Tanis começou a avançar, mas o mago ergueu rapidamente o olhar.

— Não te aproximes de mim, Tanis! — arquejou Raistlin por entre lábios manchados de sangue.

— Que estás a fazer?

— Estou a fugir da morte certa, Meio Elfo! — O mago soltou uma gargalhada desagradável, a estranha gargalhada que Tanis só ouvira por duas vezes. — Que julgas tu que estou a fazer?

— Como? — perguntou Tanis, sentindo um estranho medo a cobri-lo enquanto olhava para os olhos dourados do mago e os via a refletir a luz rodopiante da orbe.

— Usando a minha magia. E a magia da orbe de dragão. É bastante simples, ainda que talvez ultrapasse a tua fraca mente. Agora tenho o poder de juntar numa só a energia do meu corpo material e a do meu espírito. Transformar-me-ei em pura energia... em luz, se quiseres pensar nesses termos. E, transformando-me em luz, posso viajar pelos céus como os raios do Sol, regressando a este mundo físico onde e quando quiser!

Tanis abanou a cabeça. Raistlin tinha razão — a ideia ultrapassava-o. Não conseguia abarcá-la, mas a esperança brotou-lhe no coração.

— A orbe pode fazer tudo isso por nós? — perguntou.

— Possivelmente — respondeu Raistlin, tossindo — mas não tenho a certeza. Não arriscarei. Sei que eu posso escapar. Os outros não são da minha conta. Foste tu quem os trouxe para esta morte vermelha de sangue, Meio Elfo. Tira-os tu dela!

Uma onda de ira percorreu Tanis, substituindo o medo.

— Pelo menos o teu irmão... — começou acaloradamente.

— Ninguém — disse Raistlin, estreitando os olhos. — Afasta-te.

Uma fúria insana, desesperada, torceu a mente de Tanis. Obrigaria Raistlin a dar ouvidos à razão, de alguma forma! De alguma forma, todos

usariam aquela estranha magia para escapar! Tanis sabia o suficiente sobre magia para compreender que Raistlin não se atreveria a lançar um feitiço naquele momento. Iria precisar de todas as suas forças para controlar a orbe de dragão. Tanis começou a avançar, mas então viu a prata relampejar na mão do mago. Vindo de nenhures, aparentemente, surgira um pequeno punhal prateado, há muito oculto no pulso do mago por uma tira de couro astuciosamente concebida. Tanis parou, cruzando olhares com Raistlin.

— Está bem — disse Tanis, respirando pesadamente. — Tu matar-me-ias sem pensar duas vezes. Mas não farás mal ao teu irmão. Caramon, fá-lo parar!

Caramon deu um passo na direção do gémeo. Raistlin ergueu o punhal de prata num aviso.

— Não o faças, irmão — disse em voz baixa. — Não te aproximes mais. Caramon hesitou.

— Avança, Caramon! — disse Tanis com firmeza. — Ele não te fará mal.

— Diz-lhe, Caramon — sussurrou Raistlin. Os olhos do mago não abandonaram os do irmão. As suas pupilas em forma de ampulheta dilataram-se, a luz dourada tremeluziu perigosamente. — Diz a Tanis o que eu sou capaz de fazer. Tu lembras-te. Eu também. Está nos nossos pensamentos sempre que olhamos um para o outro, não é verdade, querido irmão?

— De que está ele a falar? — perguntou Tanis, sem prestar grande atenção. Se conseguisse distrair Raistlin... cair-lhe em cima...

Caramon perdeu a cor.

— As Torres da Alta Magia... — hesitou. — Mas estamos proibidos de falar nisso! Par-Salian disse...

— Isso agora não importa — interrompeu Raistlin na sua voz quebrada. — Não há nada que Par-Salian me possa fazer. Depois de obter o que me foi prometido, nem mesmo o grande Par-Salian terá o poder de me enfrentar! Mas isso não te diz respeito. Isto diz.

Raistlin inspirou profundamente e depois começou a falar, ainda com os estranhos olhos postos no gémeo. Escutando com pouca atenção, Tanis aproximou-se sorrateiramente, com o coração a bater na garganta. Um movimento rápido e o débil mago cairia... Mas então Tanis deu por si capturado e aprisionado pela voz de Raistlin, compelido a parar por um momento e a escutar, quase como se Raistlin estivesse a tecer um feitiço à sua volta.

— O último teste na Torre da Alta Magia, Tanis, foi contra mim próprio. E falhei. Matei-o, Tanis. Matei o meu irmão — a voz de Raistlin estava calma — ou pelo menos julguei que fosse Caramon. — O mago encolheu os ombros. — Na verdade, era uma ilusão criada para me mostrar as profundezas do meu ódio e do meu ciúme. Julgavam assim purgar-me a alma

de trevas. O que realmente aprendi foi que me faltava autocontrole. Em todo o caso, uma vez que aquilo não fazia parte do verdadeiro Teste, o meu falhanço não contou contra mim... exceto para uma pessoa.

— Eu vi-o matar-me! — gritou Caramon, com uma voz desditosa. — Eles obrigaram-me a ver para que o compreendesse! — A cabeça do grandalhão caiu-lhe nas mãos, o seu corpo contorceu-se num estremecimento. — E compreendo! — soluçou. — Compreendi nessa altura! Desculpa! Mas não vás sem mim, Raist! És tão fraco! Precisas de mim...

— Já não, Caramon — sussurrou Raistlin com um pequeno suspiro. — Já não preciso de ti!

Tanis fitou-os a ambos, nauseado de horror. Não acreditava naquilo. Nem mesmo vindo de Raistlin!

— Caramon, avança! — ordenou com voz rouca.

— Não o obrigues a aproximar-se de mim, Tanis — disse Raistlin, com a voz gentil, como se lesse os pensamentos do meio elfo. — Asseguro-te que sou capaz disto. O que procurei durante toda a vida está ao meu alcance. Não deixarei que nada me detenha. Olha para a cara de Caramon, Tanis. Ele sabe! Já o matei uma vez. Posso voltar a fazê-lo. Adeus, irmão.

O mago pôs ambas as mãos na orbe de dragão e ergueu-a à luz da vela em chamas. As cores rodopiaram loucamente na orbe, relampejando brilhantemente. Uma poderosa aura mágica rodeou o mago.

Combatendo o medo, Tanis retesou o corpo para fazer uma última tentativa desesperada de obrigar Raistlin a parar. Mas não se conseguiu mexer. Ouviu Raistlin a entoar estranhas palavras. A luz ofuscante, rodopiante, tornou-se tão brilhante que lhe trespassou a cabeça. Tapou os olhos com as mãos, mas a luz queimou-lhe a carne, trespassando-a e crestando-lhe o cérebro. A dor era intolerável. Tropeçou para trás, encostando-se à soleira da porta, ouvindo Caramon gritar de agonia a seu lado. Ouviu o corpo do grandalhão cair no chão com um baque.

E depois tudo ficou calmo, e a cabina mergulhou nas trevas. Tremendo, Tanis abriu os olhos. Por um momento nada conseguiu ver além da imagem residual de um gigantesco globo vermelho gravada no seu cérebro. Depois, os olhos acostumaram-se-lhe à gélida escuridão. A vela tremeluziu, pingando cera quente no chão de madeira da cabina, e formando uma poça branca perto de onde Caramon jazia, frio e imóvel. Os olhos do guerreiro estavam esbugalhados, fitando o nada sem ver.

Raistlin desaparecera.

Tika Waylan estava no convés do *Perechon*, fitando o mar vermelho de sangue e fazendo um grande esforço para não chorar. *Tens de ser corajosa*, dizia ela a si própria, uma e outra vez. *Aprendeste a combater corajosamente em*

*batalha. O Caramon disse-o. Agora tens de ser valente nisto. Vamos estar juntos no fim, pelo menos. Ele não me pode ver chorar.*

Mas os últimos quatro dias tinham sido enervantes para todos. Temendo ser descobertos pelos draconianos que enxameavam Flotsam, os companheiros tinham permanecido escondidos na imunda estalagem. O estranho desaparecimento de Tanis fora aterrorizador. Estavam impotentes, não se atreviam a fazer nada, nem mesmo perguntas sobre ele. Portanto, durante longos dias, tinham sido forçados a permanecer nos quartos e Tika fora obrigada a manter-se perto de Caramon. A tensão da forte atração que sentiam um pelo outro, uma atração que não podiam expressar, fora uma tortura. Ela desejava pôr os braços em volta de Caramon, sentir os braços dele à volta dela, o seu corpo forte e musculoso encostado ao dela.

Estava certa de que Caramon desejava o mesmo. Olhava-a, por vezes, com tanta ternura nos olhos que ela ansiava por se aninhar junto dele e partilhar o amor que sabia encontrar-se no coração do grande homem.

Não podia acontecer, pelo menos enquanto Raistlin se mantivesse por perto do irmão gémeo, agarrando-se a Caramon como uma sombra débil. Tika repetia uma e outra vez as palavras de Caramon, que lhe tinham sido ditas antes de chegarem a Flotsam.

“O meu comprometimento é para com o meu irmão. Disseram-me, na Torre da Alta Magia, que a força dele ajudaria a salvar o mundo. Eu sou a força dele, a sua força física. Ele precisa de mim. O meu primeiro dever é para com ele e, até que isso mude, não posso comprometer-me de outras formas. Tu mereces alguém que te ponha em primeiro lugar, Tika. Por isso deixo-te livre para encontrares alguém assim.”

*Mas eu não quero mais ninguém*, pensou Tika com tristeza. E então as lágrimas começaram mesmo a cair. Virando-se depressa, tentou escondê-las de Lua Dourada e de Vento do Rio. Eles entenderiam mal, julgariam que ela estava a chorar de medo. Não, o medo de morrer era algo que já conquistara há muito tempo. O seu maior medo era o de morrer *sozinha*.

*Que estão eles a fazer?*, perguntou Tika a si própria num frenesim, limpando os olhos com as costas da mão. O navio estava a ser levado cada vez para mais perto daquele terrível olho escuro. *Onde está Caramon? Vou à procura deles*, decidiu. *Com Tanis ou sem Tanis*.

Então viu Tanis subir lentamente pela escotilha, trazendo Caramon consigo, meio apoiado, meio arrastado. Uma olhadela ao pálido rosto do grande guerreiro, e o coração de Tika parou de bater.

Tentou chamar, mas não conseguiu falar. Ao ouvir o seu grito inarticulado, contudo, Lua Dourada e Vento do Rio viraram-se de onde tinham estado a observar o assombroso sorvedouro. Vendo Tanis a cambalear sob o seu fardo, Vento do Rio correu em frente para ajudar. Caramon caminhava

como um homem num entorpecimento alcoólico, com os olhos vidrados e sem ver. Vento do Rio pegou em Caramon no momento em que as pernas de Tanis cederam por completo.

— Eu estou bem — disse Tanis em voz baixa, em resposta ao olhar de preocupação de Vento do Rio. — Lua Dourada, o Caramon precisa da tua ajuda.

— O que é, Tanis? — O medo de Tika deu-lhe voz. — Que se passa? Onde está Raistlin? Ele... — E parou. Os olhos do meio elfo estavam sombrios com a memória do que vira e ouvira lá em baixo.

— O Raistlin foi-se — disse concisamente Tanis.

— Foi-se? Para onde? — perguntou Tika, olhando vivamente em volta, como se esperasse ver o corpo dele na rodopiante água cor de sangue.

— Ele mentiu-nos — respondeu Tanis, ajudando Vento do Rio a sentar Caramon numa massa de corda enrolada. O grande guerreiro não disse nada. Não parecia vê-los; não parecia ver nada, aliás. Limitava-se a ter os olhos fixos, sem ver, por cima do mar vermelho de sangue. — Lembra-te de como ele não parava de insistir que tinha de ir para Palanthas para *aprender* a usar a orbe de dragão? Ele *já sabe* como usar a orbe. E agora foi-se... para Palanthas, talvez. Suponho que não importa. — Olhando para Caramon, abanou a cabeça com tristeza, e depois afastou abruptamente o olhar e foi até à amurada.

Lua Dourada pousou as mãos suaves no grandalhão, murmurando o nome dele tão baixo que os outros não o conseguiram ouvir por sobre o sopro do vento. Perante o seu toque, contudo, Caramon estremeceu, após o que desatou a tremer violentamente. Tika ajoelhou a seu lado, com a mão dele nas dela. Ainda a olhar diretamente em frente, Caramon começou a chorar em silêncio, com lágrimas que se derramavam sobre as suas bochechas vindas de olhos esbugalhados e fixos, mas ela afagou-lhe a testa e não parou de o chamar como uma mãe chama um filho perdido.

Vento do Rio, com o rosto severo e escuro de ira, foi-se juntar a Tanis.

— Que aconteceu? — perguntou sombriamente o homem das planícies.

— O Raistlin disse que... não consigo falar disso. Ainda não! — Tanis abanou a cabeça, estremecendo. Debruçando-se sobre a amurada, fitou a água opaca lá em baixo. Praguejando baixinho em élfico, língua que o meio elfo raramente usava, agarrou na cabeça com as mãos.

Entristecido pela angústia do amigo, Vento do Rio pousou uma mão reconfortante nos ombros encurvados do meio elfo.

— Então no fim chegamos a isto — disse o homem das planícies. — Tal como previmos no sonho, o mago desapareceu, abandonando o irmão para morrer.



— E tal como vimos no sonho, eu falhei-vos — murmurou Tanis, com uma voz baixa e trémula. — Que fiz eu? Isto é culpa minha! Fui eu que fiz cair este horror sobre nós!

— Amigo! — disse Vento do Rio, comovido por ver Tanis a sofrer. — Não nos cabe questionar as vontades dos deuses...

— Que se lixem os deuses! — gritou Tanis com rancor. Erguendo a cabeça para fitar o amigo, bateu com o punho cerrado na amurada do navio. — Fui *eu!* *A escolha foi minha!* Quantas vezes durante aquelas noites em que ela e eu estivemos juntos e a tive nos braços, quantas vezes disse a mim próprio que seria tão fácil ficar lá, com ela, para sempre? Não posso condenar Raistlin! Somos muito parecidos, ele e eu. Ambos destruídos por uma paixão que tudo consome!

— Tu *não foste* destruído, Tanis — disse Vento do Rio. Agarrando os ombros do meio elfo nas suas mãos fortes, o homem das planícies de rosto severo forçou Tanis a encará-lo. — Não foste vitimado pela tua paixão como o mago foi. Se tivesses sido, terias ficado com Kitiara. Tu abandonaste-a, Tanis...

— Abandonei-a — disse Tanis com amargura. — Escapuli-me como um ladrão! Devia tê-la confrontado. Devia ter-lhe dito a verdade sobre mim! Ela ter-me-ia então matado, mas vós estaríeis em segurança. Tu e os outros poderiam ter escapado. A minha morte teria sido tão mais fácil... Mas não tive coragem. E agora trouxe-nos para isto — disse o meio elfo, libertando-se das mãos de Vento do Rio. — Falhei... não só a mim próprio, mas a todos vós.

Olhou para o convés em volta. Berem ainda estava ao leme, com a roda inútil nas mãos e aquela estranha expressão de resignação no rosto. Maqueta ainda lutava por salvar o navio, guinchando ordens por sobre o uivo do vento e o rugido profundamente gutural que provinha das profundezas do sorvedouro. Mas a tripulação, atordoada pelo terror, já não obedecia. Alguns choravam. Alguns praguejavam. A maioria não produzia qualquer som e fitava num fascínio horrorizado o gigantesco remoinho que estava a puxá-los inexoravelmente para a vasta escuridão das profundezas. Tanis sentiu a mão de Vento do Rio voltar a tocar-lhe o ombro. Quase zangado, tentou afastar-se, mas o homem das planícies estava firme.

— Tanis, irmão, tu fizeste a escolha de percorrer esta estrada na Estalagem do Derradeiro Lar em Solace, quando vieste em auxílio de Lua Dourada. No meu orgulho, eu teria recusado a tua ajuda, e tanto eu como ela teríamos morrido. Foi porque não pudeste virar-nos as costas no nosso momento de necessidade que trouxemos o conhecimento dos deuses antigos para o mundo. Trouxemos a cura. Trouxemos esperança. Lembras-te do que o Senhor da Floresta nos disse? Não choramos por aqueles que cum-

prem o seu propósito na vida. E nós *cumprimos* o nosso propósito, amigo. Quem sabe quantas vidas tocámos? Quem sabe se não bastará esta esperança para levar a uma grande vitória? Para nós, segundo parece, a batalha terminou. Assim seja. Depomos as espadas só para que outros possam pegar nelas e continuar a lutar.

— As tuas palavras são bonitas, homem das planícies — disse Tanis com brusquidão — mas diz-me a verdade. És capaz de olhar para a morte sem sentir amargura? Tens tudo para que viver, Lua Dourada, o filho que ainda não vos nasceu...

Um rápido espasmo de dor atravessou o rosto de Vento do Rio. Ele virou a cabeça para o esconder, mas Tanis, que o observava atentamente, viu a dor e subitamente compreendeu. Então estava a destruir também isso! O meio elfo fechou os olhos em desespero.

— Eu e Lua Dourada não íamos dizer-te. Já tinhas o suficiente com que te preocupar. — Vento do Rio suspirou. — O nosso bebé teria nascido no outono — murmurou — na época em que as folhas dos valeneiros ficam vermelhas e douradas como estavam quando eu e Lua Dourada chegámos a Solace naquele dia, trazendo o cajado de cristal azul. Nesse dia, o Cavaleiro, Sturm Lâmina Brillhante, encontrou-nos e levou-nos para a Estalagem do Derradeiro Lar...

Tanis começou a soluçar, profundos e violentos soluços que lhe dilaceravam o corpo como facas. Vento do Rio pôs os braços em torno do amigo e abraçou-o apertadamente.

— Os valeneiros que conhecemos estão agora mortos, Tanis — prosseguiu ele em surdina. — Só podíamos ter mostrado ao pequeno tocos queimados e apodrecidos. Mas agora, o miúdo verá os valeneiros tal como os deuses queriam que eles fossem, numa terra onde as árvores vivem para sempre. Não chores, meu amigo, meu irmão. Ajudaste a devolver ao povo o conhecimento dos deuses. Tens de ter fé nesses deuses.

Com suavidade, Tanis afastou Vento do Rio. Não foi capaz de olhar o homem das planícies nos olhos. Olhando para a sua própria alma, Tanis viu-a torcer-se e enroscar-se como as árvores torturadas de Silvanesti. Fé? Não possuía qualquer fé. Que eram os deuses para si? Fora *ele* a tomar as decisões. Fora *ele* a deitar fora tudo o que tivera de valor na vida — a sua terra natal élfica, o amor de Laurana. Estivera perto de deitar fora também a amizade. Só a forte lealdade de Vento do Rio — uma lealdade que estava muito deslocada — evitava que o homem das planícies o denunciasse.

O suicídio está proibido aos elfos. Consideram-no blasfémia, sendo a dádiva da vida a mais preciosa de todas. Mas Tanis fitou o mar vermelho de sangue com antecipação e desejo.

*A morte que chegue depressa, rezou. Que estas águas manchadas de sangue se fechem sobre a minha cabeça. Que eu me esconda nas suas profundezas. E se existirem deuses, se estiverdes a escutar-me, só peço uma coisa: escondi de Laurana o conhecimento da minha vergonha. Já trouxe dor a demasiadas pessoas...*

Mas no momento em que a sua alma suspirava esta prece que esperava que fosse a sua última sobre Krynn, uma sombra mais escura do que as nuvens de tempestade caiu sobre si. Tanis ouviu Vento do Rio gritar e Lua Dourada berrar, mas as vozes deles perderam-se no rugido da água quando o navio começou a afundar-se no coração do sorvedouro. Entorpecido, Tanis ergueu o olhar para ver os fogosos olhos vermelhos de um dragão azul a brilhar através das nuvens negras e rodopiantes. Sobre o dorso do dragão estava Kitiara.

Não querendo abdicar da presa que conquistaria para eles uma vitória gloriosa, Kit e Skie tinham lutado por abrir caminho através da tempestade, e agora o dragão, com as perigosas garras estendidas, mergulhava diretamente sobre Berem. Era como se os pés do homem estivessem pregados ao convés. Com uma impotência de sonhador, ele fitava o dragão em mergulho.

Empurrado para a ação, Tanis precipitou-se pelo convés oscilante enquanto a água vermelha de sangue rodopiava à sua volta. Atingiu Berem em cheio no estômago, atirando o homem para trás no preciso momento em que uma vaga se quebrava sobre eles. Tanis pegou em algo, não soube bem o quê, e agarrou-se ao convés enquanto este se inclinava por baixo de si. Depois o navio endireitou-se. Quando olhou para cima, Berem desaparecera. Por cima de si, ouviu o dragão guinchar de fúria.

E então Kitiara gritava por cima da tempestade, apontando para Tanis. O olhar fogueiro de Skie virou-se para ele. Erguendo o braço como se pudesse proteger-se do dragão, Tanis olhou para os olhos enfurecidos da fera que estava a lutar loucamente por controlar o voo nos ventos que a chicoteavam.

*Isto é a vida*, deu o meio elfo por si a pensar, vendo as garras do dragão por cima de si. *Isto é a vida! Viver, ser levado para fora deste horror!* Por um instante, Tanis sentiu-se suspenso no ar quando o chão caiu para fora daquele mundo. Só teve consciência de sacudir a cabeça com violência, gritando incoerentemente. O dragão e a água atingiram-no ao mesmo tempo. Só via sangue...

Tika agachou-se ao lado de Caramon, com o medo da morte perdido na preocupação que por ele sentia. Mas Caramon nem sequer estava consciente da sua presença. Fitava as trevas, com lágrimas a escorrer-lhe pela

—  
|  
—  
cara, as mãos apertadas em punhos, repetindo uma palavra sem cessar, numa litania silenciosa.

Com uma agonizante lentidão de sonho, o navio equilibrou-se na borda da água rodopiante, como se a própria madeira da embarcação hesitasse, temerosa. Maqueta juntou-se ao seu frágil navio numa derradeira luta desesperada pela vida, emprestando-lhe a sua força interior, tentando mudar as leis da natureza através da simples força de vontade. Mas era inútil. Com um último estremecimento de partir o coração, o *Perechon* deslizou por sobre a borda, caindo na escuridão rodopiante e ruidosa.

Madeira rachou. Mastros caíram. Homens foram atirados, aos gritos, do convés inclinado, enquanto a escuridão vermelha de sangue sugava o *Perechon* para dentro da sua goela escancarada.

Depois de tudo desaparecer, uma palavra ficou para trás, como uma bênção.

— Irmão...

**O CRONISTA E O MAGO.**

Astinus de Palanthas estava sentado no seu gabinete. A sua mão guiava a pena que segurava em traços firmes e regulares. A escrita vigorosa e pura que fluía dessa pena podia ser lida com clareza, mesmo à distância. Astinus enchia rapidamente uma folha de pergaminho, só raramente pausando para pensar. Observando-o, tinha-se a impressão de que os seus pensamentos fluíam da sua cabeça diretamente para a pena e daí para o papel, de tal forma rápido era o modo como escrevia. O fluxo só era interrompido quando mergulhava a pena em tinta, mas também isto se tornara um movimento tão automático para Astinus que o interrompia tão pouco como pôr um ponto num “i” ou um traço num “t”.

A porta do seu gabinete abriu-se com um rangido. Astinus não levantou o olhar da escrita, apesar de não ser frequente a porta abrir-se quando estava ocupado com o seu trabalho. O historiador podia contar pelos dedos o número de vezes que isso acontecera. Uma dessas vezes fora durante o Cataclismo. Lembrava-se de que isso lhe perturbara a escrita, recordando com descontentamento a tinta entornada que lhe arruinara uma página.

A porta abriu-se e uma sombra caiu sobre a sua secretária. Mas não houve qualquer som, embora o corpo que pertencia à sombra tivesse inspirado como quem se apresta para falar. A sombra hesitou, pois a pura enormidade da sua ofensa levava o corpo a tremer.

É Bertrem, notou Astinus, como notava tudo, arquivando a informação para referência futura num dos muitos compartimentos da sua mente.

*Neste dia, conforme acima, Hora Pós-Velada passados 29, Bertrem entrou no meu gabinete.*

A pena prosseguiu o seu avanço firme pelo papel. Chegando ao fim de uma página, Astinus ergueu-a suavemente e colocou-a sobre bocados similares de pergaminho, ordenadamente empilhados na extremidade da secretária. Nessa noite, depois de o historiador concluir o trabalho e se retirar, os Estetas entrariam reverentemente no gabinete, como clérigos a entrar num santuário, e recolheriam as pilhas de papel. Levá-las-iam cuidadosamente para a grande biblioteca. Aí, os bocados de pergaminho cobertos com a letra vigorosa e firme eram ordenados, categorizados e arquivados nos gigantescos livros chamados *Crónicas, Uma História de Krynn*, por Astinus de Palanthas.

— Mestre... — proferiu Bertrem numa voz trémula.

*Neste dia, conforme acima, Hora Pós-Velada passados 30, Bertrem falou, anotou Astinus no texto.*

— Lamento interromper-vos, Mestre — disse Bertrem com uma voz débil — mas um jovem está a morrer à soleira da vossa porta.

*Neste dia, conforme acima, Hora Repousada menos 29, um jovem morreu à soleira da nossa porta.*

— Obtém o nome dele — disse Astinus sem erguer o olhar nem fazer uma pausa na escrita — para eu poder registá-lo. Certifica-te da grafia. E descobre de onde ele é e a sua idade, se não estiver demasiado acabado.

— Eu tenho o nome dele, Mestre — respondeu Bertrem. — É Raistlin. Vem da vila de Solace na terra de Abanasinia.

*Neste dia, conforme acima, Hora Repousada menos 28, Raistlin de Solace morreu...*

Astinus parou de escrever. Ergueu o olhar.

— Raistlin... de Solace?

— Sim, Mestre — respondeu Bertrem, fazendo uma vénia perante aquela grande honra. Era a primeira vez que Astinus olhava diretamente para ele, apesar de Bertrem pertencer há mais de uma década à Ordem dos Estetas que vivia na grande biblioteca. — Conheci-lo, Mestre? Foi por isso que eu tomei a liberdade de perturbar o vosso trabalho. Ele pediu para falar convosco.

— Raistlin...

Um pingo de tinta caiu da pena de Astinus no papel.

— Onde está ele?

— Nos degraus, Mestre, onde o encontramos. Julgámos que talvez um desses novos curandeiros de que ouvimos falar, aqueles que adoram a Deusa Mishakal, pudesse ajudá-lo...

O historiador olhou aborrecido para o borrão de tinta. Pegando numa

pitada de areia fina e branca, espalhou-a cautelosamente sobre a tinta para que não manchasse outras folhas que fossem mais tarde postas em cima daquela. Depois, baixando o olhar, Astinus regressou ao trabalho.

— Nenhum curandeiro pode curar o mal desse jovem — comentou o historiador numa voz que podia ter vindo das profundezas do tempo. — Mas trá-lo para dentro. Dá-lhe um quarto.

— Trazê-lo para dentro da biblioteca? — repetiu Bertrem com uma profunda estupefação. — Mestre, ninguém foi deixado entrar, exceto os que pertencem à nossa Ordem...

— Quero falar com ele, se tiver tempo no fim do dia — prosseguiu Astinus, como se não tivesse ouvido as palavras do Esteta. — Isto é, se ele ainda estiver vivo.

A pena movia-se rapidamente pelo papel.

— Sim, Mestre — murmurou Bertrem e recuou para fora da sala.

Fechando a porta do gabinete, o Esteta apressou-se a atravessar os frios e silenciosos corredores de mármore da antiga biblioteca, com os olhos esbugalhados do assombro que aquela ocorrência lhe causava. A sua veste grossa e pesada varria o chão atrás dele, a cabeça rapada brilhava de suor enquanto ele corria, desabituaado de tão vigoroso exercício. Os outros membros da Ordem fitaram-no espantados quando surgiu de rompante na entrada principal da biblioteca. Olhando rapidamente através do painel de vidro incorporado na porta, viu o corpo do jovem nas escadas.

— Foi-nos ordenado que o tragamos para dentro — disse Bertrem aos outros. — Astinus quer falar com o jovem esta noite, se o mago ainda estiver vivo.

Um por um, os Estetas entreolharam-se num silêncio chocado, perguntando a si próprios que tragédia aquilo prognosticaria.

*Estou a morrer.*

Sabê-lo era amargo para o mago. Jazendo na cama, na fria cela branca onde os Estetas o tinham colocado, Raistlin amaldiçoou o seu corpo débil e frágil, amaldiçoou os Testes que o tinham dilacerado, amaldiçoou os deuses que lhos haviam infligido. Amaldiçoou até deixar de ter palavras para arremessar, até ficar demasiado exausto mesmo para pensar. E depois ficou deitado sob os lençóis de linho branco que eram como mortalhas, a sentir o coração esvoaçar dentro do seu peito como uma ave encurralada.

Pela segunda vez na vida, Raistlin estava só e assustado. Só uma vez antes estivera só, e isso acontecera durante os três torturantes dias de Testes na Torre da Alta Magia. E mesmo então, teria estado só? Não lhe parecia, embora não se conseguisse lembrar com clareza. A voz... a voz que por vezes lhe falava, a voz que nunca conseguira identificar, mas parecia saber...

Sempre ligara a voz à Torre. Ela ajudara-o lá, tal como o ajudara desde então. Fora devido a essa voz que sobrevivera à provação.

Mas não sobreviveria àquilo, bem o sabia. A transformação mágica por que passara sobrecarregara demasiado o seu débil corpo. Tivera sucesso, mas a que custo!

Os Estetas tinham-no encontrado enrolado na veste vermelha, vomitando sangue nas escadas da biblioteca. Conseguira arquejar o nome de Astinus e o seu quando lho perguntaram. Depois, perdera a consciência. Quando despertara, estava ali, naquela fria e estreita cela de monge. E com o despertar chegara a consciência de que estava a morrer. Pedira mais do seu corpo do que este era capaz de dar. A orbe de dragão talvez o salvasse, mas já não tinha forças para executar magia. As palavras para evocar o seu encantamento tinham-lhe desaparecido da mente.

*Seja como for, estou demasiado fraco para controlar o seu tremendo poder, compreendeu. Se ela souber alguma vez que eu perdi as forças, devorar-me-á.*

Não, só lhe restava uma hipótese, os livros da grande biblioteca. A orbe de dragão havia-lhe prometido que esses livros continham os segredos dos antigos, magos grandes e poderosos como nunca mais se verão em Krynn. Talvez pudesse encontrar aí os meios para prolongar a vida. Tinha de falar com Astinus! Tinha de ganhar o direito a entrar na grande biblioteca, guinchara ele aos complacentes Estetas. Mas estes haviam-se limitado a acenar com as cabeças.

— Astinus falará convosco — tinham dito — esta noite, se tiver tempo.

*Se ele tiver tempo!* Raistlin praguejou com rancor. *Se eu tiver tempo!* Sentia as areias da sua vida a escorrer-lhe por entre os dedos e, por mais que as tentasse agarrar, não conseguia fazê-las parar.

Olhando-o com olhos apiedados, sem saber o que fazer por ele, os Estetas trouxeram a Raistlin alimento, mas este não conseguiu comer. Nem sequer conseguiu engolir o amargo remédio de ervas que lhe aliviava a tosse. Furioso, mandou os idiotas embora. Depois deitou-se sobre a almofada dura, vendo a luz do Sol avançar pela cela. Exercendo todos os esforços para se agarrar à vida, Raistlin forçou-se a descontraír, sabendo que a sua ira febril o consumiria. Os pensamentos dirigiram-se-lhe ao irmão.

Fechando fatigadamente os olhos, Raistlin imaginou Caramon sentado a seu lado. Quase conseguia sentir os braços de Caramon à sua volta, erguendo-o para que pudesse respirar mais facilmente. Conseguia cheirar o odor familiar do irmão a suor, couro e aço. Caramon cuidaria dele. Caramon não o deixaria morrer...

*Não, pensou sonhadoramente Raistlin. Caramon está agora morto. Estão todos mortos, os palermas. Tenho de cuidar de mim.* De súbito, aperce-



beu-se de que estava de novo a perder a consciência. Lutou desesperadamente, mas era uma batalha perdida. Fazendo um último esforço supremo, enfiou a mão trémula num bolso da sua veste. Os dedos cerraram-se-lhe em volta da orbe de dragão, reduzida ao tamanho de um berlinde de criança, no momento em que se afundou na escuridão.

Despertou ao som de vozes e para a consciência de que alguém estava na cela consigo. Combatendo por atravessar camadas de negrume, Raistlin lutou até chegar à superfície da consciência e abriu os olhos.

Era noitinha. A luz vermelha de Lunitari penetrava de relance pela janela, uma tremeluzente mancha de sangue na parede. Uma vela ardia ao lado da sua cama e, à luz da vela, viu dois homens em pé por cima dele. Num reconheceu o Esteta que o descobrira. O outro? Parecia conhecido...

— Ele acorda, Mestre — disse o Esteta.

— Pois acorda — comentou o homem, imperturbável. Dobrando-se, estudou a cara do jovem mago, após o que sorriu e acenou de si para si, quase como se alguém que há muito esperava tivesse finalmente chegado. Era um olhar peculiar, e não passou despercebido nem a Raistlin, nem ao Esteta.

— Sou Astinus — proferiu o homem. — Tu és Raistlin de Solace.

— Sou. — A boca de Raistlin formou a palavra, a sua voz pouco passava de um coaxo. Erguendo o olhar para Astinus, a ira de Raistlin regressou ao recordar o comentário insensível do homem sobre falar com ele *se tivesse tempo*. Ao ver o homem, Raistlin sentiu-se de súbito enregelado. Nunca vira rosto tão frio e insensível, completamente vazio de emoções e paixões humanas. Uma cara intocada pelo tempo...

Raistlin soltou um arquejo. Lutando por se sentar — com a ajuda do Esteta —, fitou Astinus.

Reparando na reação de Raistlin, Astinus comentou:

— Olhas-me estranhamente, jovem mago. Que vês com esses teus olhos de ampulheta?

— Vejo... um homem... que *não* está a morrer... — Raistlin só conseguia falar entre dolorosos esforços para inspirar.

— Claro, que esperáveis? — censurou o Esteta, encostando suavemente o moribundo às almofadas da cama. — O Mestre estava cá para registar o nascimento do primeiro a chegar a Krynn, e ainda cá estará para registar a morte do último. É o que nos é ensinado por Gilean, Deus do Livro.

— Isto é verdade? — sussurrou Raistlin.

Astinus encolheu ligeiramente os ombros.

— A minha história pessoal não tem qualquer relevância quando comparada com a história do mundo. E agora fala, Raistlin de Solace. Que que-

res tu de mim? Volumes inteiros vão passando enquanto eu desperdiço o meu tempo em conversas vãs contigo.

— Eu peço... suplico... um favor! — As palavras foram arrancadas ao peito de Raistlin e saíram manchadas de sangue. — A minha vida... mede-se... em horas. Deixai-me... passá-las... em estudo... na grande biblioteca!

A língua de Bertrem soltou um estalido contra o céu da sua boca, chocada pela temeridade daquele jovem mago. Olhando para Astinus com temor, o Esteta esperou pela contundente recusa que, estava certo, arrancaria a pele daquele imprudente jovem dos seus ossos.

Longos momentos de silêncio se passaram, quebrados apenas pela laboriosa respiração de Raistlin. A expressão na cara de Astinus não mudou. Por fim, respondeu friamente:

— Faz o que quiseres.

Ignorando o olhar chocado de Bertrem, Astinus virou-se e começou a caminhar na direção da porta.

— Esperai! — arranhou a voz de Raistlin. O mago estendeu uma mão trémula enquanto Astinus ia lentamente parando. — Perguntastes-me o que eu vi quando vos olhava. Agora pergunto-vos o mesmo. Vi essa expressão na vossa cara quando vos debruçastes sobre mim. Reconhecestes-me! Conheceis-me! Quem sou eu? O que vedes?

Astinus olhou para trás, com a cara fria, vazia e impenetrável como mármore.

— Disseste que vias um homem que não estava a morrer — disse o historiador ao mago em voz baixa. Hesitando um momento, encolheu os ombros e voltou a virar-se. — Eu vejo um homem que está.

E, com aquilo, saiu porta fora.

*Parte-se do princípio de que Vós, que tendes este Livro nas Mãos, ultrapassastes com sucesso os Testes numa das Torres da Alta Magia e que haveis demonstrado a Vossa Capacidade de exercer Controlo sobre uma Orbe de Dragão ou qualquer outro Artefacto Mágico aprovado (ver Apêndice C) e, ademais, que haveis demonstrado Comprovada Capacidade no lançamento dos Feitiços...*

— Sim, sim — resmungou Raistlin, passando apressadamente os olhos pelas runas que rastejavam como aranhas pela página. Lendo impaciente-mente a lista de feitiços, chegou finalmente à conclusão.

*Tendo completado estes Requisitos Satisfatoriamente para os Vossos Mestres, pomos nas Vossas Mãos este Livro de Feitiços. Assim, com a Chave, Vós destrancais os Nossos Mistérios.*

Com um guincho de raiva inarticulada, Raistlin empurrou para o lado o livro de feitiços com a sua encadernação azul-escura e runas prateadas.

Com a mão a tremer, agarrou no livro encadernado a azul-escuro que se seguia na enorme pilha que amontoara a seu lado. Um ataque de tosse forçou-o a parar. Lutando por obter algum fôlego, temeu durante um momento não poder prosseguir.

A dor era insuportável. Por vezes ansiava por afundar-se no esquecimento, pôr fim àquela tortura com que tinha de viver diariamente. Fraco e entontecido, deixava a cabeça cair sobre a secretária, aninhando-a nos braços. Descanso, doce, indolor descanso. Uma imagem do irmão veio-lhe à mente. Ali estava Caramon no além, à espera do irmão mais novo. Raistlin via os olhos tristes e caninos do gêmeo, sentia a sua piedade...

Raistlin inspirou com um arquejo, após o que se forçou a sentar-se. *Encontrar Caramon! Estou a ficar atordoado.* Riu-se de si próprio. *Que disparate!*

Humedecendo com água os lábios cobertos de sangue seco, Raistlin pegou no livro de feitiços azul-escuro seguinte e puxou-o para si. As runas prateadas relampejaram à luz da vela, a sua capa — gelada ao toque — era igual às de todos os outros livros de feitiços empilhados à sua volta. A capa era igual à do livro de feitiços que já estava na sua posse, o livro que conhecia de cor e salteado, o livro do maior mago que algum dia vivera, Fistan-dantilus.

Com mãos trémulas, Raistlin abriu a capa. Os seus olhos febris devoraram a página, lendo os mesmos requisitos — só magos de estatuto elevado na Ordem possuíam a perícia e o controlo necessários para estudar os feitiços registados no interior. Os que tentassem lê-los sem os possuírem nada veriam nas páginas além de uma algaraviada incompreensível.

Raistlin preenchia todos os requisitos. Era provavelmente o único mago de Veste Branca ou Vermelha em Krynn, com a possível exceção do próprio Par-Salian, que podia afirmar tal coisa. No entanto, quando Raistlin olhou para a escrita dentro do livro, esta não passava de gatafunhos incompreensíveis.

*Assim, com a Chave, destrancais os nossos Mistérios...*

Raistlin gritou, um som fino e gemebundo interrompido por um soluço sufocado. Numa amarga ira e frustração, atirou-se para cima da mesa, espalhando os livros pelo chão. As suas mãos esganharam freneticamente o ar, e voltou a gritar. A magia que estivera demasiado fraco para invocar veio-lhe agora em fúria.

Os Estetas, passando pelas portas da grande biblioteca, trocaram olhares temerosos ao ouvirem aqueles terríveis gritos. Depois ouviram outro som. Um estalido, seguido pela ressonante explosão de um trovão. Fitaram a porta, alarmados. Um pôs a mão na maçaneta e fê-la rodar, mas a porta estava bem trancada. Depois outro apontou e todos recuaram quando uma

luz fantasmagórica relampejou sob a porta fechada. Um cheiro a enxofre pairou pelo ar, vindo da biblioteca, e foi soprado para longe por uma grande rajada de vento que atingiu a porta com tal força que parecia capaz de a rachar em duas. De novo os Estetas ouviram aquele borbulhante lamento de raiva, e então fugiram pelo corredor de mármore, chamando freneticamente por Astinus.

Quando o historiador chegou, descobriu a porta da grande biblioteca trancada por um feitiço. Não ficou muito surpreso. Com um suspiro de resignação, tirou um pequeno livro do bolso da sua veste e sentou-se numa cadeira, começando a escrever na sua letra rápida e fluida. Os Estetas aglomeraram-se perto dele, alarmados pelos estranhos sons que emanavam de dentro da sala trancada.

Trovões ressoaram e reverberaram, abanando as próprias fundações da biblioteca. Luz relampejou em volta da porta fechada tão constantemente que podia ser dia dentro da sala em vez da hora mais escura da noite. Os uivos e guinchos de uma ventania misturavam-se com os gritos estridentes do mago. Houve baques e estrondos, o som restolhante de maços de papéis a rodopiar numa tempestade. Línguas de chamas projetaram-se por baixo da porta.

— Mestre! — gritou um dos Estetas, aterrorizado, apontando para as chamas. — Ele está a destruir os livros!

Astinus abanou a cabeça e não parou de escrever.

Então, de súbito, tudo ficou em silêncio. A luz vista por baixo da porta da biblioteca apagou-se como se tivesse sido engolida pelas trevas. Com hesitação, os Estetas aproximaram-se da porta, inclinando as cabeças para escutar. Nada se ouvia lá dentro, exceto um ténue som de restolhada. Bertrem encostou a mão à porta. Esta cedeu à sua suave pressão.

— A porta abre-se, Mestre — disse ele.

Astinus levantou-se.

— Regressai aos vossos estudos — ordenou aos Estetas. — Não há nada que possais fazer aqui.

Dobrando-se em vénias silenciosas, os monges deitaram à porta um último relance assustado, após o que se apressaram a percorrer o corredor cheio de ecos, deixando Astinus sozinho. Este esperou alguns momentos para se certificar de que os outros se tinham ido embora, e de seguida o historiador abriu lentamente a porta da grande biblioteca.

Luar prateado e vermelho jorrava das pequenas janelas. As fileiras ordenadas de prateleiras que continham milhares de livros encadernados perdiam-se na escuridão. Recessos que continham milhares de pergaminhos cobriam as paredes. O luar brilhava sobre uma mesa, enterrada sob uma pilha de papel. Uma vela apagada estava no centro da mesa, e um livro

de feitiços azul-escuro encontrava-se aberto a seu lado, com o luar a brilhar nas suas páginas brancas como ossos. Outros livros de feitiços estavam espalhados pelo chão.

Olhando em volta, Astinus franziu o sobrolho. Riscos negros marcavam as paredes. O cheiro a enxofre e a fogo era forte dentro da sala. Folhas de papel rodopiavam no ar parado, caindo como folhas após uma tempestade de outono em cima de um corpo que jazia no chão.

Entrando na sala, Astinus fechou e trancou cuidadosamente a porta atrás de si. Depois aproximou-se do corpo, abrindo caminho por entre a massa de pergaminhos espalhados pelo chão. Nada disse, e tampouco se dobrou para ajudar o jovem mago. Em pé, ao lado de Raistlin, olhou-o pensativo.

Mas, quando se aproximou, a veste de Astinus roçou na mão estendida de coloração metálica. A esse toque, o mago ergueu a cabeça. Raistlin fitou Astinus com olhos que já escureciam com as sombras da morte.

— Não encontrei o que procuravas? — perguntou Astinus, fitando o jovem mago com olhos frios.

— A Chave! — arquejou Raistlin por entre lábios brancos salpicados de sangue. — Perdida... no tempo! Idiotas! — A sua mão semelhante a uma garra cerrou-se, sendo a ira o único fogo que nele ardia. — Tão simples! Todos a conheciam... ninguém a registou! A Chave... tudo o que preciso... perdida!

— Então isto põe fim à tua viagem, velho amigo — disse Astinus sem compaixão.

Raistlin ergueu a cabeça com os olhos dourados a reluzir febrilmente.

— Vós conheceis-me *mesmo*! *Quem sou eu?* — perguntou.

— Já não é importante — disse Astinus. Virando-se, começou a sair da biblioteca.

Ouviu-se um guincho penetrante atrás dele, e uma mão agarrou-lhe a veste, obrigando-o a parar.

— Não me vires as costas como as viraste ao mundo! — rosnou Raistlin.

— Virar as costas ao mundo... — repetiu o historiador numa voz baixa e lenta, virando a cabeça para encarar o mago. — Virar as costas ao mundo! — A emoção raramente desfigurava a superfície da fria voz de Astinus, mas agora a ira atingira a plácida calma da sua alma como uma pedra atirada a águas paradas.

— Eu? Virar as costas ao mundo? — A voz de Astinus rolou pela biblioteca como o trovão rolara anteriormente. — Eu *sou* o mundo, como tu bem sabes, velho amigo! Nasci incontáveis vezes. Morri incontáveis mortes! Por cada lágrima derramada, as minhas fluíram! Por cada gota de san-

gue perdida, as minhas jorraram! Cada agonia, cada alegria jamais sentidas foram por mim partilhadas!

» Sento-me com a mão na Esfera do Tempo, a esfera que *tu* me fizeste, velho amigo, e viajo por todos os recantos deste mundo registrando a sua história. Cometi os atos mais negros! Fiz os mais nobres sacrifícios. Sou humano, elfo e ogre. Sou macho e fêmea. Dei à luz crianças. Assassinei crianças. Vi-te como forte. Vejo-te como és. Se pareço frio e insensível, é porque é assim que sobrevivo sem perder a sanidade! A minha paixão vai para as palavras. Aqueles que leem os meus livros sabem como é ter vivido em qualquer tempo, em qualquer corpo que já percorreu este mundo!

A mão de Raistlin soltou a veste do historiador, e o mago caiu debilmente no chão. Estava a perder rapidamente as forças. Mas agarrou-se às palavras de Astinus, apesar de sentir o frio da morte apertar-lhe o coração. *Tenho de viver, só mais um momento. Lunitari, dá-me só mais um momento*, rezou, invocando o espírito da lua de onde os magos de Vestes Vermelhas extraíam a sua magia. Ele sabia que uma palavra viria. Uma palavra que o salvaria. Se ao menos se conseguisse aguentar!

Os olhos de Astinus relampejaram quando fitou o moribundo. As palavras que lhe atirou tinham estado encurraladas no interior do cronista durante incontáveis séculos.

— No último dia perfeito — disse Astinus, com a voz a tremer — os três deuses unir-se-ão: Paladine na sua Radiância, a Rainha Takhisis na sua Escuridão, e por fim Gilean, Senhor da Neutralidade. Nas mãos, cada um traz a Chave do Conhecimento. Colocarão essas Chaves sobre o grande Altar, e sobre o Altar serão também colocados os meus livros... a história de cada ser que viveu em Krynn ao longo do tempo! E então, por fim, o mundo estará completo...

Astinus parou, horrorizado, apercebendo-se do que dissera, do que fizera.

Mas os olhos de Raistlin já não o viam. As pupilas em forma de ampolheta estavam dilatadas, a cor dourada que as rodeava reluzia como uma chama.

— A Chave... — sussurrou Raistlin, exultante. — A Chave! Já sei... já sei!

Tão fraco que mal se conseguia mexer, Raistlin enfiou a mão na pequena bolsa discreta que pendia do seu cinto e de lá tirou a orbe de dragão do tamanho de um berlinde. Segurando-a na mão trémula, o mago fitou-a com olhos que se iam rapidamente turvando.

— Eu sei quem tu és — murmurou Raistlin com o seu último suspiro. — Agora conheço-te e imploro-te: vem em meu auxílio como vieste na

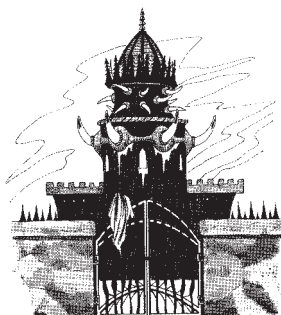
Torre e em Silvanesti! O nosso acordo está feito! Salva-me e salvar-te-ás a ti próprio!

O mago tombou. A cabeça, com o seu cabelo ralo, branco e fino, voltou a cair no chão, e os olhos, com a sua visão amaldiçoada, fecharam-se. A mão que segurava a orbe perdeu a força, mas os dedos não se descontraíram. Ele manteve a orbe bem segura num aperto mais forte que a morte.

Pouco mais que uma pilha de ossos vestida com uma veste vermelha de sangue, Raistlin jazeu imóvel entre os papéis que juncavam a biblioteca enfeitiçada.

Astinus fitou o corpo durante longos momentos, banhado na ofuscante luz arroxeadada das duas luas. Depois, de cabeça baixa, o historiador abandonou a biblioteca silenciosa, fechando e trancando a porta atrás de si com mãos que tremiam.

Regressando ao gabinete, o historiador ficou horas sentado, fitando as trevas sem ver.

**PALANTHAS.**

— Estou-te a dizer, era o Raistlin!

— E eu estou-te a dizer, mais uma das tuas histórias de elefantes peludos, anéis teleportadores, plantas que vivem do ar e torço-te esse *hoopak* em volta do pescoço! — cortou Flint em tom zangado.

— Era *mesmo* Raistlin — retorquiu Tasslehoff, mas disse-o em surdina enquanto os dois caminhavam ao longo das largas e reluzentes ruas da bela cidade de Palanthas. O kender sabia, devido à longa associação, até que ponto podia provocar o anão, e o limite de irritação de Flint andava muito baixo por aqueles dias.

— E também não vais incomodar a Laurana com as tuas histórias malucas — ordenou Flint, adivinhando corretamente as intenções de Tas. — Ela já tem problemas que cheguem.

— Mas...

O anão parou e fitou sombriamente o kender por baixo de farfalhudas sobranceiras brancas.

— Prometes?

Tas suspirou.

— Oh, está bem.

Não seria tão mau se ele não tivesse tanta certeza de ter visto Raistlin! Ele e Flint iam passando pela escada da grande biblioteca de Palanthas quando os olhos aguçados do kender viram um grupo de monges aglomerados em volta de qualquer coisa caída nos degraus. Quando Flint parara por um momento para admirar um exemplo particularmente bom de tra-



balho em pedra, executado por anões, num edifício em frente da biblioteca, Tas aproveitara a oportunidade para se esgueirar em silêncio até à escada e ver o que se passava.

Para seu espanto, vira um homem que era tal e qual Raistlin, com a pele metálica de cor dourada, a veste vermelha e tudo, a ser erguido da escada e levado para dentro da biblioteca. Mas quando o excitado kender atravessara a rua a correr, agarrara em Flint e carregara o anão resmungão até à escada, o grupo desaparecera.

Tasslehoff até corraera para a porta, batendo e exigindo entrar. Mas o Esteta que viera abrir parecera tão horrorizado com a ideia de deixar entrar um kender na grande biblioteca que o escandalizado anão corraera com Tas antes de o monge ter tempo de abrir a boca.

Uma vez que promessas eram coisas muito nebulosas para kenders, Tas brincou com a ideia de dizer a Laurana mesmo assim, mas depois pensou na cara que a donzela élfica apresentara nos últimos tempos, pálida e tensa de desgosto, preocupação e falta de sono, e o compassivo kender decidiu que Flint talvez tivesse razão. Se fora Raistlin, era provável que ele ali estivesse devido a algum assunto secreto lá seu e não lhes agradeceria por aparecerem sem serem convidados. Ainda assim...

Soltando um suspiro, o kender continuou a caminhar, pontapeando pedras e voltando a olhar para a cidade em volta. Palanthas valia bem a mirada. A cidade já era afamada pela sua beleza e graça mesmo nos tempos da Era do Poder. Não havia outra cidade em Krynn que se lhe pudesse comparar, pelo menos segundo o pensamento humano. Construída num padrão circular, como uma roda, o centro era, literalmente, o fulcro da cidade. Todos os principais edifícios oficiais localizavam-se aí, e as grandes e vastas escadarias e graciosas colunas eram de cortar a respiração na sua grandiosidade. A partir desse círculo central, largas avenidas seguiam nas direções dos oito pontos cardeais principais. Pavimentadas com pedras bem ajustadas (trabalho de anões, claro) e ladeadas de árvores cujas folhas eram como renda dourada durante todo o ano, essas avenidas levavam ao porto, a norte, e às sete portas da Velha Muralha da Cidade.

Até essas portas eram obras-primas da arquitetura, cada uma defendida por minaretes gémeos cujas graciosas torres se erguiam a mais de noventa metros no ar. A Velha Muralha propriamente dita era esculpida com motivos intrincados, contando a história de Palanthas durante a Era dos Sonhos. Depois da Velha Muralha da Cidade ficava a Cidade Nova. Cuidadosamente planeada para estar em conformidade com o plano original, a Cidade Nova estendia-se a partir da Velha Muralha da Cidade no mesmo padrão circular, com as mesmas avenidas largas e ladeadas por árvores. Não havia, porém, quaisquer muralhas em volta da Cidade Nova. Os palan-

tinhas não gostavam particularmente de muralhas (as muralhas arruinavam o plano geral), e nada, quer na Cidade Velha, quer na Nova, era naqueles dias construído sem primeiro consultar o plano geral, tanto interior como exterior. A silhueta de Palanthas no horizonte ao fim da tarde era tão linda aos olhos como a própria cidade, com uma exceção.

Os pensamentos de Tas foram rudemente interrompidos por um empurrão nas costas, dado por Flint.

— Que se passa contigo? — perguntou o kender, encarando o anão.

— Onde estamos? — perguntou Flint, carrancudo, de mãos nas ancas.

— Bem, estamos... — Tas olhou em volta. — Ah... quer dizer, acho que estamos... e daí, se calhar não estamos. — Fitou Flint com um olhar frio. — Como foi que arranjaste maneira de nos perdermos?

— EU! — explodiu o anão. — O guia és *tu!* O leitor de mapas és *tu!* O kender que conhece esta cidade como a sua própria casa és *tu!*

— Mas *eu* estava a pensar — disse Tas com altivez.

— Em quê? — rugiu Flint.

— Estava a pensar pensamentos profundos — disse Tas num tom magoadado.

— Eu... oh, deixa lá — resmungou Flint e pôs-se a examinar a rua, para cima e para baixo. Não gostou lá muito do aspeto das coisas.

— Isto certamente parece estranho — disse Tas alegremente, fazendo eco dos pensamentos do anão. — Está tão vazio, nada como as outras ruas de Palanthas. — Fitou ansiosamente as fileiras de edificios silenciosos e vazios. — Pergunto a mim próprio...

— Não — disse Flint. — De modo algum. Vamos voltar por onde viemos...

— Oh, vá lá! — disse Tas, avançando pela rua deserta. — Só um bocadinho, para ver o que há lá ao fundo. Sabes que Laurana nos disse para olhar em volta, para inspecionarmos as forti... forta... as com-é-que-se-chamam.

— Fortificações — resmungou Flint, seguindo o kender com relutância, batendo os pés. — E não há nenhuma por aqui, seu cabeça de alho chocho. Isto é o centro da cidade! Ela falava das muralhas em volta da periferia da cidade.

— Não há nenhuma muralha em volta da periferia da cidade — disse Tas, triunfante. — Da Cidade Nova, pelo menos. E se isto é o centro, porque está deserto? Acho que devíamos descobrir.

Flint soltou uma fungadela. O kender estava a começar a fazer sentido, um facto que levava o anão a abanar a cabeça e a perguntar a si próprio se não deveria talvez deitar-se algures à sombra.

Os dois caminharam em silêncio durante vários minutos, penetrando cada vez mais no coração da cidade. De um lado, só a uma distância de

alguns quarteirões, erguia-se a mansão palaciana do Senhor de Palanthas. Dali viam-se os seus altos coruchéus. Mas à frente, nada estava visível. Encontrava-se tudo perdido em sombras...

Tas olhou pelas janelas e enfiou o nariz nas portas dos edifícios por que passavam. Ele e Flint avançaram até ao fim do quarteirão antes de o kender falar.

— Sabes, Flint — disse Tas, perturbado — estes edifícios estão todos vazios.

— Abandonados — disse Flint numa voz segredada. O anão pousou a mão no machado de batalha, sobressaltando-se nervosamente com o som da voz estridente de Tas.

— Este sítio dá uma sensação estranha — disse Tas, aproximando-se mais do anão. — Não estou com medo, repara...

— Eu estou — disse enfaticamente Flint. — Vamos embora daqui!

Tas ergueu o olhar para os altos edifícios de ambos os lados. Estavam bem cuidados. Aparentemente, os palantinos tinham tanto orgulho da sua cidade que até gastavam dinheiro a manter edifícios sem ocupação. Havia lojas e habitações de todos os tipos, claramente em bom estado estrutural. As ruas estavam limpas e vazias de lixo e detritos. Mas tudo estava deserto. *Esta foi em tempos uma zona próspera*, pensou o kender. Mesmo no coração da cidade. Porque não era agora? Porque se fora toda a gente embora? Isso dava-lhe uma sensação “sinistra”, e não havia muitas coisas em Krynn que dessem a kenders sensações “sinistras.”

— Nem sequer há ratazanas! — resmungou Flint. Pegando no braço de Tas, puxou pelo kender. — Já vimos o suficiente.

— Oh, vá lá — disse Tas. Afastando o braço com um puxão, dominou a estranha sensação sinistra e, endireitando os seus pequenos ombros, recomeçou a avançar pelo passeio. Não avançara um metro quando se apercebeu de que estava só. Parando, exasperado, olhou para trás. O anão estava parado no passeio, fitando-o, furioso.

— Só quero ir até àquele bosque ao fundo da rua — disse Tas, apontando. — Olha... é só um bosque normalíssimo de carvalhos normalíssimos. Provavelmente um parque, ou coisa do género. Talvez possamos almoçar...

— Não gosto deste sítio! — disse Flint, obstinado. — Faz-me lembrar a... a... Floresta Escura... aquele lugar onde Raistlin falou com os fantasmas.

— Oh, o único fantasma aqui és tu! — disse Tas, irritado, determinado a ignorar o facto de que o lugar lhe fazia lembrar o mesmo. — É dia claro. Estamos no centro de uma cidade, pelo amor de Reorx...

— Então porque é que está um gelo?

— É inverno! — gritou o kender, abanando os braços. Calou-se de imediato, olhando em volta, alarmado pelo modo estranho como as suas

palavras ecoaram nas ruas silenciosas. — Vens ou não? — perguntou num sussurro sonoro.

Flint respirou fundo. Franzindo o sobrolho, agarrou o machado de batalha e marchou rua fora na direção do kender, deitando olhadelas cautelosas aos edifícios como se a qualquer momento um espectro pudesse saltar sobre ele.

— Não é inverno — resmungou o anão pelo canto da boca. — Só aqui é que é.

— Ainda faltam semanas para a primavera — retorquiu Tas, satisfeito por ter algum tema para discutir e manter a mente afastada das estranhas coisas que o seu estômago estava a fazer... torcendo-se em nós, e assim.

Mas Flint recusou-se a discutir — um mau sinal. Em silêncio, os dois avançaram pela rua vazia até chegarem ao fim do quarteirão. Aí, os edifícios terminavam abruptamente num bosque. Como Tas dissera, parecia não passar de um bosque normal de carvalhos, embora certamente fossem os mais altos carvalhos que o anão e o kender tinham visto em longos anos passados a explorar Krynn.

Mas quando os dois se aproximaram, sentiram que a estranha sensação de enregelamento se tornava mais forte, até ficar pior do que qualquer frio que já tivessem experimentado, mesmo o frio do glaciário em Muralha de Gelo. Era pior porque vinha de dentro, e isso não fazia sentido nenhum! Porque haveria de estar tanto frio só naquela parte da cidade? O Sol estava a brilhar. Não havia uma nuvem no céu. Mas depressa ficaram com os dedos entorpecidos e rígidos. Flint deixou de conseguir segurar no machado de batalha e foi forçado a devolvê-lo com mãos trémulas ao suporte. Os dentes de Tas batiam, ele perdera todas as sensações nas orelhas pontiagudas e tremia com violência.

— V-Vamos e-embora d-d-aqui... — gaguejou o anão por entre lábios azuis.

— S-Só es-estamos à s-sombra d-dum edi-difício. — Tas quase mordeu a língua. — Q-Quando s-saírmos p-para o s-sol, v-vai aquecer.

— N-Não há f-fogo em K-Krynn que aq-aqueça isto! — cortou Flint com rancor, batendo os pés no chão para que o sangue por eles circulasse.

— S-Só m-mais uns m-metros... — Tas continuou a avançar com valentia, apesar de os joelhos baterem um no outro. Mas foi sozinho. Virando-se, viu que Flint parecia paralisado, incapaz de se mexer. A sua cabeça baixara, a barba estremecia.

Devia voltar para trás, pensou Tas, mas não conseguiu. A curiosidade que fazia mais que qualquer outra coisa no mundo para reduzir a população de kenders continuava a impeli-lo em frente.

Tas chegou ao limite do bosque de carvalhos e — aí — o coração quase

lhe falhou. Os kenders são normalmente imunes à sensação de medo, portanto só um kender poderia ter chegado tão longe. Mas agora Tas dava por si aprisionado pelo mais irracional terror que alguma vez experimentara. E o que quer que estivesse a causá-lo localizava-se no interior do bosque de carvalhos.

*São árvores normais*, disse Tas a si próprio, tremendo. *Falei com espectros na Floresta Escura. Enfrentei três ou quatro dragões. Parti uma orbe de dragão. É só um bosque normal. Estive prisioneiro no castelo de um feiticeiro. Vi um demónio do Abismo. Só um bosque de árvores normais.*

Lentamente, falando consigo próprio, Tasslehoff foi avançando por entre os carvalhos. Não foi longe, nem sequer passou pela fileira de árvores que formava o perímetro exterior do bosque. Porque agora conseguia ver o coração do bosque.

Tasslehoff engoliu em seco, virou-se e fugiu.

Ao ver o kender a correr na sua direção, Flint compreendeu que estava Tudo Acabado. Algo de Horrível ia saltar daquele bosque. O anão rodopiou tão depressa que tropeçou nos pés e estatelou-se no pavimento. Correndo até ele, Tas agarrou no cinto de Flint e puxou-o para cima. Depois, os dois precipitaram-se loucamente rua fora, com o anão a correr pela vida. Quase conseguia ouvir gigantescos passos a cair com estrondo atrás dele. Não se atreveu a virar-se. Visões de um monstro a escorrer baba incentivaram-no a prosseguir até que o coração pareceu estar prestes a rebentar para fora do seu corpo. Por fim, chegaram ao fim da rua.

Estava calor. O Sol brilhava.

Ouviam as vozes de gente real e viva que vinham das ruas repletas mais adiante. Flint parou, exausto, procurando respirar. Olhando temerosamente para trás, foi com surpresa que viu que a rua continuava vazia.

— O que era? — conseguiu perguntar quando foi capaz de falar mais alto que o bater do seu coração.

A cara do kender estava pálida como a morte.

— U-Uma t-torre... — Tas engoliu em seco, arquejante.

Os olhos de Flint esbugalharam-se.

— Uma torre? — repetiu o anão. — Eu *corri* esta distância toda, quase me matando, e estava a fugir de uma *torre!* Suponho que — as farfalhudas sobranceiras de Flint juntaram-se de forma alarmante — a torre não vinha atrás de ti?

— N-Não — admitiu Tas. — Ela... s-só estava lá. Mas foi a coisa mais horrenda que eu vi na vida — garantiu o kender com toda a seriedade, tremendo.

...

— Isso deve ser a Torre da Alta Magia — disse nessa noite o Senhor de Palanthas a Laurana quando entraram na sala dos mapas do belo palácio erguido na colina que dominava a cidade. — Não admira que o vosso pequeno amigo tenha ficado tão aterrorizado. Surpreende-me até que tenha chegado ao Carvalhal Shoikan.

— Ele é um kender — respondeu Laurana, sorrindo.

— Ah, sim. Bem, isso explica. Ora aí está uma coisa em que eu não tinha pensado, sabeis? Em contratar kendens para fazer o trabalho em volta da Torre. Temos de pagar os preços mais aviltantes para arranjar homens que entrem naqueles edifícios uma vez por ano e os mantenham em bom estado. Mas por outro lado — o senhor pareceu desanimado — não me parece que o povo da cidade fique de todo contente por ver um número considerável de kendens na cidade.

Amothus, Senhor de Palanthas, percorreu o chão de mármore polido da sala dos mapas, com as mãos apertadas atrás das suas vestes de Estado. Laurana caminhava a seu lado, tentando evitar tropeçar na bainha do vestido, comprido e solto, que os palantinos tinham insistido que usasse. Tinham-se mostrado muito amáveis com o vestido, dando-o como presente. Mas Laurana sabia que eles se sentiam horrorizados por verem uma Princesa dos Qualinesti a andar por ali numa armadura manchada de sangue e marcada pela batalha. Laurana não teve alternativa que não fosse aceitá-lo; não se podia dar ao luxo de ofender os palantinos, com quem estava a contar para lhe fornecerem auxílio. Mas sentia-se nua, frágil e indefesa sem a espada à ilharga e o aço em volta do seu corpo.

E sabia que os generais do exército palantino, os comandantes temporários dos Cavaleiros Solâmnicos e os outros nobres, conselheiros do Senado da Cidade, eram quem estava a fazê-la sentir-se frágil e indefesa. Todos lhe faziam lembrar, com cada olhar, que para eles era uma mulher a brincar a ser soldado. Certo, saíra-se bem. Combatera a sua pequena guerra e vencerá. Agora, de volta para a cozinha...

— O que é a Torre da Alta Magia? — perguntou Laurana de repente. Aprendera após uma semana de negociações com o Senhor de Palanthas que, embora fosse um homem inteligente, as suas ideias tendiam a deambular até regiões inexploradas e precisava de ser constantemente guiado para permanecer no tema central.

— Oh, sim. Bem, podeis vê-la daqui pela janela, se realmente quiserdes... — O senhor parecia relutante.

— Gostaria de a ver — disse Laurana com frieza.

Encolhendo os ombros, o Lorde Amothus desviou-se do seu rumo e levou Laurana até uma janela em que ela já reparara porque estava tapada por grossos cortinados. Os cortinados das outras janelas da sala estavam

abertos, revelando vistas da cidade, de cortar a respiração, em qualquer direção para onde se olhasse.

— Sim, é essa a razão por que mantenho isto fechado — disse o senhor com um suspiro em resposta à pergunta de Laurana. — E é uma pena. Esta foi em tempos a mais magnífica vista da cidade, de acordo com os velhos registos. Mas isso foi antes de a Torre ser amaldiçoada...

O senhor afastou a cortina com uma mão trémula e o rosto ensombrado por mágoa. Surpreendida por uma tal emoção, Laurana olhou para fora com curiosidade, após o que susteve a respiração. O Sol estava a afundar-se atrás das montanhas de cumes cobertos de neve, riscando o céu de vermelho e púrpura. As cores vibrantes reluziam nos edifícios de um branco puro de Palanthas, quando o raro e translúcido mármore de que eram feitos captava a luz moribunda. Laurana nunca imaginara que uma tal beleza pudesse existir no mundo dos humanos. Rivalizava com a sua querida pátria de Qualinesti.

Então, os seus olhos foram atraídos por uma escuridão dentro da reluzente radiância perlada. Uma única torre erguia-se para o céu. Era alta; apesar de o palácio estar empoleirado numa colina, o topo da Torre ficava só ligeiramente abaixo da sua linha de visão. Feita de mármore negro, destacava-se num distinto contraste com o mármore branco da cidade à sua volta. Viu que minaretes deviam ter em tempos decorado a sua superfície reluzente, embora estivessem agora arruinados e partidos. Janelas escuras, como órbitas vazias, fitavam o mundo sem ver. Uma vedação rodeava-a. Também a vedação era negra e, no portão desta, Laurana viu algo a esvoçar. Por um momento julgou que seria uma ave enorme, aí encurralada, pois parecia viva. Mas quando se aprestava para chamar a atenção do senhor para ela, ele fechou as cortinas com um arrepio.

— Perdão — pediu. — Não consigo suportá-lo. Chocante. E pensar que vivemos com aquilo durante séculos...

— Não me parece assim tão terrível — disse Laurana com sinceridade, enquanto o olho da sua mente recordava a visão da Torre e da cidade à sua volta. — A Torre... parece certa, não sei como. A vossa cidade é muito bela, mas por vezes é de uma beleza tão fria e perfeita que já não reparo nela. — Olhando pelas outras janelas, Laurana voltou a ficar tão encantada com a vista como estivera da primeira vez que entrara em Palanthas. — Mas depois de ver aquilo, a falha na cidade, faz com que a beleza se destaque na minha mente... se me faça entender...

Era óbvio pela expressão desorientada no rosto do senhor que ele não compreendia. Laurana suspirou, embora desse por si a deitar olhares à cortina cerrada, presa de um estranho fascínio.

— Como é que a Torre foi amaldiçoada? — preferiu perguntar.

— Foi durante a... oh, eis alguém que pode contar a história muito melhor do que eu — disse o Lorde Amothus, erguendo o olhar, aliviado, quando a porta se abriu. — Não é uma história que eu goste de relatar, para ser totalmente honesto.

— Astinus da Biblioteca de Palanthas — anunciou o arauto.

Para espanto de Laurana, todos os homens na sala se puseram respeitosa-mente em pé, mesmo os grandes nobres e generais. Tudo aquilo, pensou, por um bibliotecário? Depois, para seu espanto ainda maior, o Senhor de Palanthas, todos os seus generais e todos os nobres fizeram vénias quando o historiador entrou. Laurana também fez uma vénia, por uma questão de confusa cortesia. Como membro da Casa Real de Qualinesti, não devia baixar a cabeça a ninguém em Krynn, à exceção do seu pai, Orador dos Sóis. Mas quando se endireitou e estudou aquele homem, sentiu de súbito que fazer-lhe uma vénia fora muito próprio e adequado.

Astinus entrou com um à-vontade e uma segurança que a levou a crer que ficaria imperturbável na presença de toda a realeza de Krynn e também dos céus. Parecia ser de meia-idade, mas havia nele uma qualidade intemporal. A sua cara podia ter sido esculpida do mármore da própria Palanthas e, a princípio, Laurana sentiu-se repelida pela qualidade fria e desapaixonada daquele rosto. Mas depois viu que os olhos escuros do homem ardiam literalmente de vida, como se fossem iluminados por dentro com a vida de mil almas.

— Vindes atrasado, Astinus — disse o Lorde Amothus em tom agradável, embora com marcado respeito. Laurana reparou que tanto ele como os seus generais permaneceram em pé até o historiador se ter sentado, e o mesmo fizeram os Cavaleiros de Solamnia. Quase dominada por um temor respeitoso a que não estava habituada, afundou-se no seu lugar à enorme mesa redonda coberta de mapas que se encontrava no centro da grande sala.

— Tive assuntos a resolver — respondeu Astinus numa voz que podia ter provindo de um poço sem fundo.

— Ouvi dizer que fostes perturbado por um estranho acontecimento. — O Senhor de Palanthas corou, embaraçado. — Na verdade, tenho de pedir perdão. Não fazemos a mínima ideia de como o jovem pôde ir dar à vossa escadaria num estado tão pavoroso. Se ao menos nos tivésseis informado! Podíamos ter removido o corpo sem espalhafato...

— Não foi problema nenhum — disse Astinus de repente, deitando um relance a Laurana. — O assunto foi resolvido a contento. Tudo está agora a terminar.

— Mas... hm... então e os... hm... restos mortais? — perguntou o Lorde Amothus com hesitação. — Eu sei como isto deve ser doloroso, mas



há certos decretos de saúde pública que o Senado passou e eu gostaria de me assegurar de que tudo foi tratado...

— Eu talvez deva sair — disse Laurana com frieza, pondo-se em pé — até esta conversa terminar.

— O quê? Sair? — O Senhor de Palanthas fitou-a com um ar vago. — Mas acabastes de chegar...

— Creio que a nossa conversa é perturbadora para a princesa élfica — fez notar Astinus. — Os elfos, como vos lembrais, senhor, têm grande reverência pela vida. Entre eles, a morte não se discute desta forma insensível.

— Oh, céus! — O Lorde Amothus corou fortemente, levantando-se e pegando-lhe na mão. — Peço-vos muitas desculpas, querida. Foi absolutamente abominável da minha parte. Por favor, perdoai-me e voltai a sentar-vos. Um pouco de vinho para a princesa... — Amothus chamou um criado, o qual encheu o copo de Laurana.

— Estáveis a falar das Torres da Alta Magia quando eu entrei. Que sabeis sobre as Torres? — perguntou Astinus, cujos olhos fitavam a alma de Laurana.

Tremendo perante aquele olhar penetrante, ela bebeu o gole de vinho, agora arrependida de ter mencionado o assunto.

— Na verdade — disse numa voz débil — talvez devêssemos tratar dos assuntos que cá nos trazem. Tenho a certeza que os generais estão ansiosos para regressar para junto das suas tropas e eu...

— Que sabeis sobre as Torres? — repetiu Astinus.

— Eu... hm... não muito — hesitou Laurana, sentindo-se de volta à escola, a ser confrontada pelo tutor. — Tive um amigo, isto é, um conhecido, que fez os Testes na Torre da Alta Magia em Wayreth, mas ele está...

— Raistlin de Solace, creio — disse Astinus, imperturbável.

— Isso mesmo! — respondeu Laurana, surpreendida. — Como...

— Sou um historiador, jovem. É meu dever saber — respondeu Astinus. — Vou contar-vos a história da Torre de Palanthas. Não o considereis uma perda de tempo, Lauranthalasa, pois a sua história está ligada ao vosso destino. — Ignorando a expressão chocada de Laurana, ele fez um gesto a um dos generais. — Vós, aí, abri aquela cortina. Estais a tapar a melhor vista da cidade, como creio que a princesa fez notar antes de eu entrar. Esta, portanto, é a história da Torre da Alta Magia de Palanthas.

» A minha história tem de começar com o que ficou conhecido, em retrospectiva, como as Batalhas Perdidas. Durante a Era do Poder, quando o Rei-Sacerdote de Istar começou a saltar perante sombras, deu um nome aos seus medos: utilizadores de magia! Temia-os, temia o vasto poder que detinham. Como não o compreendia, ele transformou-se numa ameaça para si.

» Foi fácil revoltar a população contra os utilizadores de magia. Estes, embora fossem muito respeitados, nunca foram objeto de confiança, principalmente porque permitiam a existência nas suas fileiras de todos os três poderes no universo, as Vestes Brancas do Bem, as Vestes Vermelhas da Neutralidade, e as Vestes Negras do Mal. Pois compreendiam, ao contrário do Rei-Sacerdote, que o universo está em equilíbrio entre os três e que perturbar o equilíbrio é um convite à destruição.

» E assim, as pessoas revoltaram-se contra os utilizadores de magia. As cinco Torres da Alta Magia foram alvos preferenciais, naturalmente, pois era nessas torres que os poderes da Ordem estavam mais concentrados. E era a essas Torres que os jovens magos iam fazer os Testes... aqueles que se atreviam. Pois os Testes são árduos e, pior, perigosos. Na verdade, o falhanço significa uma coisa: a morte.

— A morte? — repetiu Laurana, incrédula. — Então Raistlin...

— Arriscou a vida para fazer o Teste. E quase pagou o preço. Mas isso não é para aqui chamado. Por causa desta pena mortal para o falhanço, boatos sombrios sobre as Torres da Alta Magia foram espalhados. Em vão, os utilizadores de magia procuraram explicar que as Torres eram apenas centros de aprendizagem e que cada jovem mago que arriscava a vida o fazia voluntariamente, compreendendo o propósito subjacente ao risco. Era também aí, nas Torres, que os magos guardavam os seus livros de feitiços e os seus rolos, os seus utensílios mágicos. Mas ninguém acreditou neles. Histórias sobre estranhos ritos, rituais e sacrifícios espalharam-se entre o povo, alimentadas pelo Rei-Sacerdote e os respetivos clérigos para os seus próprios fins.

» E o dia chegou em que a população se revoltou contra os utilizadores de magia. E pela segunda vez na história da Ordem, as Vestes juntaram-se. A primeira vez tinha sido durante a criação das orbes de dragão que contêm as essências do bem e do mal, ligadas pela neutralidade. Depois disso, as Vestes seguiram os seus caminhos separados. Agora, aliadas por uma ameaça comum, juntaram-se de novo para proteger os seus.

» Foram os próprios magos que destruíram duas das Torres para não deixarem que as turbas as invadissem e interferissem com aquilo que estava para lá do seu entendimento. A destruição dessas duas Torres devastou o território que as rodeava e assustou o Rei-Sacerdote, pois havia uma Torre da Alta Magia localizada em Istar e outra em Palanthas. Quanto à terceira, na Floresta de Wayreth, poucos se importavam com o que lhe acontecesse, pois ficava longe de qualquer centro de civilização.

» Assim, o Rei-Sacerdote abordou os utilizadores de magia exibindo piedade. Se deixassem as duas Torres em pé, deixá-los-ia retirar em paz, levando os livros, pergaminhos e apetrechos mágicos para a Torre da Alta

Magia em Wayreth. Com mágoa, os utilizadores de magia aceitaram esta oferta.

— Mas porque não lutaram? — interrompeu Laurana. — Eu vi Raistlin e... e Fizban quando estão zangados! Não consigo imaginar como os feiticeiros verdadeiramente poderosos poderão ser!

— Ah, mas parai para refletir nisto, Laurana. O vosso jovem amigo, Raistlin, ficou exausto após lançar até alguns feitiços que eram relativamente menores. E depois de um feitiço ser lançado, desaparece-lhe para sempre da memória, a menos que ele volte a ler o livro de feitiços e a estudá-lo. Isto passa-se assim mesmo para os magos de nível mais elevado. É assim que os deuses nos protegem daqueles que de outra forma poderiam tornar-se demasiado poderosos e aspirar à própria divindade. Os feiticeiros têm de dormir, têm de ser capazes de se concentrar, têm de passar o tempo em estudo diário. Como poderiam resistir ao cerco de turbas? E, além disso, como poderiam destruir o seu próprio povo?

» Não, eles sentiram que tinham de aceitar a oferta do Rei-Sacerdote. Até as Vestes Negras, que pouco se importavam com a população, perceberam que o único resultado possível era serem derrotados e a própria magia poderia perder-se do mundo. Retiraram-se da Torre da Alta Magia de Istar, e quase de imediato o Rei-Sacerdote ocupou-a, mudando-se para lá. Depois abandonaram a Torre aqui, em Palanthas. E a história desta Torre é uma história terrível.

Astinus, que estivera a relatar isto sem expressão na voz, de súbito ficou solene, e a sua expressão nublou-se.

— E bem recordo eu esse dia — disse, falando mais com os seus botões do que com aqueles que rodeavam a mesa. — Trouxeram-me os seus livros e pergaminhos, para serem guardados na minha biblioteca. Pois havia muitíssimos livros e pergaminhos na Torre, mais do que os utilizadores de magia podiam transportar para Wayreth. Sabiam que eu os guardaria e os estimaria. Muitos dos livros de feitiços eram antigos e já não podiam ser lidos, visto estarem trancados com feitiços de proteção, feitiços para os quais a Chave... se perdera. A Chave...

Astinus caiu no silêncio, matutando. Depois, com um suspiro, como quem afasta pensamentos sombrios, prosseguiu.

— O povo de Palanthas reuniu-se em volta da Torre enquanto o maior da Ordem, o Feiticeiro das Vestes Brancas, fechava os esguios portões de ouro da Torre e os trancava com uma chave de prata. O Senhor de Palanthas observou-o avidamente. Todos sabiam que o senhor tencionava mudar-se para a Torre, como o seu mentor, o Rei-Sacerdote de Istar, fizera. Os seus olhos demoraram-se avidamente na Torre, pois lendas das maravilhas que lá haveria, tanto belas como malignas, tinham-se espalhado pela terra.

— De todos os belos edifícios de Palanthas — murmurou o Lorde Amothus — dizia-se que a Torre da Alta Magia era o mais esplêndido. E agora...

— Que aconteceu? — perguntou Laurana, sentindo-se arrepiada enquanto a escuridão da noite penetrava na sala, desejando que alguém chamasse os criados para acender as velas.

— O Feiticeiro começou a entregar a chave de prata ao senhor — prosseguiu Astinus numa voz grave e triste. — De súbito, um das Vestes Negras apareceu a uma janela nos andares superiores. Enquanto as pessoas o olhavam horrorizadas, ele gritou: “Os portões permanecerão fechados e os salões vazios até chegar o dia em que o mestre do passado e do presente regresse com poder!” E depois, o mago malvado saltou, atirando-se aos portões. E quando as farpas de prata e ouro trespassaram a veste negra, ele enfeitiçou a Torre. O seu sangue manchou o chão, os portões de ouro e prata murcharam, contorceram-se e enegreceram. A reluzente torre branca e vermelha desbotou, transformando-se em pedra de um cinzento de gelo, e os seus minaretes negros ruíram.

» O senhor e o povo fugiram aterrorizados e, até este dia, ninguém se atreve a aproximar-se da Torre de Palanthas. Nem mesmo os kendens — Astinus fez um breve sorriso — que nada temem neste mundo. A maldição é tão poderosa que mantém *todos* os mortais afastados...

— Até ao regresso do mestre do passado e do presente — murmurou Laurana.

— Bah! O homem era louco — fungou o Lorde Amothus. — Nenhum homem é mestre do passado e do presente, a menos que sejais vós, Astinus.

— Eu não sou mestre! — disse Astinus com uma voz de tal modo oca e ressonante que todos os presentes na sala o fitaram. — Eu lembro-me do passado e registo o presente. Não procuro dominar nem um, nem outro!

— Louco, como eu disse. — O senhor encolheu os ombros. — E agora somos forçados a suportar uma monstruosidade como a Torre porque ninguém consegue aguentar viver lá perto ou aproximar-se o suficiente para a demolir.

— Creio que demoli-la seria uma pena — disse Laurana em voz baixa, deitando um relance à Torre pela janela. — O lugar dela é aqui...

— Realmente é, jovem — respondeu Astinus, fitando-a estranhamente.

As sombras da noite tinham-se aprofundado enquanto Astinus falava. A Torre depressa ficou amortalhada em trevas, enquanto luzes cintilavam no resto da cidade. Laurana pensou que Palanthas parecia estar a tentar brilhar mais que as estrelas, mas uma parcela redonda de negrume permaneceria para sempre no seu centro.

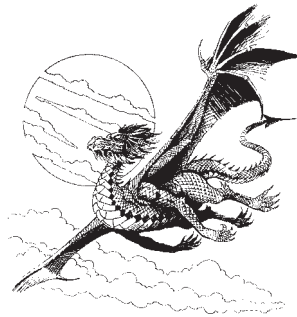
— Que triste e que trágico — murmurou ela, sentindo que devia dizer qualquer coisa, visto que Astinus a fitava diretamente. — E aquilo, a coisa escura que eu vi a esvoaçar, presa à vedação... — Calou-se, horrorizada.

— Louco, louco — repetiu sombriamente o Lorde Amothus. — Sim, isso é o que resta do seu corpo. Pelo menos é o que supomos. Ninguém conseguiu aproximar-se o suficiente para descobrir.

Laurana estremeceu. Levando as mãos à cabeça dorida, compreendeu que aquela história sinistra a perseguiria por muitas noites, e desejou nunca a ter ouvido. *Ligada ao seu destino!* Zangada, afastou aquela ideia da mente. Não importava. Não tinha tempo para aquilo. O seu destino já parecia suficientemente desagradável sem lhe acrescentar histórias infantis de pesadelo.

Como se lhe lesse os pensamentos, Astinus pôs-se subitamente em pé e pediu mais luz.

— Pois — disse friamente, fitando Laurana — o passado está perdido. O vosso futuro a vós pertence. E tendes muito trabalho a fazer antes da manhã.

**COMANDANTE DOS CAVALEIROS DE SOLAMNIA.**

— Primeiro, tenho de ler um comunicado que recebi do Lorde Gunthar há só umas horas. — O Senhor de Palanthas retirou um rolo das dobras da sua veste de fino tecido de lã e abriu-o na mesa, alisando-o cuidadosamente com as mãos. Inclinando a cabeça para trás, espreitou-o, claramente a tentar focá-lo.

Laurana, sentindo-se certa de que aquilo devia ser em resposta à mensagem que pedira ao Lorde Amothus para enviar ao Lorde Gunthar dois dias antes, mordeu o lábio de impaciência.

— Está com dobras — disse o Lorde Amothus, desculpando-se. — Os grifos que os lordes élficos tão generosamente nos emprestaram — e fez uma vénia a Laurana, a qual lhe respondeu da mesma forma, suprimindo a vontade de lhe arrancar a mensagem da mão — não podem ser ensinados a transportar estes rolos sem os amarrotarem. Ah, agora consigo ver. “Lorde Gunthar para Amothus, Senhor de Palanthas. Saudações.” Um homem encantador, o Lorde Gunthar. — O senhor ergueu o olhar. — Esteve cá no ano passado, durante o festival do Despontar da Primavera, o qual, a propósito, tem lugar dentro de três semanas, querida. Talvez queirais honrar as nossas festividades...

— Com todo o gosto, senhor, *se* algum de nós cá estiver dentro de três semanas — disse Laurana, apertando as mãos com força por baixo da mesa, num esforço para permanecer calma.

O Lorde Amothus pestanejou, após o que fez um sorriso de indulgência.

— Com certeza. Os exércitos dos dragões. Bem, continuando a leitura. “É com verdadeiro pesar que recebo a informação da perda de tantos membros da nossa Ordem. Que nos reconfortemos sabendo que morreram vitoriosos, combatendo o grande mal que ensombra as nossas terras. Sinto uma dor pessoal ainda maior pela perda de três dos nossos melhores líderes: Derek Guarda-da-Coroa, Cavaleiro da Rosa, Alfred MarKenin, Cavaleiro da Espada, e Sturm Lâmina Brilhante, Cavaleiro da Coroa.” — O senhor virou-se para Laurana. — Lâmina Brilhante. Era vosso amigo chegado, segundo creio, não era, querida?

— Sim, senhor — murmurou Laurana, baixando a cabeça, deixando o cabelo dourado cair para a frente a fim de ocultar a angústia nos seus olhos. Passara-se pouco tempo desde o enterro de Sturm na Câmara de Paladine sob as ruínas da Torre do Alto Clerista. A dor da sua perda ainda doía.

— Continuai a ler, Amothus — ordenou Astinus com frieza. — Não me posso dar ao luxo de roubar demasiado tempo aos meus estudos.

— Com certeza, Astinus — disse o senhor, corando. Recomeçou a ler apressadamente. — “Esta tragédia deixa os Cavaleiros em circunstâncias incomuns. Em primeiro lugar, a Cavalaria é agora composta principalmente por, segundo entendo, Cavaleiros da Coroa, a mais baixa Ordem de Cavaleiros. Isto significa que, embora todos tenham ultrapassado os testes e conquistado os escudos, são, contudo, jovens e inexperientes. Para a maior parte, esta foi a sua primeira batalha. A situação também nos deixa sem nenhum comandante adequado, visto que, de acordo com a Norma, tem de haver no comando um representante de cada uma das três Ordens de Cavaleiros.”

Laurana ouviu o ténue tinir das armaduras e o chocalhar das espadas quando os Cavaleiros ali presentes se mexeram desconfortavelmente. Eram líderes temporários até aquela questão do comando ficar resolvida. Fechando os olhos, Laurana suspirou. *Por favor, Gunthar, pensou, faz a escolha sensata. Já tantos morreram por causa de manobras políticas. Que isto seja o fim de tal coisa!*

— “Por conseguinte, nomeio para preencher a posição de liderança dos Cavaleiros de Solamnia Lauranthalasa da Casa Real de Qualinesti...” — O senhor fez um momento de pausa, como quem não tem a certeza de ter lido corretamente. Os olhos de Laurana esbugalharam-se e fitou-o numa incredulidade chocada. Mas não estava mais chocada do que os próprios Cavaleiros.

O Lorde Amothus mirou vagamente o rolo, relendo-o. Depois, ouvindo um murmúrio de impaciência vindo de Astinus, apressou-se a prosseguir:

— “... a qual é a pessoa mais experiente atualmente em campo, e a

única a possuir o conhecimento de como usar as lanças de dragão. Atesto a validade deste Decreto com o meu selo. Lorde Gunthar Uth Wistan, Grande Mestre dos Cavaleiros de Solamnia, etc.” — O senhor ergueu o olhar. — Parabéns, querida, ou talvez deva dizer “general”.

Laurana permaneceu muito imóvel. Por um momento ficou de tal forma preenchida de ira que julgou que iria sair da sala a passos largos. Visões nadaram perante os seus olhos, o cadáver decapitado do Lorde Alfred, o pobre Derek a morrer na sua loucura, os olhos repletos de paz e sem vida de Sturm, os corpos dos Cavaleiros que tinham morrido na Torre dispostos em fila...

E agora *ela* estava no comando. Uma donzela élfica da Casa Real. Nem sequer com idade, pelos padrões dos elfos, para estar livre da casa do pai. Uma rapariguinha mimada que fugira de casa para “ir atrás” do namorado de infância, Tanis Meio Elfo. Essa rapariguinha mimada crescera. Medo, dor, grande perda, grande mágoa, ela sabia que, de certa forma, era agora mais velha do que o pai.

Virando a cabeça, viu Sir Markham e Sir Patrick a trocar olhares. De todos os Cavaleiros da Coroa, aqueles dois eram os que serviam havia mais tempo. Sabia que ambos os homens eram soldados valentes e homens honrados. Ambos tinham combatido com bravura na Torre do Alto Clerista. Porque não teria Gunthar escolhido um deles, como ela própria recomendara?

Sir Patrick levantou-se, de expressão sombria.

— Não posso aceitar isto — disse ele em voz baixa. — A Senhora Laurana é uma guerreira valente, com certeza, mas nunca comandou homens no campo de batalha.

— E vós comandastes, jovem cavaleiro? — perguntou Astinus, imperturbável.

Patrick corou.

— Não, mas isso é diferente. Ela é uma mulh...

— Oh, vá lá, Patrick! — Sir Markham riu-se. Era um jovem descontraído e despreocupado que fazia um contraste surpreendente com o severo e sério Patrick. — Pelos no peito não te transformam num general. Descontra-te! É política. Gunthar fez uma jogada sábia.

Laurana corou, sabendo que ele tinha razão. Ela era uma escolha segura até Gunthar ter tempo de reconstruir a Cavalaria e se consolidar firmemente como líder.

— Mas não há precedente para isto! — continuou Patrick a discutir, evitando os olhos de Laurana. — Estou certo de que, de acordo com a Norma, não se permite a entrada de mulheres na Cavalaria...

— Enganais-vos — afirmou sem rodeios Astinus. — E o precedente



existe. Na Terceira Guerra dos Dragões, uma jovem foi aceite na Cavalaria após as mortes do pai e dos irmãos. Subiu a Cavaleiro da Espada e morreu honrosamente em batalha, chorada pelos camaradas.

Ninguém falou. O Lorde Amothus parecia extremamente embaraçado, quase se enfiara debaixo da mesa quando ouvira a referência de Sir Markham a peitos peludos. Astinus fitava friamente Sir Patrick. Sir Markham brincava com o copo de vinho, tendo deitado uma olhadela a Laurana e sorrido. Após uma breve luta interna, visível no seu rosto, Sir Patrick voltou a sentar-se, de cenho franzido.

Sir Markham ergueu o copo.

— À nossa comandante.

Laurana não respondeu. Estava no comando. No comando de quê?, perguntou amargamente a si própria. Os restos esfrangalhados dos Cavaleiros de Solamnia que tinham sido enviados para Palanthas; das centenas que tinham partido, não sobreviviam mais de cinquenta. Tinham conquistado uma vitória... mas a que terrível custo? Uma orbe de dragão destruída, a Torre do Alto Clerista em ruínas...

— Sim, Laurana — disse Astinus. — Deixaram-vos a apanhar os cacos.

Laurana levantou o olhar, surpreendida, assustada por aquele homem que dava voz aos seus pensamentos.

— Não desejo isto — murmurou por entre lábios que pareciam entorpecidos.

— Não me parece que algum de nós tenha andado a rezar por uma guerra — comentou causticamente Astinus. — Mas a guerra chegou, e agora tendes de fazer o que puderdes para a vencer. — Pôs-se em pé. O Senhor de Palanthas, os generais e os Cavaleiros levantaram-se respeitosamente.

Laurana permaneceu sentada, com os olhos nas mãos. Sentiu Astinus a fitá-la e recusou-se teimosamente a olhar para ele.

— Tendes de ir, Astinus? — perguntou o Lorde Amothus numa súplica.

— Tenho. Os meus estudos aguardam. Já estive demasiado tempo afastado. Agora tendes muito a fazer, e a maior parte é corriqueira e aborrecida. Não precisais de mim. Tendes o vosso líder. — E fez um movimento com a mão.

— O quê? — disse Laurana, apanhando o gesto pelo canto do olho. Olhou-o, e depois o seu olhar virou-se para o Senhor de Palanthas. — Eu? Não podeis falar a sério! Eu só estou ao comando dos Cavaleiros...

— O que faz de vós comandante dos exércitos da cidade de Palanthas, se assim quiserdes — disse o senhor. — E se Astinus vos recomenda...

— Não recomendo — disse Astinus sem rodeios. — Não posso recomendar ninguém. Não dou forma à História... — Parou de súbito, e Lau-

rana surpreendeu-se por ver a máscara escorregar-lhe da cara, revelando desgosto e mágoa. — Isto é, procurei não dar forma à História. Por vezes, até eu falho. . . — Suspirou, após o que recuperou o controlo sobre si próprio, voltando a colocar a máscara. — Já fiz o que vim fazer, fornecendo-vos conhecimentos sobre o passado. Poderão ser, ou não, relevantes para o vosso futuro.

Virou-se para se ir embora.

— Esperai! — gritou Laurana, levantando-se. Fez tenção de dar um passo na direção dele, mas hesitou quando os olhos frios e severos se cruzaram com os seus, impenetráveis como pedra sólida. — Vós... vós vedes... tudo o que acontece à medida que acontece?

— Vejo.

— Então podíeis dizer-nos onde estão os exércitos dos dragões, o que estão a fazer. . .

— Bah! Sabeis disso tão bem como eu. — Astinus voltou a virar-se.

Laurana passou um rápido olhar pela sala em volta. Viu o senhor e os generais a observá-la, divertidos. Sabia que estava outra vez a agir como aquela rapariguinha mimada, mas tinha de obter respostas! Astinus estava perto da porta, os criados estavam a abri-la. Deitando um olhar de desafio aos outros, Laurana abandonou a mesa e atravessou rapidamente o piso de mármore polido, tropeçando com a pressa na bainha do vestido. Astinus, ouvindo-a, parou à soleira da porta.

— Tenho duas perguntas — disse ela em voz baixa, aproximando-se dele.

— Sim — respondeu o historiador, fitando-a nos olhos verdes. — Uma na cabeça e outra no coração. Fazei a primeira.

— Ainda existe alguma orbe de dragão?

Astinus ficou em silêncio por um momento. De novo Laurana viu dor nos seus olhos e a sua cara sem idade pareceu de súbito velha.

— Sim — acabou por dizer. — Posso dizer-vos isso. Uma ainda existe. Mas usá-la ou encontrá-la está além das vossas capacidades. Afastai-a dos pensamentos.

— Era Tanis que a tinha — insistiu Laurana. — Isso quer dizer que a perdeu? Onde — e hesitou, aquela era a pergunta que tinha no coração — onde está ele?

— Afastai-o dos pensamentos.

— Que quereis dizer? — Laurana sentiu-se gelada pela voz coberta de geada do homem.

— Eu não prevejo o futuro. Vejo apenas o presente à medida que se vai transformando em passado. Assim o vejo desde o início dos tempos. Vi amor que, através da sua disposição para sacrificar tudo, trouxe esperança

ao mundo. Vi amor que tentou ultrapassar o orgulho e a ânsia pelo poder, mas falhou. O mundo ficou mais escuro devido a esse falhanço, mas só como uma nuvem tapa o Sol. O Sol, o amor, permanece. E por fim, vi amor perdido nas trevas. Amor mal dirigido, mal entendido, porque o amante não conhecia o seu próprio coração.

— Falais por enigmas — disse Laurana, zangada.

— Ah falo? — perguntou Astinus. Fez uma vénia. — Adeus, Lauranthalasa. O conselho que vos dou é: concentrai-vos no vosso dever.

O historiador saiu porta fora.

Laurana ficou a olhar para a porta, repetindo as palavras dele: “Amor perdido nas trevas.” Seria um enigma, ou saberia ela a resposta e simplesmente se recusava a admiti-la para si mesma, como Astinus insinuara?

“Deixei Tanis em Flotsam para tratar das coisas na minha ausência.” Kitiara dissera estas palavras. Kitiara, o Senhor dos Dragões. Kitiara, a mulher humana que Tanis amava.

De súbito, a dor no coração de Laurana, a dor que estava lá desde que ouvira Kitiara proferir aquelas palavras, essa dor desapareceu, deixando um vazio frio, um vácuo de trevas como as constelações em falta no céu noturno. “Amor perdido nas trevas.” Tanis estava perdido. Era isso que Astinus estava a tentar dizer-lhe. *Concentrai-vos no vosso dever*. Sim, ela ia concentrar-se no dever, visto que nada mais possuía.

Dando meia-volta para encarar o Senhor de Palanthas e os seus generais, Laurana atirou a cabeça para trás, fazendo reluzir o cabelo dourado à luz das velas.

— Aceito a liderança dos exércitos — disse ela, numa voz quase tão fria como o vazio na sua alma.

— *Isto sim*, é trabalhar a pedra! — afirmou Flint com satisfação, pateando as ameias da Velha Muralha da Cidade sob os seus pés. — Foram anões que construíram isto, sem qualquer dúvida. Olha para como cada pedra está cortada com cuidadosa precisão para se encaixar perfeitamente na muralha, e não há duas iguais.

— Fascinante — disse Tasslehoff, bocejando. — Foram anões que construíram a Torre que...

— Não me faças lembrar disso! — cortou Flint. — *E não foram* anões que construíram as Torres da Alta Magia. Essas foram construídas pelos próprios feiticeiros, que as criaram a partir dos ossos do mundo, tirando as pedras do solo com a sua magia.

— Que maravilha! — Tas suspirou, despertando. — Gostava de ter estado lá. Como...

— Isso não é nada — prosseguiu o anão em voz alta, fitando furiosa-

mente Tas — comparado com o trabalho dos pedreiros anões, que passaram séculos a aperfeiçoar a sua arte. Olha para esta pedra. Vê a textura das marcas do cinzel...

— Aí vem a Laurana — disse Tas, agradecido, satisfeito por pôr fim àquela lição em arquitetura dos anões.

Flint abandonou o exame da muralha de pedra para observar a caminhada de Laurana na direção deles, vinda de um grande corredor escuro que desembocava na ameia. Estava de novo vestida com a armadura que usara na Torre do Alto Clerista; o sangue fora lavado do peitoral de aço decorado com ouro, as amolgadelas tinham sido reparadas. O longo cabelo cor de mel da jovem elfa fluía de debaixo do seu elmo de penacho vermelho, reluzindo à luz de Solinari. Caminhava lentamente, de olhos postos no horizonte oriental, onde as montanhas eram sombras escuras contra o céu cheio de estrelas. O luar também lhe tocava o rosto. Olhando-a, Flint suspirou.

— Ela está mudada — disse ele em voz baixa a Tasslehoff. — E os elfos nunca mudam. Lembras-te de quando a conhecemos em Qualinesti? No outono, só há seis meses. Mas podiam ter-se passado anos...

— Ainda não ultrapassou a morte de Sturm. Só se passou uma semana — disse Tas, com a sua cara endiabrada de kender invulgarmente séria e pensativa.

— Não é só isso. — O velho anão abanou a cabeça. — Teve qualquer coisa a ver com aquele encontro com a Kitiara, na muralha da Torre do Alto Clerista. Foi algo que Kitiara fez ou disse. Raios a partam! — exclamou o anão com rancor. — Nunca confiei nela! Mesmo nos velhos tempos. Não me surpreendeu vê-la ataviada de Senhor dos Dragões. Daria uma montanha de moedas de aço para saber o que ela disse a Laurana para lhe apagar assim a luz. Parecia um fantasma quando a trouxemos da muralha, depois de Kitiara e o dragão azul se irem embora. Apostava a minha barba — resmungou o anão — que teve alguma coisa a ver com Tanis.

— Não consigo acreditar que Kitiara é um Senhor dos Dragões. Ela foi sempre... foi sempre... — Tas procurou as palavras certas. — Bem, divertida!

— Divertida? — disse Flint, contraindo as sobrancelhas. — Talvez. Mas também sempre foi fria e egoísta. Oh, era bastante encantadora quando queria ser. — A voz de Flint afundou-se num sussurro. Laurana estava a aproximar-se o suficiente para ouvir. — O Tanis nunca o viu. Sempre acreditou que havia mais em Kitiara por baixo da superfície. Julgava que só ele a conhecia, que ela se tapava com uma casca dura para esconder um coração terno. Ah! Tinha tanto coração como estas pedras.

— Quais são as novidades, Laurana? — perguntou Tas alegremente quando a donzela élfica chegou junto deles.

Laurana sorriu aos velhos amigos mas, como Flint dissera, já não era o sorriso inocente e alegre da donzela que caminhara à sombra das faias de Qualinesti. Agora o seu sorriso assemelhava-se à desolação do sol num dia frio de inverno. Dava luz mas não calor, talvez por não haver nenhum calor nos seus olhos.

— Sou comandante dos exércitos — disse num tom monocórdico.

— Parab... — começou Tas a dizer, mas perdeu a voz ao ver o rosto dela.

— Não há motivo nenhum para parabéns — disse Laurana com amargura. — Que comando eu? Uma mancheia de Cavaleiros, presos num bastião arruinado a quilómetros de distância, nas Montanhas de Vingaard, e mil homens que defendem as muralhas desta cidade. — Cerrou o punho enluvado, de olhos postos no céu oriental que começava a mostrar o mais ténue dos brilhos da luz da manhã. — Devíamos estar em campo! Agora! Enquanto o exército dos dragões ainda está disperso e a tentar reagrupar-se! Podíamos derrotá-los facilmente. Mas não, não nos atrevemos a sair para as planícies, nem sequer com as lanças de dragão. Para que servem elas contra dragões em voo? Se tivéssemos uma orbe de dragão...

Ficou em silêncio por um momento, após o que inspirou profundamente. O seu rosto endureceu.

— Bom, não temos. Não vale a pena pensar nisso. Portanto, ficaremos aqui, nas ameias de Palanthas, e esperaremos a morte.

— Ora, Laurana — repreendeu Flint, limpando rudemente a garganta. — As coisas talvez não sejam assim tão negras. Há boas muralhas sólidas à volta desta cidade. Mil homens podem defendê-la facilmente. Os gnomos defendem o porto com as suas catapultas. Os Cavaleiros guardam a única passagem através das Montanhas Vingaard e enviámos-lhes reforços. E temos as lanças de dragão, pelo menos algumas, e Gunthar mandou dizer que vinham mais a caminho. Não podemos atacar dragões em voo? E daí? Eles pensarão duas vezes antes de voarem por cima das muralhas...

— Isso não é suficiente, Flint! — Laurana suspirou. — Oh, com certeza, talvez consigamos resistir aos exércitos dos dragões durante uma semana ou duas, talvez até um mês. Mas e depois? O que nos acontece quando eles controlarem a terra à nossa volta? Tudo o que podemos fazer contra dragões é trancar-nos em portinhos seguros. Depressa este mundo não passará de minúsculas ilhas de luz rodeadas por vastos oceanos de escuridão. E depois, um por um, a escuridão irá engolir-nos a todos.

Laurana pousou a cabeça na mão, encostada à muralha.

— Há quanto tempo não dormes? — perguntou Flint com severidade.

— Não sei — respondeu ela. — O tempo que passo acordada ou a dormir parece misturar-se. Passo metade do tempo a caminhar por um sonho e a outra metade a atravessar adormecida a realidade.

— Vai agora dormir — disse o anão, naquilo a que Tas se referia como a Voz do Avô. — Nós vamos para dentro. O turno está quase no fim.

— Não posso — disse Laurana, esfregando os olhos. A ideia de dormir fê-la aperceber-se de súbito de quão exausta estava. — Vim dizer-vos que recebemos relatos sobre avistamentos de dragões, a voar para oeste por cima da cidade de Kalaman.

— Então vêm nesta direção — disse Tas, visualizando mentalmente um mapa.

— Relatos de quem? — perguntou o anão, desconfiado.

— Dos grifos. Não franzas assim o sobrolho. — Laurana sorriu ligeiramente ao ver a repugnância do anão. — Os grifos têm-nos sido muitíssimo úteis. Se os elfos não fizeram mais nenhuma contribuição para esta guerra além dos grifos, já fizeram bastante.

— Grifos são animais estúpidos — afirmou Flint. — E eu confio tanto neles como em kendens. E além do mais — prosseguiu o anão, ignorando o olhar indignado de Tas — isso não faz sentido. Os Senhores não mandariam dragões atacar-nos sem os exércitos a apoiá-los...

— É possível que os exércitos não estejam tão desorganizados como ouvimos dizer. — Laurana soltou um suspiro de fadiga. — Ou talvez os dragões estejam apenas a ser enviados para causar o caos que puderem. Desmoralizar a cidade, devastar os campos circundantes. Não sei. Olha, a notícia espalhou-se.

Flint olhou em volta. Os soldados que não estavam de serviço continuavam nos seus lugares, olhando para as montanhas a leste, cujos cumes cobertos de neve estavam a colorir-se de um delicado tom rosado na aurora que ia chegando. Conversando em voz baixa, outros juntavam-se-lhes, após terem ouvido a novidade assim que acordaram.

— Era o que eu temia. — Laurana suspirou. — Isto vai gerar pânico! Eu avisei o Lorde Amothus para manter a novidade em segredo, mas os palantinos não estão habituados a manter nada em segredo! Pronto, que te dizia eu?

Olhando da muralha, os amigos viram as ruas começarem a encher-se de gente — meio vestida, ensonada, assustada. Vendo-os correr de casa em casa, Laurana conseguia imaginar os boatos a espalhar-se.

Mordeu o lábio, os seus olhos verdes chamejantes de ira.

— E agora vou ter de tirar homens das muralhas para voltar a enfiar esta gente em casa. Não os posso ter nas ruas quando os dragões atacarem! Eh, homens, venham comigo! — Gesticulando a um grupo de soldados

que estavam ali perto, Laurana foi-se apressadamente embora. Flint e Tas viram-na desaparecer escadas abaixo, dirigindo-se para o palácio do senhor. Depressa viram patrulhas armadas a espalhar-se pelas ruas, tentando pastorear as pessoas de regresso às suas casas e sufocar a maré enchente de pânico.

— E estão a ter um sucesso e peras! — fungou Flint. A cada momento, a multidão nas ruas aumentava.

Mas Tas, empoleirado num bloco de pedra e a olhar por cima da muralha, abanou a cabeça.

— Não importa! — sussurrou em desespero. — Flint, olha...

O anão subiu apressadamente para se ir pôr ao lado do amigo. Homens já apontavam e gritavam, agarrando em arcos e lanças. Aqui e ali, via-se a ponta farpada e prateada de uma lança de dragão, a reluzir à luz dos archotes.

— Quantos? — perguntou Flint, semicerrando os olhos.

— Dez — respondeu lentamente Tas. — Dois bandos. E os dragões são grandes. Talvez dos vermelhos, como os que vimos em Tarsis. Não consigo ver-lhes a cor contra a luz da alvorada, mas vejo neles condutores. Talvez um Senhor. Talvez Kitiara... Xi... — disse Tas, assaltado por um súbito pensamento. — Espero conseguir falar com ela desta vez. Deve ser interessante ser-se um Senhor...

As suas palavras perderam-se no som de sinos a tocar em torres por toda a cidade. As pessoas nas ruas ergueram o olhar para as muralhas, onde os soldados apontavam e exclamavam. Muito abaixo de onde se encontravam, Tas viu Laurana a sair do palácio do senhor, seguida pelo próprio senhor e por dois dos seus generais. O kender apercebeu-se, pelo porte dos seus ombros, de que Laurana estava furiosa. Gesticulou na direção dos sinos, desejando aparentemente vê-los silenciados. Mas era tarde de mais. O povo de Palanthas perdera o tino de terror. E a maioria dos soldados inexperientes estava num estado quase tão mau como os civis. O som de gritos, gemidos e apelos roucos ergueu-se no ar. Sombrias memórias de Tarsis voltaram à mente de Tas, pessoas espezinhas até à morte nas ruas, casas a explodir em chamas.

O kender virou-se lentamente.

— Suponho que não quero falar com Kitiara — disse em voz baixa, esfregando os olhos com a mão enquanto via os dragões a aproximar-se cada vez mais. — Não quero saber como é ser-se Senhor dos Dragões, porque deve ser triste, sombrio e horrível... Espera...

Tas olhou fixamente para leste. Não conseguia acreditar nos seus olhos, pelo que se debruçou muito, ficando perigosamente perto de cair da muralha.

— Flint! — gritou, esbracejando.

— O que é? — disse Flint com brusquidão. Agarrando em Tas pelo cinto das calças, o anão içou o entusiasmado kender para trás com um puxão.

— É como em Pax Tharkas! — balbuciou Tas incoerentemente. — Como no Túmulo de Huma. Como Fizban disse! Eles estão aqui! Vieram!

— Quem é que está aqui? — rugiu Flint, exasperado.

Aos saltos de entusiasmo, projetando violentamente as bolsas para todos os lados, Tas virou-se sem responder e desatou a correr, deixando o anão furibundo na escada, aos gritos de:

— Quem é que está aqui, ó cabeça de abóbora?

— Laurana! — gritou a voz estridente de Tas, cortando o ar do início da manhã como uma trombeta ligeiramente desafinada. — Laurana, eles vieram! Estão aqui! Como o Fizban disse! Laurana!

Amaldiçoando o kender em surdina, Flint voltou a fitar o leste. Depois, olhando rapidamente em volta, o anão enfiou uma mão num bolso do colete. Apressadamente, puxou para fora um par de óculos e, voltando a olhar em redor para se certificar de que ninguém o estava a observar, pô-los.

Agora conseguia distinguir o que não passara de uma névoa de luz rosada, interrompida pelas massas mais escuras e pontiagudas da cordilheira. O anão inspirou profunda e tremulamente. Os seus olhos obscureceram-se de lágrimas. Arrancou rapidamente os óculos de cima do nariz e devolveu-os à respetiva caixa, voltando a enfiá-los no bolso. Mas tivera os óculos postos durante o tempo necessário para ver a aurora tocar as asas de dragões com uma luz rosada, rosa a reluzir em prata.

— Baixai as armas, rapazes — disse Flint aos homens que o rodeavam, limpando os olhos com um dos lenços do kender. — Graças a Reorx. Agora temos uma hipótese. Agora temos uma hipótese...